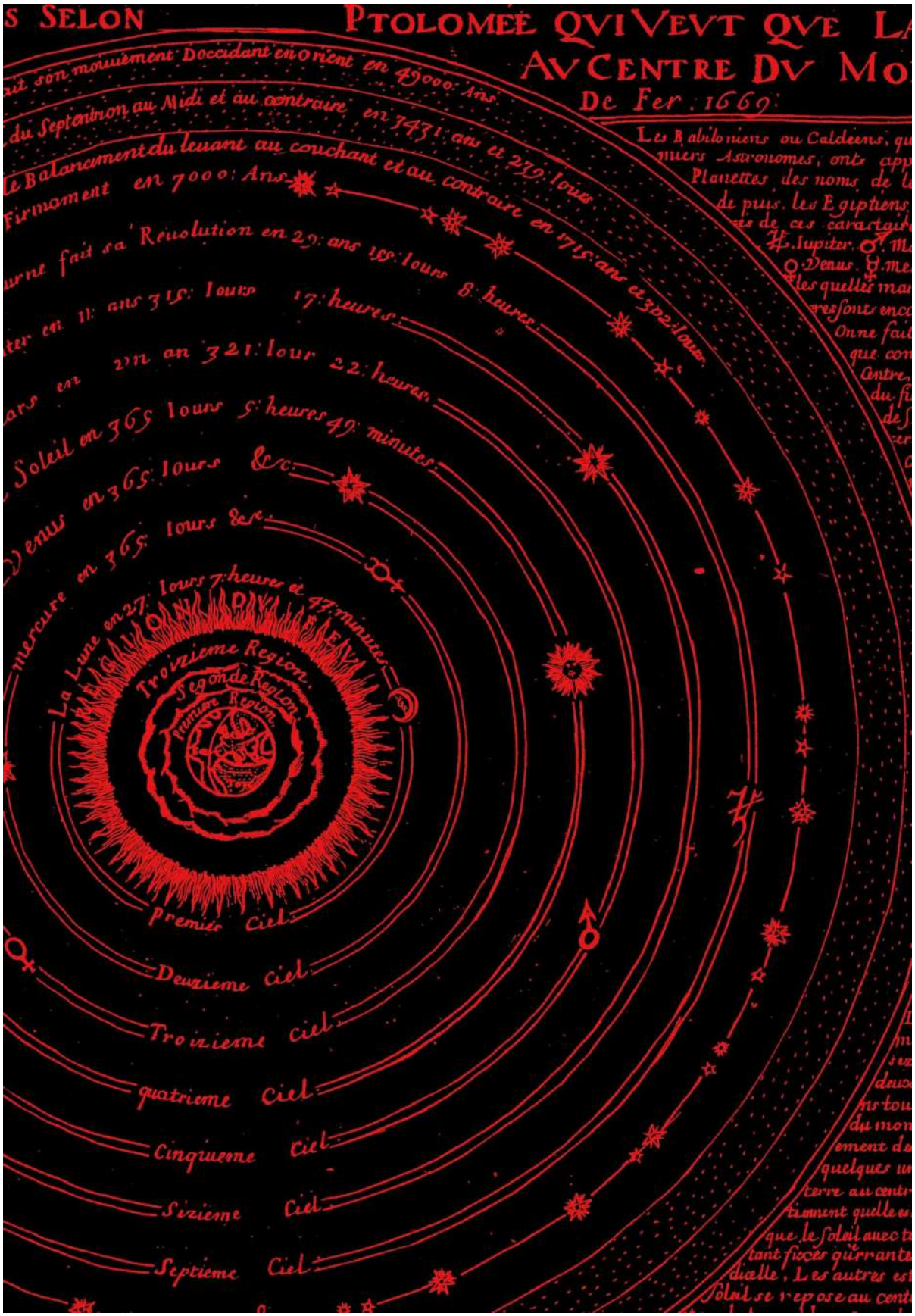
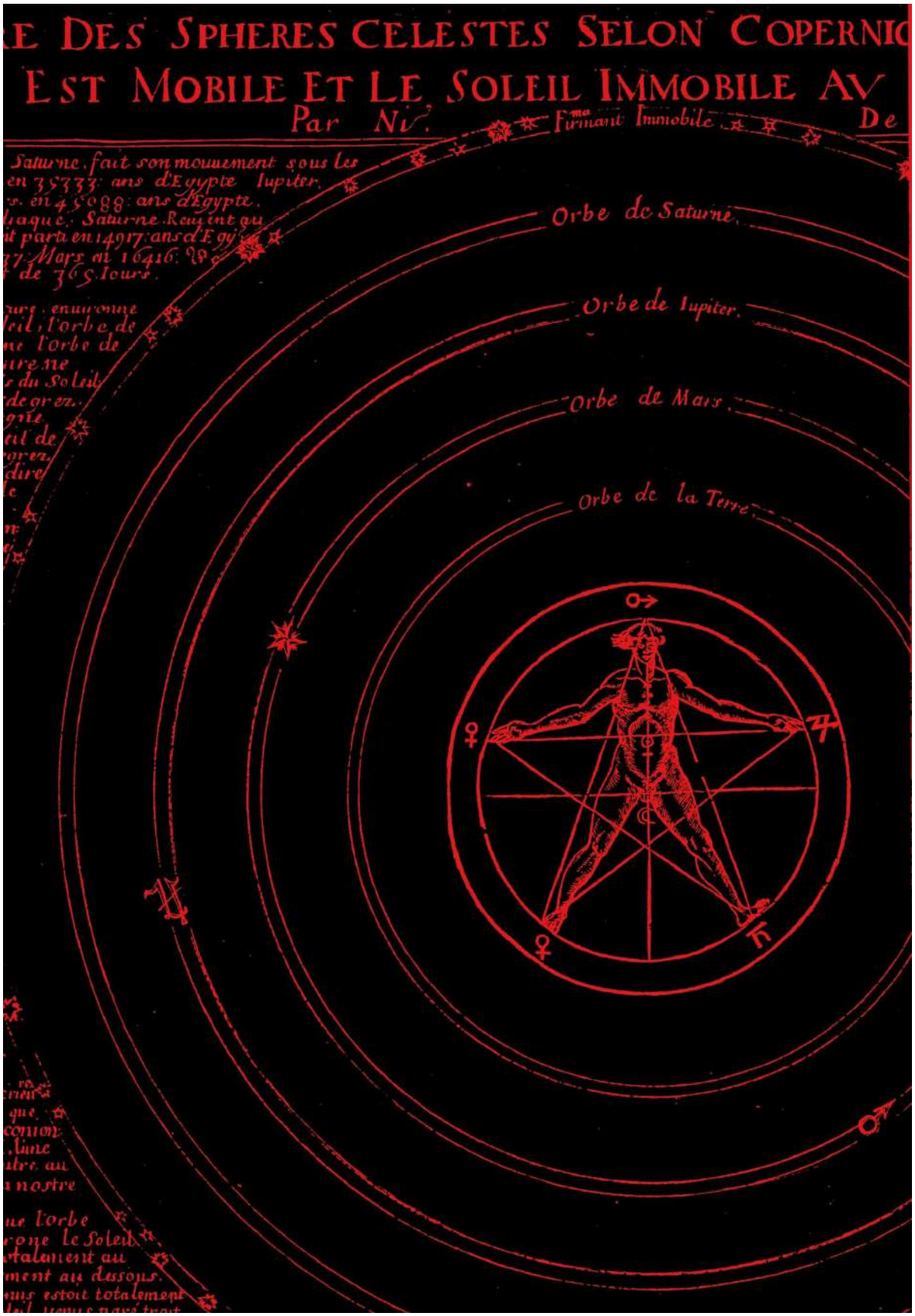
LIVROS DE SANGUE

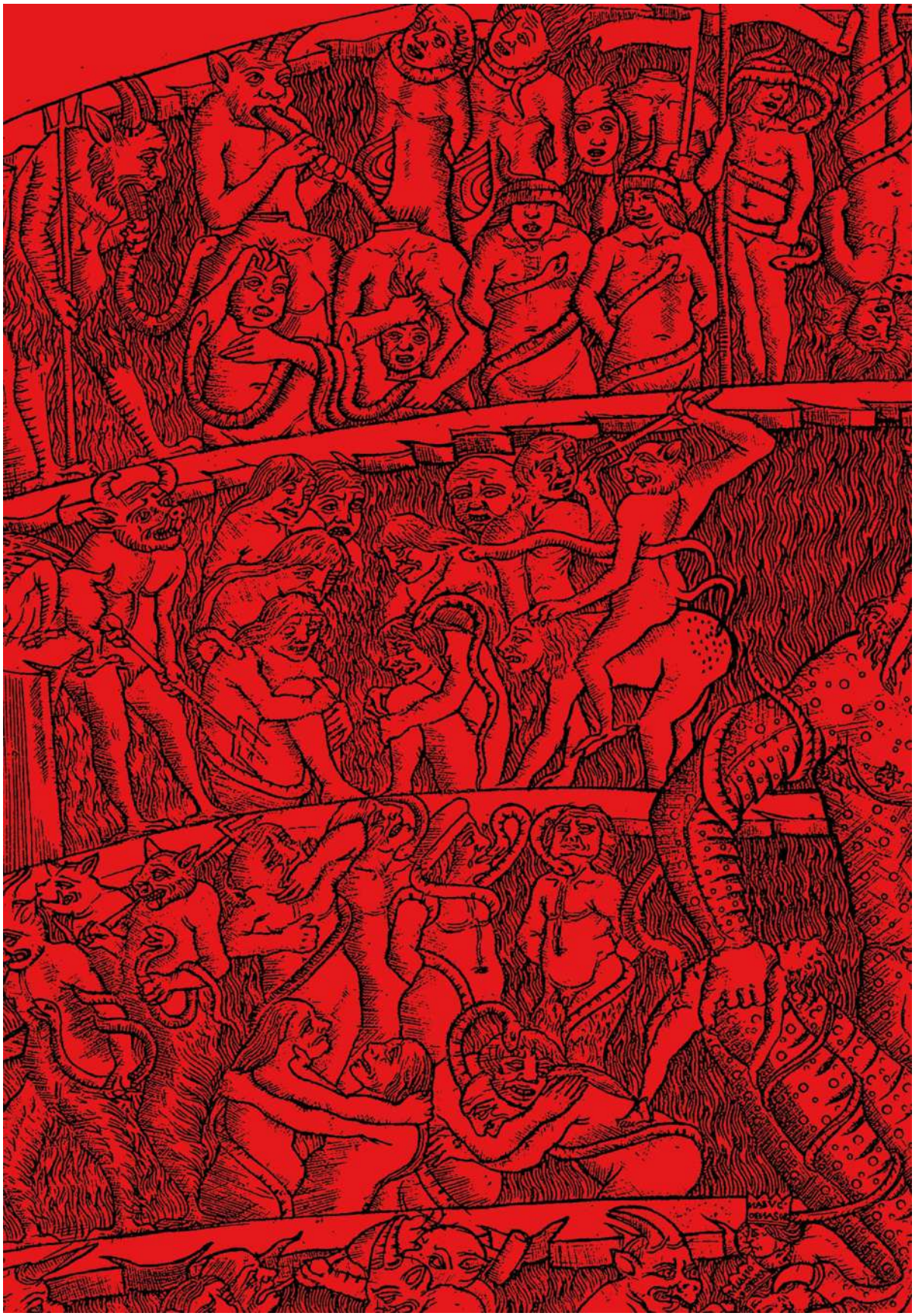

S SELON PTOLOMEE QVI VEVT QVE LA
AV CENTRE DV MO
De Fer. 1669.
Les Babiloniens ou Caldeens, qu
nuers Astronomes, ont app
Planettes des noms de l
de puis. les Egiptiens
es de ces caractair
Iupiter.
Venus.
les quelles ma
resont enc
Onne fai
que con
Antre,
du fi
de S
uit son mouuement Doccidant en Orient en 49000. Ans
du Septentrion au Midi et au contraire en 7431. an et 272. Iours
le Balancement du leuant au couchant et au contraire en 1715. ans et 302. Iours
Firmament en 7000. Ans
urne fait sa Reuolution en 29. ans 168. Iours 8. heures
ter en 11. ans 315. Iours 17. heures
ars en 2m an 321. Iour 22. heures
Soleil en 365 Iours 5. heures 49. minutes
Venus en 365. Iours &c.
Mercure en 365. Iours &c.
La Lune en 27. Iours 7. heures et 43. minutes
Troizieme Region.
Segonde Region.
Premier Region.
Premier Ciel.
Deuzieme Ciel.
Troizieme Ciel.
quatrieme Ciel.
Cinquieme Ciel.
Sizieme Ciel.
Septieme Ciel.


E DES SPHERES CELESTES SELON COPERNIC
EST MOBILE ET LE SOLEIL IMMOBILE AV
Par Ni.
Firmant Immobile
De
Saturne, fait son mouuement sous les
en 35333: ans d'Egypte Iupiter.
s. en 45088: ans d'Egypte.
liaque. Saturne Reuient au
it parti en 14917: ans d'Egy
37: Mars en 16416: &c
de 365. Iours.
Orbe de Saturne.
Orbe de Iupiter.
Orbe de Mars.
Orbe de la Terre.

LIVROS DE SANGUE

TRADUÇÃO | PAULO RAVIERE

MACABRA™
DARKSIDE



LIVROS DE SANGUE VOLUME 2
BOOKS OF BLOOD VOLUME II

Copyright © 1988 by Clive Barker
First published in Great Britain in 1988 by Sphere,
an imprint of Little, Brown Book Group

Tradução para a língua portuguesa
© Paulo Raviere, 2021

A visão macabra da capa é criação de
Stefan Lonchner: “The Last Judgment” (1440–1441).

As ilustrações de Clive Barker foram
resgatadas e cedidas pela equipe do site Revelations

Fazenda Macabra
Reverendo Menezes
Pastora Moritz
Coveiro Assis
Caseiro Moraes

Leitura Sagrada
Cesar Bravo
Luciana Kühl
Talita Grass
Tinhoso e Ventura

Direção de Arte
Macabra

Impressão
Ipsis Gráfica

A toda Família DarkSide

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7889

Livros de sangue: volume 2 / Clive Barker ;
tradução de Paulo Raviere. — Rio de Janeiro :
DarkSide Books, 2021.
240 p.

ISBN: 978-65-5598-085-1
Titulo original: *Books of Blood vol. 2*

1. Contos ingleses 2. Contos de terror
I. Título II. Raviere. Paulo

21-0823 | CDD 823

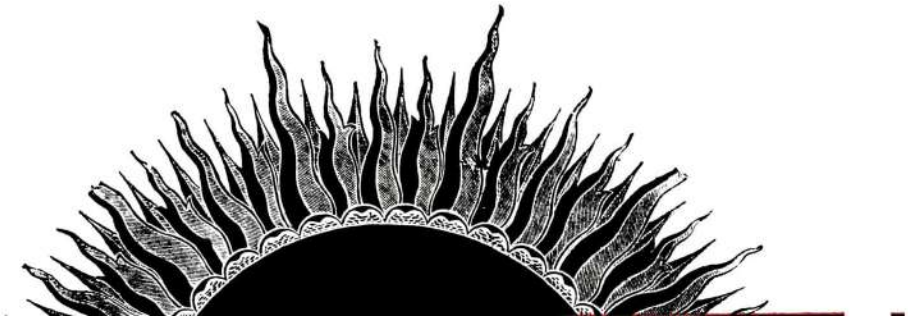
índices para catálogo sistemático: 1. Contos de terror

Que o Solstício de Inverno acenda nossas luzes interiores para guiar as almas nas longas noites. Que a dança ao redor do fogo seja a celebração da vida e do renascimento, e as mudanças rompam com tudo aquilo que nos fere. Esta colheita valoriza as relações humanas que nos permitem continuar mesmo quando tudo ao redor parece assustador.

Todos os direitos desta edição reservados à
DarkSide® Entretenimento Ltda. • darksidebooks.com
Macabra™ Filmes Ltda. • macabra.tv
© 2021 MACABRA/ DARKSIDE

eBook: *Hyperion* | **Colaboração**: *Yuna* | **Versão**: *v1.0.0*

Orbe de Iupiter.
Orbe de Mars.
CLIVE BARKER



SUMÁRIO

Página de título

Créditos

Epígrafe

Dedicatória

Introdução: Visceralmente vivos

1. Pavor

2. Evento do inferno

3. O testamento de Jacqueline Ess

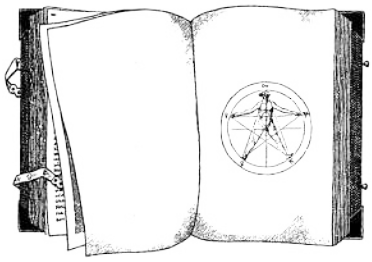
4. A pele dos pais

5. Novos assassinatos na Rua Morgue

Conhecemos o poder de um sonho…

Sobre o autor

Cólofon



O LAMENTO DE
SEU SANGUE ERA
MÚSICA.

Para Johnny.

VISCERALMENTE VIVOS

POR BRUNO RIBEIRO

Clive Barker consegue descrever o impossível. Seja através do teatro, cinema, artes plásticas ou da literatura, este criador de pegada única deu cor e vida a coisas que não ousávamos sequer imaginar serem capazes de existir. Ele invocou aquilo que todos os artistas almejam: uma voz. Concebeu um estilo próprio e o expandiu de forma ilimitada, infinita. As obras de Barker, especificamente os seis volumes dos seus *Livros de Sangue*, utilizam da crueldade como apetite voraz pela vida e uma intenção implacável de rigor e determinação. Esses livros sangrentos colocam para fora o que somos, o que importa, e proclama que se não for para dar tudo — tripas, cérebro, coração e alma —, então nada valerá a pena. É o horror enquanto processo, pulsão e êxtase.

É um retorno à vida como forma de nos restaurar.

Essas questões levantadas são nitidamente visíveis nas pinturas de Barker — ele começou a pintar aos 45 anos —, repletas de tintas rasgadas e autobiográficas que me puxam de imediato ao processo criativo de Francis Bacon e Lucian Freud, pintores que encharcavam os seus traumas no jogo camicase dos quadros. Penso nesses pintores confessionais e agressivos porque a arte do Clive Barker é a sua confissão. E, como eles, mestres da autópsia, este inglês macabro abre as suas vivências e o corpo daquilo que produz, mostrando o que há dentro. Abre também o cérebro da sociedade com uma marreta e expõe os nossos medos e, principalmente, os nossos desejos.

Lembre-se: quando um artista trata de desejos — sem freios nem limitações — devemos estar preparados para os tremores.

O desejo na arte, se tratado de forma eficaz, faz com que não haja uma identificação direta com quem quer que seja. Não há pactos compassivos ou tapinhas no ombro. O desejo é o irracional, é aquilo que nós sentimos diariamente e carregamos conosco, mas que precisamos negá-lo para ficarmos bem na foto. O correto no desejo é a foto tremida. Está nas costas do Instagram, o lado B da vida. Não há como abraçar o desejo e querer ser amado e admirado pelo mundo. É uma escolha arriscada e, sem riscos, não há arte boa. A verdadeira beleza deste tipo de arte está no salto ao vazio, na perca dos receios e sentidos, na voragem. É beleza enquanto epilepsia, ou, como o poeta Charles Baudelaire — outro artista do transe e dos horrores maravilhosos — afirmava: “o belo é bizarro”. Para Barker não só é bizarro como é catártico. Purificação das emoções. A Verdade com V maiúsculo.

Vale qualquer coisa para quem está disposto a se entregar ao desejo.

Falamos das suas pinturas, mas vemos isso tudo no seu trabalho com o cinema também. Especificamente na sua direção em *Hellraiser* e *Raça das Trevas*, criações fílmicas onde Barker não nos poupa das imagens mais horripilantes. O gráfico e o explícito enquanto forma e religião. A sua exumação lírica tornando-se carne visível, adaptando o que todos diziam ser inviável, mostrando que a sua mente é capaz de traduzir as depravações humanas em todos os campos e orifícios possíveis.

Não há limites criativos nem espaciais para ele. E por isso que a sua literatura é tão vasta. Por isso que a sua voz é tão única.

Acompanhamos o trabalho de um demiurgo que não mede esforços para transformar palavras em nocautes. O seu trabalho nas artes plásticas, cinema e teatro ganham ainda mais espaço com as possibilidades ilimitadas da literatura. A página em branco da escritura é o mar onde Barker afoga os seus outros talentos, concebendo o horror da vida em sua forma mais pura e plural.

Duvida?

Basta abrir então as páginas deste segundo volume dos seus *Livros de Sangue* para conferir. Aqui, vemos essas obsessões citadas acima em modo turbinado. Há medo, inferno, traumas, sexo, poderes sobrenaturais, monstros e investigações estranhas. Do esquisito ao grotesco, do fantástico ao drama, nada escapa de Clive Barker e o seu olhar aguçado para as miudezas humanas.

O conto que abre este livro, “Pavor”, fala do “escuro atrás da porta”. Os nossos maiores medos, aqueles que evitamos sequer pensar que existem. Mergulhamos nas sensações desses medos, em teorias estranhas sobre as suas origens e colocamos a nossa própria sanidade pra jogo.

“Evento do inferno” nos questiona: “e se o apocalipse fosse decidido em uma corrida?”. A cada cem anos, os asseclas do inferno sobem à terra para participar de uma maratona. Se os demônios vencerem, o mundo será destruído. Se nós, humanos, vencermos, teremos mais cem anos de democracia. Ganhar ou perder… Há diferença?

Em “O testamento de Jacqueline Ess”, uma protagonista prestes a morrer absorve um poder inimaginável que fará com que ela embarque num vórtice alucinado de sangue e tesão (muito tesão). Ela se reinventa e mergulha de ponta no abismo da vida, abraça uma experiência-limite que a coloca entre o medo e o prazer, o sublime e o profano. É a fascinação pela ponta da lâmina. É viver sem limites.

Já em “As Peles dos Pais” acompanhamos uma procissão de horrores vindoura dos recônditos mais sinistros da mente. Um Mustang tosse, engasga e morre no meio de uma estrada deserta. Nas mãos de um escritor pouco experiente este ponto de partida não pode dizer muita coisa, nas mãos de Barker é a largada para uma guerra no meio do deserto, travada pelos moradores de uma cidadezinha e monstros de “geometrias impossíveis”, mas que Barker consegue descrevê-los como ninguém com seus pincéis barrocos.

“Novos Assassinatos na Rua Morgue” é uma espécie de continuação do conto “Assassinatos na Rua Morgue”, de Edgar Allan Poe. O protagonista se diz neto do narrador do conto do Poe e, segundo ele, a história dos assassinatos narrados no conto é verdadeira. O seu avô, em uma viagem à América, conheceu o famoso escritor americano e lhe contou sobre o acontecido, que seria imortalizado nas páginas dos seus livros. Um conto noir e sinistro de amor que deixaria Poe orgulhoso.

Resumindo: este volume carrega tudo o que os fãs do Barker aguardam. Por quê? Porque Barker disse em uma entrevista que nós “fomos educados ao silêncio”. E o que ele faz? Rompe com a educação quadrada que enfiam em nossa goela até hoje, pois esses livros nos educam ao grito. Não existe repressão ou silêncio aqui, as coleiras caíram e o rosnado vocifera a cada página deste segundo volume dos *Livros de Sangue*. E, sim, você faz parte deste show também, leitor. Você mesmo: não olhe para o lado. Estou falando com você e os seus mil e poucos desejos guardados numa caixinha de

Pandora. Arregace as mangas conosco e se prepare para o último gozo. Ele será cheio de sangue, riso, merda, dor e prazer. Não negue todas as benesses e malefícios dele. Abrace-o, afinal, estamos vivos, visceralmente vivos.

Nada é mais assustador do que um medo que você não pode nomear.

— Cornelia Funke —

PAVOR

Não há deleite equiparável ao do pavor. Se fosse possível sentar-se de maneira invisível entre duas pessoas em qualquer trem, em qualquer sala de espera ou escritório, de tempo em tempo a conversa ouvida circundaria esse assunto. Com certeza o debate poderia aparentar ser sobre algo inteiramente diverso; o estado da nação, um papo despretensioso sobre a morte nas estradas, o preço crescente dos tratamentos dentários; no entanto, despido da metáfora, das alusões, aninhado no cerne do discurso, está o pavor. Enquanto a natureza de Deus e a possibilidade da vida eterna permanecem indiscutidas, mastigamos com alegria as minutas da miséria. Tal síndrome não conhece fronteiras; tanto nas saunas como no auditório de seminários, o mesmo ritual se repete. Com a inevitabilidade da língua que insiste em conferir um dente dolorido, voltamos e voltamos e voltamos aos nossos medos, sentando para discuti-los com a avidez de um faminto diante de um prato de comida quente. Quando ainda estava na universidade, e com medo de falar, Stephen Grace foi ensinado a falar sobre a razão de seu medo. Na verdade, não apenas a falar a respeito, mas a analisar e dissecar cada terminal nervoso à procura de terrores minúsculos.

Nessa investigação, ele teve um professor: Quaid.

Era uma época de gurus: era a temporada deles. Em universidades de toda a Inglaterra, rapazes e moças andavam de leste a oeste à procura de pessoas a quem seguir como cordeiros; Steve Grace era apenas um dentre muitos. Para seu azar, Quaid foi o Messias por ele encontrado.

Conheceram-se na Área de Lazer dos Estudantes.

“Meu nome é Quaid”, disse o homem ao lado de Steve no bar.

“Ah.”

“E você é —?”

“Steve Grace.”

“Sim. Está na aula de Ética, certo?”

“Certo.”

“Nunca vi você em nenhuma das outras matérias ou palestras de Filosofia.”

“É a minha optativa do ano. Estou no curso de Literatura Inglesa. Mas não suportava a ideia de passar um ano tendo aulas de Antiguidade Nórdica.”

“Então pegou Ética.”

“Sim.”

Quaid pediu uma dose dobrada de conhaque. Não parecia assim tão bem de vida, e uma dose dupla de conhaque aleijaria as finanças de Steve por toda uma semana. Quaid a virou depressa e pediu outra.

“O que você vai querer?”

Steve sustentava meio copo de uma *lager* morna, determinado a fazê-la durar uma hora.

“Eu, nada.”

“Ah, vai sim.”

“Estou bem.”

“Outro conhaque e uma *lager* para meu amigo.”

Steve não resistiu à generosidade de Quaid. Quase um litro de *lager* em seu sistema mal alimentado seria uma contribuição e tanto para aplacar o tédio da aula sobre “Charles Dickens como Analista Social” que teria a seguir. Bocejava só de pensar nisso.

“Alguém deveria fazer uma pesquisa sobre a bebida como uma atividade social.”

Quaid estudou o conhaque por um momento, então o virou.

“Ou como distração”, completou.

Steve examinou o homem. Talvez cinco anos a mais que os 20 anos de Steve. A mistura de roupas que ele usava era confusa. Tênis de corrida esfarrapados, calças de veludo, uma camisa cinza e branca que já tinha visto dias melhores; e sobre ela uma caríssima jaqueta de couro preta que não se encaixava direito em seu corpo alto e magricela. A face era comprida e pouco memorável; os olhos de um azul-leitoso tão pálido que a cor parecia escorrer

para os brancos, atrás dos óculos grossos só eram visíveis as íris parecidas com cabeças de alfinete. Lábios grossos como os de Jagger, porém pálidos, secos e sem sensualidade. Cabelo loiro-escuro.

Quaid, deduziu Steve, poderia se passar por um traficante holandês.

Não usava nenhum emblema. Eles eram a moeda comum das obsessões de um estudante, e Quaid parecia nu sem algo que demonstrasse quais os seus prazeres. Seria gay, feminista, militante da campanha pela salvação das baleias; ou um vegetariano fascista? Qual era a dele, pelo amor de Deus?

"Você deveria ter pego Antiguidade Nórdica", afirmou Quaid.

"Por quê?"

"Sequer se importam em dar nota para os trabalhos nessa matéria", disse Quaid.

Steve não tinha ouvido falar disso. Quaid prosseguiu.

"Apenas jogam tudo para cima. Se cair com a frente para cima, tira A. Frente para baixo, tira B."

Ah, era uma piada. Quaid estava sendo sagaz. Steve tentou rir, mas o rosto de Quaid permaneceu inabalado com a própria tentativa de humor.

"Você deveria estudar Antiguidade Nórdica", repetiu. "Qual a utilidade do Bispo Berkeley? Ou de Platão. Ou —"

"Ou?"

"Tudo uma merda."

"Sim."

"Eu te vi na Aula de Filosofia —"

Steve ficou curioso a respeito de Quaid.

"… Você nunca anota nada, não é?"

"Não."

"Pensei que tinha uma confiança sublime, ou apenas não se importava."

"Nenhuma das duas coisas. Só estou completamente perdido."

Quaid grunhiu, e puxou um maço de cigarros baratos. Mais uma vez, não era o esperado. Ou você fumava Gauloises, Camel, ou não fumava.

"Não é filosofia de verdade o que ensinam aqui", declarou Quaid, com um desprezo explícito.

"Hum?"

"Eles oferecem uma papinha com um pouco de Platão, ou um pouco de Bentham para comermos — nenhuma análise de verdade. Tem as mesmas características, claro. É parecida com a besta: até mesmo cheira como a besta, para os não iniciados."

“Que besta?”

“A Filosofia. A *verdadeira* Filosofia. É uma besta, Stephen. Não acha?”

“Eu não tinha —”

“Ela é selvagem. Ela morde.”

De repente deu um sorriso vulpino.

“Sim. Ela morde”, respondeu.

Ah, isso o agradava. Mais uma vez, para dar sorte: “morde”.

Stephen gesticulou com a cabeça. A metáfora estava além de sua compreensão.

“Acho que deveríamos nos sentir massacrados com a matéria.” Quaid se empolgou com toda a questão da educação castradora. “Não deveríamos ter medo de brincar com as ideias que precisamos debater.”

“Por quê?”

“Porque se fôssemos filósofos de valor não trocaríamos afagos acadêmicos. Não debateríamos questões semânticas; não usaríamos truques linguísticos para encobrir as preocupações reais.”

“E o que faríamos?”

Steve começava a se sentir como o parceiro de comédia de Quaid. Todavia aquele homem não estava contando piadas. Seu rosto estava sério: as íris de cabeça de alfinete haviam se reduzido a pontículos.

“Chegaríamos bem perto da besta, Steve, não acha? Esticando o braço para acariciá-la, cuidar dela, ordenhá-la —”

“O que… hum… o que é a besta?”

Quaid claramente se exasperou um pouco com o pragmatismo da indagação.

“É o assunto de qualquer filosofia digna de atenção, Stephen. São as coisas que tememos por não compreender. É o escuro atrás da porta.”

Steve pensou em uma porta. Pensou no escuro. Começou a ver para onde Quaid conduzia sua exibição labiríntica. A Filosofia era um modo de falar sobre o medo.

“Devemos discutir o que é íntimo a nossas psiques”, afirmou Quaid. “Se não… nós arriscamos…”

A loquacidade de Quaid o abandonou de repente.

“O que?”

Quaid olhou para o copo de conhaque vazio, parecendo desejar que ele se enchesse de novo.

“Quer outro?”, perguntou Steve, rezando para que a resposta fosse negativa.

“O que arriscamos?” Quaid repetiu a pergunta. “Bem, acho que se não caçarmos a besta —”

Steve podia prever a frase de efeito.

“— mais cedo ou mais tarde a besta nos caça.”

• • •

Não há deleite equiparável ao do pavor. Contanto que seja o dos outros. De forma bastante casual, nas duas semanas seguintes, Steve fez perguntas sobre o peculiar sr. Quaid.

Ninguém sabia seu primeiro nome.

Ninguém tinha certeza da sua idade; mas uma das secretárias achava que ele tinha mais de 30 anos, o que foi uma surpresa.

Os pais, Cheryl ouvira ele dizer, estavam mortos. Assassinados, pensava ela.

Parecia ser toda a soma de conhecimento humano a respeito de Quaid.

• • •

“Eu te devo uma bebida”, disse Steve, tocando Quaid no ombro.

Ele olhou como se tivesse sido mordido.

“Conhaque?”

“Obrigado.”

Steve pediu as bebidas.

“Eu te assustei?”

“Estava pensando.”

“Todo filósofo devia ter um.”

“Um o quê?”

“Cérebro.”

Começaram a conversar. Steve não sabia por que havia se reaproximado de Quaid. O homem era dez anos mais velho e estava em outro nível intelectual. Sem dúvida intimidava Steve, se era para ser honesto. A incessante conversa de Quaid sobre bestas o confundia. Ainda assim, ele queria mais daquilo: mais metáforas, mais daquela voz sem humor lhe dizendo como os tutores eram inúteis, como os estudantes eram fracos.

No mundo de Quaid não havia certezas. Ele não tinha gurus seculares e com certeza nenhuma religião. Parecia incapaz de ver qualquer sistema, seja

político ou filosófico, sem cinismo.

Embora raramente risse alto, Steve sabia que havia um humor mordaz em sua visão de mundo. As pessoas eram cordeiros e ovelhas, todas em busca de pastores. Claro que esses pastores eram ficções, na opinião de Quaid. Tudo o que existia, nas trevas do lado de fora do cercado de ovelhas, eram medos que se fixavam na carne do carneiro inocente: esperando, paciente como pedra, pelo momento.

Era preciso duvidar de tudo, exceto da existência do pavor.

A arrogância intelectual de Quaid era instigante. Steve logo passou a adorar a tranquilidade iconoclasta com que ele demolia crença após crença. Às vezes, era doloroso quando Quaid formulava um argumento incontestável contra algum dos dogmas de Steve. No entanto, após algumas semanas, até mesmo o som da demolição parecia excitar. Quaid estava capinando a vegetação rasteira, derrubando as árvores, arrancando o restolho. Steve se sentia livre.

Nação, família, Igreja, lei. Tudo cinzas. Tudo inútil. Tudo trapaças, e grilhões e asfixia.

Havia apenas o pavor.

"Eu temo, tu temes, ele ou ela teme", Quaid gostava de dizer. "Nós tememos, vós temeis, eles ou elas temem. Na face da Terra não há nada consciente que não conheça o pavor com mais intimidade que a própria pulsação."

Uma das vítimas favoritas das iscas de Quaid era outra estudante de Filosofia e Literatura Inglesa, Cheryl Fromm. Ela fisgava seus comentários mais ultrajantes como um peixe na chuva, e enquanto um lançava facas nos argumentos do outro, Steve sentava-se para assistir ao espetáculo. Cheryl era, na frase de Quaid, uma otimista patológica.

"E você só fala merda", disse ela quando um debate esquentara um pouco. "Quem se importa se você tem medo da própria sombra? Eu não. Estou ótima."

Ela sem dúvida parecia ótima. Cheryl Fromm era motivo de sonhos úmidos, porém inteligente demais para qualquer um tentar chegar nela.

"Todos sentimos o gosto do pavor em algum momento", replicava Quaid, e seus olhos leitosos a examinavam com atenção, observando a reação, tentando, Steve sabia, encontrar uma falha na convicção dela.

"Eu não."

"Sem medos? Sem pesadelos?"

“De jeito nenhum. Tenho uma boa família; não tenho nenhum segredo terrível. Nem mesmo como carne, então não me sinto mal quando passo por um matadouro. Não tenho merda nenhuma para exibir. Isso significa que não sou real?”

“Significa”, os olhos de Quaid ficaram estreitos como os de serpentes, “significa que sua intimidade tem algo enorme para encobrir.”

“De volta aos pesadelos.”

“Grandes pesadelos.”

“Seja mais específico; defina os seus termos.”

“Não posso dizer o que você teme.”

“Conte-me o que você teme, então.”

Quaid hesitou. “No final das contas”, disse, “não pode ser analisado.”

“Não pode ser analisado, meu cu!”

Isso causou um sorriso involuntário nos lábios de Steve. O cu de Cheryl de fato não podia ser analisado. A única reação seria ajoelhar e rezar.

Quaid voltou à sua lenga-lenga.

“O que temo é pessoal. Faz sentido em um contexto maior. Os sinais de meu pavor, as imagens que meu cérebro usa, por assim dizer, para *ilustrar* o meu medo, esses sinais são coisa leve em comparação com o horror real que está no cerne de minha personalidade.”

“Tenho imagens”, declarou Steve. “Fotos de infância que me fazem pensar em —” Parou, já se arrependendo da confissão.

“Em quê?”, indagou Cheryl. “Você quer dizer coisas relacionadas com experiências ruins? Cair de bicicleta, algo assim?”

“Talvez”, respondeu Steve. “Às vezes me flagro pensando nessas fotos. Não de forma deliberada, apenas quando minha concentração fica ociosa. É quase como se minha mente pensasse nelas de modo automático.”

Quaid deu um pequeno grunhido de satisfação. “Precisamente”, respondeu.

“Freud escreveu a respeito”, comentou Cheryl.

“O quê?”

“Freud”, repetiu Cheryl, dessa vez de modo performático, como se estivesse falando com uma criança. “Sigmund Freud: talvez já tenham ouvido falar nele.”

O lábio de Quaid se contorceu com um desprezo escancarado. “Fixações pela mãe não resolvem o problema. Os terrores reais em mim, em todos nós,

são anteriores à personalidade. O pavor já existe antes de termos qualquer noção de que somos indivíduos. O feto, encolhido no útero, sente medo.”

“Então você se lembra?”, perguntou Cheryl.

“Talvez”, replicou Quaid, com uma seriedade mortal.

“Do útero?”

Quaid deu uma espécie de sorriso parcial. Steve pensou que o sorriso dizia: “Conheço algo que vocês ignoram”.

Era um sorriso bizarro, desagradável; um sorriso que Steve desejou tirar dos olhos.

“Mentiroso”, disse Cheryl, levantando-se do banco e baixando o olhar para Quaid.

“Talvez eu seja”, finalizou ele, de repente um completo cavalheiro.

• • •

Depois disso os debates pararam.

Sem mais conversas sobre pesadelos, sem mais debates sobre seres das trevas. Pelo mês seguinte, Steve viu Quaid de forma irregular, e quando via, Quaid estava sempre na companhia de Cheryl Fromm. Quaid era educado com ela, e até mesmo deferente. Não usava mais a jaqueta de couro, pois ela odiava o cheiro de matéria animal morta. Essa súbita mudança em sua relação confundiu Stephen; mas ele a interpretou com seu entendimento primitivo de questões sexuais. Não era virgem, mas as mulheres permaneciam um mistério para ele, contraditórias e intrigantes.

Também estava com inveja, embora não o admitisse por completo para si mesmo. Ressentia-se pelo gênio dos sonhos úmidos tomar tanto do tempo de Quaid.

Havia outra sensação; um curioso senso de que Quaid cortejava Cheryl por suas próprias e estranhas razões. O sexo não era o motivo, tinha certeza. Tampouco era a inteligência dela que o deixava tão atencioso. Não, ele a encurralava de algum modo; esse era o instinto de Steve. Cheryl Fromm estava sendo cercada para o abate.

Então, após um mês, Quaid soltou um comentário sobre Cheryl em uma conversa.

“Ela é vegetariana”, disse.

“Cheryl?”

“Claro, Cheryl.”

“Eu sei. Ela mencionou antes.”

“Sim, mas no caso dela não é um capricho. Ela tem uma paixão por isso. Não consegue nem olhar a janela do açougue. Ela não toca em carne, não cheira carne —”

“Oh.” Steve ficou estupefato. Para onde isso estava levando?

“Pavor, Steve.”

“De carne?”

“Os sinais são diferentes de pessoa a pessoa. *Ela teme a carne*. Ela se diz tão saudável, tão equilibrada. Merda! Vou descobrir —”

“Descobrir o quê?”

“O medo, Steve.”

“Você não vai…?” Steve não sabia como dar voz à sua ansiedade sem soar acusatório.

“Machucá-la?”, perguntou Quaid. “Não, não vou machucá-la de modo algum. Qualquer dano causado a ela será estritamente autoinfligido.”

Quaid o observava quase de maneira hipnótica.

“Já é hora de confiarmos um no outro”, prosseguiu Quaid. Curvou-se para perto dele. “Cá entre nós —”

“Escuta, acho que não quero ouvir.”

“Precisamos tocar a besta, Stephen.”

“Dane-se a besta! Não quero ouvir!”

Steve se levantou, tanto para romper a opressão do olhar de Quaid, quanto para finalizar a conversa.

“Somos amigos, Stephen.”

“Sim…”

“Então respeite isso.”

“O quê?”

“O silêncio. Não diga uma palavra.”

Steve acenou. Não era uma promessa difícil de manter. Não tinha ninguém a quem contar suas angústias sem ouvir risadas como resposta.

Quaid pareceu satisfeito. Apressou-se, deixando Steve com a sensação de ter aderido contra a vontade a uma sociedade secreta cujo propósito ele desconhecia por completo. Quaid tinha feito um pacto com ele e isso era enervante.

Na semana seguinte ele faltou a todas as palestras e à maioria dos seminários. Notas não foram tomadas, tampouco lidos os livros, ou escritos os artigos. Nas duas ocasiões em que chegou a entrar no prédio da

universidade, circulou como um rato precavido, rezando para não trombar com Quaid.

Não precisava temer nada. Na única ocasião em que chegou a ver os ombros curvados de Quaid do outro lado do quadrângulo, ele estava absorto em uma troca de sorrisos com Cheryl Fromm. Ela ria, musicalmente, seu prazer ecoando pela parede do Departamento de História. A inveja abandonou Steve por completo. Ele não aceitaria dinheiro para ficar tão próximo de Quaid, tão íntimo dele.

O tempo que passava só, longe do alvoroço das conferências e dos corredores lotados, dava a Steve tempo para devanear. Seus pensamentos retornavam, como a língua aos dentes, como a unha à casca de ferida, aos seus medos.

E assim à infância.

Quando tinha 6 anos, Steve havia sido atingido por um carro. Os ferimentos não foram muito graves, mas a concussão o deixou parcialmente surdo. Foi uma experiência bastante estressante para ele; sem entender por que de repente foi isolado do mundo. Era um tormento inexplicável, e a criança supunha que eterno.

Em um instante, sua vida era real, cheia de gritos e risos. No seguinte, isso foi cortado, e o mundo externo se tornava um aquário, cheio de peixes de boca aberta e sorrisos grotescos. Ainda pior, havia momentos em que ele sofria o que os médicos chamam de *tinnitus*, um zumbido alto ou estridente nos ouvidos. A cabeça se enchia com os ruídos mais bizarros, vaias e assobios, que soavam como efeitos sonoros da agitação do mundo externo. Nesses momentos seu estômago se revirava, e uma faixa de ferro era envolta em sua testa, estilhaçando os seus pensamentos, dissociando a cabeça da mão, a intenção da prática. Ele era tomado por uma maré de pânico, tornava-se incapaz de dar sentido ao mundo enquanto a cabeça cantava e chacoalhava.

Mas à noite vinham os piores terrores. Ele às vezes acordava no que havia sido (antes do acidente) o reconfortante útero de seu quarto, para descobrir que o som estridente tinha começado durante o sono.

Os olhos se abriam de vez. O corpo se encharcava de suor. A mente se enchia com o alarido mais áspero, com que ele estava trancado, sem esperança de adiamento. Nada podia silenciar a sua cabeça, e nada, parecia, podia lhe devolver o mundo, o mundo falante, risonho, choroso.

Estava sozinho.

Isso foi o começo, o meio e o fim do pavor. Ele estava sozinho com sua cacofonia. Trancado em casa, nesse quarto, nesse corpo, nessa cabeça, prisioneiro da carne surda e cega.

Era quase insuportável. Durante a noite, às vezes, o menino chorava, sem saber se estava emitindo algum ruído, e os peixes que eram os seus pais ligavam a luz e tentavam ajudá-lo, curvando-se sobre a cama e fazendo caretas, as bocas mudas assumindo formas feias na tentativa de ajudar. Por fim o toque deles trazia calma; com o tempo, a mãe aprendeu como aliviar o pânico que o dominava.

Uma semana antes do sétimo aniversário, a audição voltou, não tão perfeita, mas boa o bastante para ser vista como um milagre. O mundo deu um estalo de volta ao foco; e sua vida recomeçou do zero.

O garoto demorou vários meses para voltar a confiar nos sentidos. Ainda acordava durante a noite, antecipando os barulhos na cabeça.

E embora os ouvidos ainda tinissem ao menor indício de barulheira, impedindo Steve de ir em shows de rock com o resto dos estudantes, agora ele mal percebia a leve surdez.

Lembrava-se, claro. Muito bem. Podia evocar o sabor de seu pânico; a sensação da faixa de ferro em volta da cabeça. E havia um resíduo de medo; do escuro, de ficar só.

Mas até aí, todos tinham medo de ficar só, não? De ficar completamente sozinho.

Steve agora tinha outro medo, muito mais difícil de mensurar.

Quaid.

Em uma sessão de revelação embriagada, contara a Quaid sobre a infância, a surdez, os terrores noturnos.

Quaid conhecia a sua fraqueza: a rota direta ao pavor de Steve. Possuía uma arma, um bastão com que bater em Steve, caso desejasse. Talvez tenha sido por isso que decidira não falar com Cheryl (alertá-la, era isso o que desejava fazer?) e com certeza era por isso que evitava Quaid.

O homem tinha um aspecto, em certos humores, de malignidade. Nada mais ou menos. Ele parecia um homem de malignidade, muito, muito profunda.

Talvez aqueles quatro meses de observação de pessoas com o som em volume baixo tivessem tornado Steve sensível aos pequenos olhares, esgares e sorrisos que cruzam os rostos das pessoas. Sabia que a vida de Quaid era

um labirinto; tinha um mapa de complexidades gravado no rosto em mil expressões minúsculas.

• • •

A fase seguinte da iniciação de Steve no mundo secreto de Quaid demorou quase três meses e meio para começar. A universidade abriu os recessos de verão, e cada estudante seguiu o seu caminho. Steve pegou o costumeiro trabalho de verão na gráfica do pai; eram horas longas e fisicamente exaustivas, mas um alívio inegável para ele. A Academia havia enchido a sua mente, ele se sentia alimentado à força por palavras e ideias. O trabalho na gráfica fez ele transpirar aquilo muito rápido, organizando a baderna mental.

Foi uma época boa: mal pensou em Quaid.

Retornou ao campus no fim de setembro. Os estudantes ainda não estavam lotando o lugar. A maioria das disciplinas não começaria até a semana seguinte; e havia um ar melancólico ao redor do campus, sem a sua mescla usual de reclamações, flertes e discussões dos jovens.

Steve estava na biblioteca, separando alguns livros importantes antes que os outros alunos de seu curso pusessem as mãos neles. Livros eram ouro puro no começo do semestre, com listas de leitura para completar, e a livraria da universidade sempre alegando que os títulos necessários estavam em falta. Eles sempre chegavam, aqueles livros vitais, dois dias depois do seminário em que o autor deveria ser discutido. Nesse último ano, Steve estava determinado a tomar a frente na briga pelos poucos exemplares das obras seminais que a biblioteca possuía.

A voz familiar falou.

“Começando cedo.”

Steve levantou a cabeça para ver os olhos de cabeça de alfinete de Quaid.

“Estou impressionado, Steve.”

“Com o quê?”

“Seu entusiasmo pelo estudo.”

“Ah.”

Quaid sorriu. “O que está procurando?”

“Algo de Bentham.”

“Tenho *Os Princípios da Moral e da Legislação*. Serve?”

Era uma armadilha. Não: isso era absurdo. Ele estava oferecendo um livro; como esse simples gesto poderia ser interpretado como uma armadilha?

“Pensando bem”, o sorriso se alargou. “Acho que o exemplar que tenho é o da biblioteca. Vou te passar.”

“Obrigado.”

“As férias foram boas?”

“Sim. Obrigado. As suas?”

“Bastante recompensadoras.”

O sorriso se reduziu a uma linha fina sob seu —

“Você deixou o bigode.”

Era um exemplo insalubre da espécie. Fino, desigual e loiro-escuro, passeava de um lado para o outro debaixo do nariz dele, como se buscasse um lugar no rosto. Quaid pareceu um pouco constrangido.

“Por causa de Cheryl?”

Agora estava de fato constrangido.

“Bem…”

“Parece que suas férias foram boas.”

O constrangimento foi sobreposto por alguma outra coisa.

“Tirei fotos ótimas”, disse Quaid.

“De quê?”

“Cliques de férias.”

Steve não podia acreditar no que ouvia. C. Fromm havia domado Quaid? Cliques de férias?

“Alguns são inacreditáveis.”

Havia algo de vendedor de pornografia árabe no jeito de Quaid. O que diabos havia nessas fotos? Cheryl nua de pernas abertas lendo Kant?

“Não achava que você fosse fotógrafo.”

“Tornou-se uma paixão minha.”

Ele deu um sorriso irônico ao dizer “paixão”. Havia uma excitação quase aberta em seus modos. Sem dúvidas ele estava radiante de prazer.

“Você precisa ir lá em casa ver isso.”

“Eu…”

“Esta noite. Aí aproveita e pega o Bentham.”

“Obrigado.”

“Arrumei uma casa para mim esses dias. Do outro lado da esquina do Hospital de Maternidade, na Pilgrim Street. Número sessenta e quatro. Depois das 21h?”

“Certo. Obrigado. Pilgrim Street.”

Quaid acenou com a cabeça.

“Não sabia que havia casas habitáveis na Pilgrim Street.”

“Número sessenta e quatro.”

• • •

A Pilgrim Street estava de joelhos. A maioria das casas já tinha virado destroços. Algumas estavam no processo de serem demolidas. As paredes internas estavam expostas de maneira anormal; papéis de parede em tons claros de rosa e verde, lareiras de andares superiores suspensas em fendas de tijolos esfumaçados. Escadas que iam do nada até o nada, e vice-versa.

O número sessenta e quatro se aguentava de pé. As casas do terraço de cada lado haviam sido demolidas e varridas pela escavadeira, deixando para trás um deserto de pó de tijolos esmigalhados que algumas ervas daninhas resistentes e imprudentes tentavam ocupar.

Um cão branco de três pernas marcava o território ao lado do sessenta e quatro, deixando pequenas manchas de mijo em intervalos regulares como sinais de propriedade.

A casa de Quaid, embora longe de ser um palácio, era mais convidativa que o terreno baldio dos arredores.

Eles beberam um vinho tinto ruim que Steve havia levado, e fumaram um pouco de erva. Quaid estava jovial como Steve jamais vira, bem feliz por falar sobre aleatoriedades em vez do pavor; rindo de vez em quando; até mesmo contando alguma piada suja. O interior da casa era vazio, a ponto de parecer espartana. Sem quadros nas paredes; sem qualquer tipo de decoração. Os livros de Quaid, e literalmente havia centenas, estavam empilhados no chão sem qualquer organização em particular que Steve pudesse compreender. A cozinha e o banheiro eram primitivos. Quase toda a atmosfera era monástica.

Após umas duas horas tranquilas, a curiosidade de Steve o derrotou.

“Cadê as fotos das férias, hein?”, perguntou, ciente de que arrastava um pouco as palavras, e sem se importar com isso.

“Ah, sim. Meu experimento.”

“Experimento?”

“Para dizer a verdade, Steve, não tenho certeza se devo te mostrar as fotos.”

“Por que não?”

“Estou envolvido em coisas sérias, Steve.”

“E eu não estou preparado para coisas sérias, é isso o que está me dizendo?”

Steve podia sentir a técnica de Quaid funcionando com ele, ainda que fosse transparente e quase óbvio o que ele estava fazendo.

“Eu não disse que você não estava pronto —”

“Que diabos são essas coisas?”

“Fotos.”

“De?”

“Você se lembra de Cheryl.”

Fotos de Cheryl. Rá!

“Como poderia esquecer?”

“Ela não vai voltar este semestre.”

“Oh.”

“Teve uma revelação.”

O olhar de Quaid era parecido com o de um basilisco.

“O que você quer dizer?”

“Ela sempre foi bem calma, não é?” Quaid falava dela como se ela estivesse morta. “Calma, relaxada e contida.”

“Sim. Suponho que sim.”

“Coitada daquela puta. Tudo o que ela queria era uma boa foda.”

Steve fez uma careta infantil com os palavrões de Quaid. Era um pouco chocante; como ver um professor com o pau para fora das calças.

“Ela passou parte das férias aqui.”

“Aqui?”

“Nesta casa.”

“Então você gosta dela?”

“Ela é uma vaca ignorante. Ela é pretensiosa, ela é fraca, ela é burra. Mas ela não *dava*, não dava essa porra.”

“Quer dizer que ela não trepava?”

“Ah, não, bastava olhar para você que ela arrancava fora a calcinha. Eram os medos que ela não dava —”

A velha ladainha.

“Mas acabei convencendo, com o tempo.”

Quaid pegou uma caixa que estava atrás de uma pilha de livros de filosofia. Nela havia um monte de fotografias em preto e branco, ampliadas para o dobro do tamanho de um cartão postal. Ele passou a primeira de uma série para Steve.

“Eu prendi ela, veja bem, Steve.” Quaid soava impassível como um jornalista da televisão. “Para ver se poderia estimulá-la a demonstrar um pouco de medo.”

“Como assim, prendeu?”

“No andar de cima.”

Steve teve uma sensação estranha. Podia ouvir seus ouvidos cantando, muito baixo. Vinho ruim sempre fez os ouvidos ressoarem.

“Prendi ela no andar de cima”, repetiu Quaid, “como um experimento. Por isso aluguei esta casa. Sem vizinhos para escutar.”

Sem vizinhos para escutar o quê?

Steve olhou para a imagem granulada em sua mão.

“Câmera oculta”, observou Quaid, “ela não sabia que eu estava fotografando.”

A Fotografia Um era de um quartinho sem nenhuma distinção. Mobília comum.

“É o quarto. No andar de cima da casa. Quente. Até mesmo um pouco abafado. Sem ruído.”

Sem ruído.

Quaid mostrou a Fotografia Dois.

Mesmo quarto. Agora a maior parte da mobília havia sido removida. Um saco de dormir estava estirado em uma parede. Mesa. Cadeira. Lâmpada.

“Foi assim que arrumei para ela.”

“Parece uma cadeia.”

Quaid grunhiu.

Fotografia Três. Mesmo quarto. Na mesa um jarro d’água. No canto do quarto, um balde, coberto de forma grosseira por uma toalha.

“Para que é esse balde?”

“Ela precisava mijar.”

“Sim.”

“Todas as amenidades providenciadas”, disse Quaid. “Eu não pretendia reduzi-la a um animal.”

Mesmo em estado embriagado, Steve captou a inferência de Quaid. Ele não *pretendia* reduzi-la a um animal. No entanto…

Fotografia Quatro. Na mesa, em um prato sem padrões de desenho, um naco de carne. Um osso sai dele.

“Bife”, disse Quaid.

“Mas ela é vegetariana.”

“Ela é. É um bom bife com um pouco de sal, bem cozido.”

Fotografia Cinco. A mesma coisa. Cheryl no quarto. A porta está fechada. Ela está chutando a porta, o pé e o punho e o rosto são um borrão de fúria.

“Coloquei ela no quarto perto das 5h. Ela estava dormindo: eu mesmo entrei com ela. Muito romântico. Ela não sabia o que diabos estava acontecendo.”

“Você trancou ela aí?”

“Claro. Um experimento.”

“Ela não sabia de nada?”

“A gente tinha conversado sobre o pavor. Ela sabia o que eu queria descobrir. Sabia que eu queria uma cobaia. Logo compreendeu. Assim que percebeu o que eu pretendia, se acalmou.”

Fotografia Seis. Cheryl sentada no canto do quarto, pensativa.

“Acho que ela pensava que podia vencer minha paciência.”

Fotografia Sete. Cheryl olha para a perna do bife, encarando-o na mesa.

“Bela foto, não acha? Veja a expressão de desgosto no rosto dela. Ela odiava até mesmo o cheiro de carne cozida. Nessa hora não estava com fome, claro.”

Oito: ela dorme.

Nove: mija. Steve se sentiu desconfortável, observando a garota agachada sobre o balde, calcinha nos tornozelos. Manchas de lágrimas no rosto.

Dez: bebe água do jarro.

Onze: dorme de novo, de volta ao quarto, encolhida como um feto.

“Faz quanto tempo que ela está no quarto?”

“Aqui faz apenas catorze horas. Ela perdeu muito rápido a noção do tempo. Sem alternância de luz, veja só. O relógio biológico dela logo ficou uma merda.”

“Ela ficou quanto tempo?”

“Até eu provar meu argumento.”

Doze: desperta, ela confere a carne na mesa, olhando-a sorrateiramente.

“Essa foi tirada na manhã seguinte. Eu estava dormindo: a câmera apenas tirava fotos a cada 25 minutos. Veja os olhos dela…”

Steve espiou com mais atenção a fotografia. Havia certo desespero no rosto de Cheryl: um olhar abatido, selvagem. Olhava para o bife como se estivesse tentando hipnotizá-lo.

“Ela parece doente.”

“Está cansada, só isso. Dormia muito, por sinal, mas isso apenas parecia deixá-la cansada como nunca. Não sabe se é dia ou noite. E é claro que está com fome. Faz um dia e meio. Ela está mais do que apenas faminta.”

Treze: dorme de novo, encolhida em uma bola ainda mais apertada, como se desejasse se engolir.

Catorze: bebe mais água.

“Troquei o jarro quando ela estava dormindo. Ela dormia profundamente: eu podia até bater os calcanhares lá dentro, que não teria acordado. Perdida do mundo.”

Ele deu um sorriso aberto. Louco, pensou Steve, o homem está louco.

“Nossa, estava fedendo lá. Você sabe como as mulheres às vezes cheiram mal; não é suor, é outra coisa. Um odor pesado: carnoso. Sangrento. Ela ficou muito mais tempo que o devido. Eu não havia planejado isso.”

Quinze: ela toca a carne.

“É aqui onde as fissuras começam a surgir”, disse Quaid, com um triunfo silencioso na voz. “É aqui que começa o pavor.”

Steve estudou a fotografia com atenção. A granulação da impressão borrava o detalhe, mas a coitada da moça estava sofrendo, isso era certo. O rosto se contraía, meio desejo, meio repulsa, enquanto ela tocava a comida.

Dezesseis: ela estava de novo na porta, se jogando contra ela, cada parte do corpo se agitando. A boca, uma mancha escura de angústia, gritando para a porta inexpressiva.

“Ela sempre acabava se lamuriando comigo, sempre que confrontava a carne.”

“Quanto tempo aqui?”

“Chegando a três dias. Você está olhando para uma mulher faminta.”

Não era difícil ver isso. Na foto seguinte ela estava parada no meio do quarto, desviando os olhos da tentação da comida, o corpo inteiro tenso com o dilema.

“Você está matando ela de fome.”

“Ela pode passar dez dias sem comer com facilidade. Jejuns são comuns em qualquer país civilizado, Steve. Sessenta por cento da população britânica fica clinicamente obesa em algum momento. Ela estava gorda demais, de qualquer maneira.”

Dezoito: ela se senta, a gorda, no canto do quarto, chorando.

“Por agora ela começa a alucinar. Apenas tiques mentais. Ela pensava que sentia algo no cabelo, ou nas costas da mão. Eu tinha visto ela encarando o ar

algumas vezes, olhando para o nada.”

Dezenove: se lava. Está nua até a cintura, os peitos estão pesados, a face drenada de expressões. A carne está com um tom mais escuro do que nas fotografias anteriores.

“Ela se lavava regularmente. Jamais passava mais de doze horas sem se lavar da cabeça aos pés.”

“A carne parece…”

“Estragada?”

“Escura.”

“É bem quente no quarto dela: e há algumas moscas lá. Elas encontraram a carne: puseram ovos. Sim, está estragando um pouco.”

“Faz parte do plano?”

“Claro. Se a carne causava náuseas quando estava fresca, imagine o nojo da carne podre? Esse era o ponto crucial do dilema dela, não é? Quanto mais ela espera para comer, mais enojada fica com a comida que tem disponível. Por um lado, está encurralada com o próprio horror à carne, e por outro, encurralada com o pavor da morte. Qual cederá primeiro?”

Agora Steve não estava menos encurralado.

Por um lado, essa piada já tinha ido longe demais, e o experimento de Quaid se tornara um exercício de sadismo. Por outro, queria saber até onde essa história tinha ido. Havia um fascínio inegável em ver a mulher sofrer.

As próximas sete fotografias — vinte, vinte e um, dois, três, quatro, cinco e seis mostravam a mesma rotina circular. Dormir, lavar-se, mijar, observar a carne. Dormir, lavar-se, mijar…

Então a vinte e sete.

“Está vendo?”

Ela pega a carne.

Sim, ela a pega, o rosto horrorizado por inteiro. O pernil de bife agora parece muito estragado, salpicado de ovos de moscas. Asqueroso.

“Ela morde.”

Na fotografia seguinte, seu rosto está enterrado na carne.

Steve parecia sentir o gosto da carne podre no fundo da garganta. Sua mente encontrou um fedor com o intuito de imaginar, e criou um molho de putrescência para passar na língua. Como ela podia fazer isso?

Vinte e nove: ela está vomitando no balde no canto do quarto.

Trinta: ela está sentada olhando para a mesa. Está vazio. O jarro de água foi jogado na parede. O prato, destruído. O bife está no chão, em um lodo de

degeneração.

Trinta e um: ela dorme, a cabeça perdida em meio aos braços.

Trinta e dois: ela está de pé. Olhando para a carne de novo, desafiando-a. A fome que ela sente está clara em seu rosto. Assim como o nojo.

Trinta e três. Ela dorme.

“Por quanto tempo agora?”, pergunta Steve.

“Cinco dias. Não, seis.”

Seis dias.

Trinta e quatro. Ela é uma figura borrada, aparentemente jogando-se contra uma parede. Talvez batendo a cabeça nela, Steve não podia ter certeza. Era tarde para perguntar. Parte dele não queria saber.

Trinta e cinco: ela estava dormindo de novo, agora debaixo da mesa. O saco de dormir havia sido despedaçado, com tecido rasgado e pedaços de enchimento sujando o quarto.

Trinta e seis: ela fala com a porta, pela porta, sabendo que não terá resposta.

Trinta e sete: ela come a carne putrefata.

Senta-se com calma diante da mesa, como um primitivo na caverna, e pega a carne com os incisivos. O rosto está mais uma vez sem expressão; toda a sua energia está inclinada ao propósito do momento. Comer. Comer até matar a fome, até que a agonia na barriga, e a doença na cabeça desapareçam.

Steve examinou a fotografia.

“Tomei um susto”, disse Quaid, “quando ela cedeu de repente. Em um momento parecia ter o máximo de resistência. O monólogo para a porta foi uma mistura de ameaças e desculpas como as que ela proferia dia sim, dia não. Então se deu por vencida. Do nada. Se agachou debaixo da mesa e comeu o bife inteiro até o osso, como se fosse carne de primeira.”

Trinta e oito. A porta está aberta. A luz se derrama no quarto.

Trinta e nove: o quarto está vazio.

“Para onde ela foi?”

“Ela desceu as escadas. Veio até a cozinha, bebeu vários copos de água, e sentou-se na cadeira por três ou quatro horas sem dizer uma única palavra.”

“Falou com ela?”

“Em algum momento. Quando ela começou a sair de seu estado de fuga. Era o fim do experimento. Eu não queria machucá-la.”

“O que ela disse?”

“Nada.”

“Nada?”

“Nadinha. Por um bom tempo acho que ela nem percebeu minha presença no lugar. Então preparei umas batatas, que ela comeu.”

“Ela não tentou ligar para a polícia?”

“Não.”

“Sem violência?”

“Sem violência. Ela sabia o que eu tinha feito, e por que eu tinha feito. Não foi planejado de antemão, mas havíamos falado de experimentos assim, em conversas abstratas. Ela não foi ferida, veja. Talvez tenha perdido uns quilos, mas isso foi tudo.”

“Onde ela está agora?”

“Foi embora um dia depois. Não sei para onde foi.”

“E o que isso tudo provou?”

“Absolutamente nada, talvez. Mas foi um começo interessante para minhas investigações.”

“Começo? Foi apenas um começo?”

Na voz de Steve estava claro o nojo que sentia por Quaid.

“Stephen —”

“Você podia ter matado ela!”

“Não.”

“Ela poderia ter enlouquecido. Ter ficado desequilibrada para sempre.”

“Era possível. Mas improvável. Tratava-se de uma mulher de opinião.”

“Mas você acabou com ela.”

“Sim. Foi uma jornada que ela estava pronta para fazer. Falávamos de enfrentar o medo. Então aqui estava eu, arranjando para que Cheryl fizesse exatamente isso. Nada de mais, na verdade.”

“Você a forçou a isso. Ela não teria feito, se não fosse você.”

“Verdade. Foi educativo para ela.”

“Então agora você é um professor?”

Steve desejou ser capaz de segurar o sarcasmo. Mas lá estava ele. Sarcasmo; raiva; e um pouco de medo.

“Sim, sou um professor”, respondeu Quaid, olhando com o canto dos olhos para Steve, sem focar. “Estou ensinando o pavor às pessoas.”

Steve encarou o chão. “Está satisfeito com o que ensinou?”

“E com o que aprendi, Steve. Também aprendi. É uma perspectiva muito empolgante: um mundo de medos a investigar. Em especial com indivíduos

inteligentes. Mesmo em face da racionalização —”

Steve se levantou. “Não quero mais ouvir.”

“Hum? OK.”

“Amanhã cedo tenho aula.”

“Não.”

“O quê?”

Uma batida do coração, hesitante.

“Não. Não vá agora.”

“Por quê?” O coração acelerou. Temia Quaid, mas nunca percebera com que profundidade.

“Tenho mais uns livros para te passar.”

Steve sentiu o rosto ruborizar. De leve. O que estava pensando naquele momento? Que Quaid o acertaria com um taco de rúgbi e começaria um experimento a respeito dos seus medos?

Não. Pensamentos idiotas.

“Tenho um livro de Kierkegaard que você vai gostar. No andar de cima. Dois minutos.”

Sorrindo, Quaid deixou a sala.

Steve se agachou para rever as fotos. O momento em que Cheryl pegava a carne podre pela primeira vez foi o que mais o fascinou. O rosto dela estava com uma expressão nada característica da mulher que ele havia conhecido. A dúvida estava inscrita lá, e a confusão, e o profundo —

Pavor.

Era a palavra de Quaid. Uma palavra suja. Uma palavra obscena, associada com essa noite em que Quaid torturou uma garota inocente.

Ao observar a fotografia, por um momento Steve pensou na expressão do próprio rosto. Não haveria algo da mesma confusão no rosto dele? E talvez um pouco de pavor também, pronto para ser liberado.

Ouviu um som atrás de si, baixo demais para ser de Quaid.

A não ser que ele estivesse engatinhando.

Meu Deus, a não ser que —

Uma almofada de tecido com clorofórmio foi apertada na boca e nas narinas de Steve. De maneira involuntária, ele o inalou e os vapores arderam nos seios de seu rosto, fez os olhos lacrimejarem.

Um borrão escuro surgiu no canto do mundo, de fora da visão, e começou a crescer, essa mancha, pulsando no ritmo de seu coração que acelerava.

No centro da cabeça de Steve, ele podia perceber a voz de Quaid como um véu. Dizia o seu nome.

“Stephen.”

De novo.

“— ephen.”

“— phen.”

“— hen.”

“— en.”

A mancha era o mundo. O mundo escureceu e foi embora. Longe dos olhos, longe do coração.

Steve caiu desjeitoso em meio às fotografias.

• • •

Quando acordou, não percebia a própria consciência. Estava escuro por toda parte, em todos os lados. Ficou desperto durante uma hora, com os olhos arregalados, antes de perceber que estavam abertos.

Experimentou primeiro mover os braços e as pernas, então a cabeça. Não estava amarrado, como esperava, exceto pelo tornozelo. De fato havia uma corrente ou algo similar em volta do tornozelo esquerdo. Ela irritou sua pele quando ele tentou se mover demais.

Estava em cima de algo muito desconfortável, e quando investigou com mais atenção com a palma da mão, percebeu que estava deitado em uma grelha enorme ou em algum tipo de grade. Era de metal, e sua superfície regular se estendia em todas as direções, mais do que os braços podiam alcançar. Quando enfiou o braço nos buracos dessa treliça, não tocou em nada. Apenas ar debaixo dele.

• • •

As primeiras fotografias infravermelhas que Quaid tirou do confinamento de Stephen retratavam sua exploração. Como Quaid esperava, o indivíduo reagia à situação de modo racional. Sem histeria. Sem xingamentos. Sem lágrimas. Era o desafio desse indivíduo em particular. Ele sabia precisamente o que estava acontecendo; reagiria de modo lógico aos próprios medos. Isso com certeza tornava a sua mente mais resistente que a de Cheryl.

Porém, os resultados seriam mais recompensadores quando ele cedesse. Sua alma não se abriria para Quaid ver e tocar? Havia tanto ali, no interior do homem, que ele desejava estudar.

Aos poucos, os olhos de Steven se acostumaram à escuridão.

Estava preso no que parecia ser alguma espécie de poço. Tinha, estimou, cerca de seis metros de largura e era completamente redondo. Seria uma espécie de duto de ar para um túnel ou uma fábrica subterrânea? A mente de Steve mapeou a área em volta da Pilgrim Street, tentando apontar o lugar mais provável para onde Quaid poderia ter levado ele. Não conseguiu pensar em nenhum lugar.

Nenhum.

Estava perdido em um lugar que não conseguia determinar ou reconhecer. O poço não tinha cantos onde ele pudesse focar a visão; e as paredes não exibiam rachaduras ou buracos para ele esconder sua consciência.

Pior, ele estava estirado em uma grade suspensa sobre esse poço. Seus olhos não conseguiam abstrair uma impressão da escuridão debaixo dele: o poço parecia não ter fim. Entre ele e a queda havia apenas a tela fina da grade e a corrente frágil que prendia seu tornozelo.

Ele se imaginou equilibrado sob um céu negro e vazio, acima de trevas infinitas. O ar estava quente e abafado, e secou as lágrimas que de repente jorraram de seus olhos, deixando-os grudentos. Quando começou a gritar por ajuda, o que fez após as lágrimas passarem, a escuridão devorou suas palavras com facilidade.

Tendo gritado até ficar rouco, deitou-se de novo na treliça. Não conseguiu evitar o pensamento de que debaixo de sua frágil cama houvesse uma escuridão eterna. Era absurdo, claro. Nada é eterno, proferiu em voz alta.

Nada é eterno.

E ainda assim, jamais saberia. Se caísse na escuridão absoluta debaixo de si, ele cairia e cairia e cairia e não vislumbraria o final do poço. Embora tentasse pensar em imagens mais brilhantes e positivas, a mente conjurava o corpo cascateando por esse poço horrível, com o fundo a trinta centímetros do corpo em queda e os olhos sem ver, o cérebro sem predizer.

Até que ele atingisse o fundo.

Veria luz quando a cabeça se abrisse com o impacto? Compreenderia, no momento em que o corpo se transformasse em carcaça, por que havia vivido e morrido?

Então pensou: Quaid não ousaria. “Não ousaria!”, guinchou. “Não ousaria!”

A escuridão era uma glutona de palavras. Assim que gritava nela, era como se ele jamais tivesse emitido qualquer som.

Então, outro pensamento: maligno de verdade. E se Quaid tivesse inventado esse inferno circular para colocá-lo, exatamente porque ele *jamais* seria encontrado, *jamais* investigado? Talvez desejasse levar seu experimento aos limites.

Aos limites. A morte estava nos limites. E não seria esse o experimento definitivo para Quaid? Observar um homem morrer: observar o medo da morte, o filão do pavor, se aproximar. Sartre escreveu que nenhum homem jamais poderia conhecer a própria morte. Mas conhecer a morte dos outros, de forma íntima — observar as acrobacias que a mente com certeza realizaria para evitar a amarga verdade —, essa era a pista para a natureza da morte, não era? Ela poderia, de algum modo mesquinho, preparar um homem para a própria morte. Porque viver vicariamente o pavor de outro homem era o modo mais seguro e inteligente de tocar a besta.

Sim, pensou, Quaid poderia me matar; por causa do próprio terror.

Steve sentiu uma satisfação acre com esse pensamento. Então Quaid, o pesquisador imparcial, o pretenso educador, estava obcecado com terrores por seu próprio pavor ser, na verdade, o mais profundo.

Era por isso que ele precisava observar os outros lidarem com os próprios medos. Necessitava de uma solução, de uma saída para si mesmo.

Pensar nisso tudo levou horas. Na escuridão, a mente de Steve era inquieta, mas incontrolável. Era difícil manter uma linha argumentativa por muito tempo. Os pensamentos eram como peixes, peixes pequenos e rápidos, escapulindo de sua mão assim que os segurava.

Mas sob cada reviravolta de pensamento havia o conhecimento de que ele deveria ludibriar Quaid. Isso era certo. Devia se manter calmo; provar-se um indivíduo inútil para a análise de Quaid.

As fotografias dessas horas mostravam Stephen deitado na grade com os olhos fechados, e o rosto um pouco franzido. Ocasional e paradoxalmente, um sorriso perpassava seus lábios. Às vezes era impossível saber se ele estava dormindo ou acordado, pensando ou sonhando.

Quaid esperava.

Por fim, os olhos de Steve começaram a pestanejar sob as pálpebras, o inconfundível sinal do sonho. Era o momento, enquanto o indivíduo sonhava, de girar a grelha —

Steve despertou com as mãos algemadas. Podia ver uma tigela de água sobre uma bandeja diante de si; e uma segunda tigela, cheia de um mingau salgado morno, ao lado. Ele comeu e bebeu com satisfação.

Enquanto comia, percebeu duas coisas. A primeira, que o barulho da mastigação parecia muito alto em sua cabeça; e a segunda, que ele sentia um constructo, uma pressão, em volta das têmporas.

As fotografias mostram Stephen um pouco atrapalhado levando a mão à cabeça. Um arreio preso nela, travado. Plugues de engate enfiados a fundo nos ouvidos, evitando que qualquer som entrasse.

As fotografias mostram perplexidade. Então raiva. Então medo.

Steve estava surdo.

Tudo o que podia ouvir eram os barulhos na cabeça. As batidas dos dentes. O ruído de mastigação e engolimento no palato. Os sons estrondavam como canhões entre seus ouvidos.

Lágrimas jorraram de seus olhos. Ele chutou a grade, sem escutar o barulho dos calcanhares nas barras de metal. Gritou até a garganta ter a sensação de sangrar. Não ouviu nenhum dos gritos.

O pânico se infiltrava nele.

As fotografias mostravam seu surgimento. O rosto ruborizou. Os olhos se arregalaram, dentes e gengivas foram expostos em uma careta.

Parecia um macaco assustado.

Todas as sensações familiares da infância lhe perpassaram. Lembrava-se delas como os rostos de velhos inimigos; os membros tiritando, o suor, a náusea. No desespero, pegou a tigela de água e a revirou sobre o rosto. O choque da água gelada desviou por um momento a sua mente da escada de pânico que estava subindo. Deitou-se de novo na grade, o corpo como uma tábua, e disse a si mesmo para respirar fundo e no ritmo certo.

Relaxe, relaxe, relaxe, proferiu em voz alta.

Na cabeça, podia ouvir a própria língua estalando. Também podia ouvir o muco, movendo-se com lerdeza nas vias do nariz bloqueadas pelo pânico, tapando e destapando os ouvidos. Agora podia detectar o chiado baixo e suave que se assentava sob todos os ruídos. O som de sua mente —

Era como o ruído branco entre as estações de rádio, o mesmo lamento que o levava ao inestético, o mesmo ruído que soava em seus ouvidos nas fronteiras do sono.

Seus membros ainda se contraíam de maneira nervosa, e ele estava apenas um pouco ciente do modo como lutava com as algemas, indiferente às arestas que flagelavam a pele de seus pulsos.

As fotografias registraram com precisão todas essas reações. A guerra contra a histeria: as patéticas tentativas de evitar que os medos emergissem.

As lágrimas. Os pulsos ensanguentados.

Por fim, a exaustão venceu o pânico; como tanto acontecera quando ele era criança. Quantas vezes havia caído no sono com o gosto salgado das lágrimas no nariz e na boca, incapaz de lutar mais?

O esforço aumentara o volume dos ruídos na cabeça.

Agora, em vez de uma cantiga de ninar, o cérebro chiava e uivava para ele dormir.

O esquecimento era bom.

Quaid ficou desapontado. Estava claro, pela velocidade da reação, que Stephen Grace seria vencido muito rápido. Na verdade, já estava quase vencido, com apenas algumas horas de experimento. E Quaid contava com Stephen. Após meses preparando o terreno, parecia que esse indivíduo enlouqueceria sem dar uma única pista.

Uma palavra, uma mísera palavra era tudo o que Quaid queria. Um pequeno indício da natureza do experimento. Ou ainda melhor, algo que sugerisse uma solução, um totem de cura, até mesmo uma reza. Sem dúvida algum Salvador vem aos lábios quando a personalidade é levada pela loucura. Deve haver *algo*.

Quaid esperava como um abutre no território de alguma atrocidade, contando os minutos restantes à alma que expirava, esperando por um naco de comida.

• • •

Steve acordou na grade, com o rosto virado para baixo. O ar agora estava muito mais abafado, e as barras de metal marcaram a carne de sua bochecha. Sentia calor e desconforto.

Ainda deitado inerte, deixou os olhos se reacostumarem com os arredores. As linhas da grade seguiam em uma perspectiva perfeita para encontrarem a parede do poço. A simples rede de barras entrecruzadas lhe parecia bela. Sim, bela. Ele traçou as linhas de um lado para o outro, até se cansar da atividade. Entediado, rolou de costas, sentindo a grade vibrar sob seu corpo. Agora ela estava menos estável? Pareceu se mexer com o movimento dele.

Com calor e suado, Steve desabotoou a camisa. Havia um pouco de baba de sono no queixo, mas ele não se importou em limpar. E daí que babava? Quem poderia ver?

Puxou metade da camisa para cima, e usando um pé, arrancou o sapato do outro.

Sapato: treliça: queda. Mesmo ociosa, a mente fez a conexão. Ele se sentou. Coitado do sapato! Seu sapato cairia. Deslizaria entre as barras e estaria perdido. Mas não. Estava muito bem equilibrado entre os dois lados de um dos buracos da treliça; ainda poderia resgatá-lo, se tentasse.

Esticou o braço em direção ao coitado, coitado do sapato, e o movimento fez a grade se mexer.

O sapato começou a deslizar.

"Por favor", implorou, "não caia." Ele não desejava perder o ótimo sapato, o belo sapato. Não podia cair. Não podia cair.

Ao se esticar para pegá-lo, o sapato se inclinou, seu calcanhar baixou, atravessou a grade e caiu na escuridão.

Ele soltou um grito de perda que não podia ouvir.

Ah, se ao menos pudesse ouvir o sapato caindo; contar os segundos da descida. Escutá-lo batendo no fundo do poço. Pelo menos saberia a distância da queda mortal.

Não conseguia suportar mais. Rolou de barriga e enfiou os dois braços na grade, gritando:

"Eu também vou! Eu também vou!"

Não suportava ter de esperar para cair, no escuro, no silêncio, apenas desejava seguir o sapato, abaixo, abaixo, abaixo, no poço escuro, até a extinção, e acabar com a disputa de uma vez por todas.

"Eu vou! Eu vou! Eu vou!", esganiçou. Apelava com intensidade.

Debaixo dele, a grade se moveu.

Algo havia se quebrado. Um pino, uma corrente, uma corda que mantinha a grade na posição, havia estalado. Não estava mais na horizontal; já cruzava as barras conforme elas o soltavam no escuro.

Ele percebeu com choque que seus membros não estavam mais acorrentados.

Cairia.

O homem queria que ele caísse. O homem mau — qual o nome dele? Quake? Quail? Quarrel? —

Em um gesto automático, agarrou a grade com as duas mãos enquanto elas se soltavam ainda mais. Talvez não desejasse cair atrás de seu sapato, afinal? Talvez a vida, mais um momento de vida, valesse a pena se ele segurasse a —

A escuridão além dos limites da grade era muito profunda; e quem podia adivinhar o que havia debaixo dela?

Em sua cabeça, os ruídos do pânico se multiplicavam. A batida forte de seu coração sangrento, o tartamudeio do muco, e o ruído seco do palato. As palmas, pegajosas de suor, estavam perdendo a força. A gravidade o desejava. Demandava o direito ao corpo: demandava sua queda. Por um momento, olhando por cima do ombro para a bocarra que se abria debaixo dele, pensou ter visto monstros se mexendo no fundo. Coisas ridículas e tolas, desenhadas de forma tosca, escuro sobre o escuro. Pichações grosseiras e maliciosas da infância esticavam as garras para puxar as suas pernas.

“Mamãe”, disse, quando as mãos não deram conta e ele foi entregue ao pavor.

“*Mamãe*.”

Era essa a palavra. Quaid a ouviu com nitidez, em toda a sua banalidade.

“Mamãe!”

Quando Steve caiu no fundo do poço, já tinha parado de analisar como caíra. No momento em que suas mãos soltaram a grade e ele sabia que a escuridão o teria, a mente estalou. O eu animal sobreviveu para relaxar o corpo, salvando-o de qualquer ferimento, exceto os inofensivos, no impacto. O resto de sua vida, com exceção das reações simples, se estraçalhou, os cacos voaram pelos recessos da memória.

Quando enfim veio a luz, olhou para a pessoa que usava máscara de Mickey Mouse diante da porta, e sorriu para ela. Era um sorriso infantil, um sorriso de graças para seu cômico salvador. Deixou o homem segurá-lo pelos tornozelos e arrastá-lo para fora do grande local redondo em que ele estava deitado. As calças estavam molhadas, e ele sabia que havia se sujado no sono. Ainda assim, o camundongo divertido lhe daria um beijo para ele se sentir melhor.

A cabeça pendia nos ombros enquanto ele era arrastado para fora da câmara de tortura. No chão, ao lado da sua cabeça, havia um sapato. E a dois ou três metros acima, estava a grade da qual caíra.

Não era nada de mais.

Deixou que o camundongo o ajudasse a se sentar em uma sala iluminada. Deixou o camundongo lhe devolver os ouvidos, embora não os quisesse de verdade. Era engraçado observar o mundo mudo, fazia ele rir.

Bebeu um pouco de água e comeu um bolo doce.

Estava cansado. Queria dormir. Queria a Mamãe. Mas o rato não parecia entender, então gritou e chutou a mesa e jogou os pratos e xícaras no chão. Depois correu até o cômodo seguinte e arremessou para cima todos os papéis que conseguiu encontrar. Era agradável vê-los flutuar para cima e para baixo. Alguns caíam de face para baixo, alguns de face para cima. Alguns estavam cobertos de escritos. Uns eram fotos. Fotos horrendas. Fotos que lhe causavam uma sensação muito estranha.

Eram fotos de pessoas mortas, cada uma delas. Algumas eram fotos de crianças bem pequenas, outras de crianças já crescidas. Estavam todas deitadas, ou mais ou menos sentadas, e havia cortes enormes em seus braços e corpos, cortes que mostravam uma confusão por debaixo, uma mistura de pedacinhos reluzentes e pegajosos. E em volta das pessoas mortas, por toda parte: tinta preta. Não em poças bem-feitas, mas esparramadas por toda parte, bagunçadas e com marcas de dedos e de mãos.

Em três ou quatro das fotos o objeto que fez os cortes ainda estava lá. Ele sabia o nome daquilo.

Machado.

Havia um machado enterrado quase até o cabo no rosto de uma mulher.

Havia um machado na perna de um homem, e outro no chão de uma cozinha ao lado de um bebê morto.

O homem colecionava fotos de pessoas mortas e machados, o que Steve achou estranho.

Esse foi o último pensamento antes que o odor demasiado familiar de clorofórmio preenchesse sua cabeça e ele perdesse a consciência.

• • •

Aquela porta sórdida cheirava a urina seca e vômito recente. Era seu próprio vômito; estava na frente da camisa inteira. Tentou se levantar, mas as pernas pareciam molengas. Estava muito frio. A garganta doía.

Então ouviu passos. Soaram como se o camundongo estivesse de volta. Talvez o levasse para casa.

“Levanta, filho.”

Não era o camundongo. Era um policial.

“O que está fazendo aí embaixo? Mandei você levantar.”

Apoiando-se no tijolo esmigalhado da porta, Steve ficou de pé. O policial apontou a lanterna para ele.

“Meu Deus”, exclamou o policial, com o nojo estampado no rosto; “Você está muito fodido. Onde você mora?”

Steve balançou a cabeça, encarando a camisa empapada de vômito como um estudante de colegial envergonhado.

“Qual o seu nome?”

Ele não conseguia se lembrar bem.

“Seu nome, cara?”

Ele estava tentando. Se ao menos o policial não gritasse.

“Vamos, controle-se.”

As palavras não faziam muito sentido. Steve podia sentir as lágrimas se empoçando no fundo dos olhos.

“Casa.”

Agora estava balbuciando, fungando catarro, sentindo-se completamente abandonado. Queria morrer: queria deitar-se e morrer.

O policial o chacoalhou.

“Está chapado?”, indagou, puxando Steve para o brilho do poste de luz e encarando o rosto manchado de lágrimas.

“É melhor circular.”

“Mamãe”, disse Steve, “quero Mamãe.”

As palavras mudaram o encontro por completo.

De repente o policial achou o espetáculo mais que nauseante; mais que digno de pena. Esse merdinha com os olhos vermelhos e o jantar esparramado na camisa estava mesmo lhe dando nos nervos. Dinheiro demais, muita porcaria nas veias, pouca disciplina.

“Mamãe” era a gota d’água. Ele deu um soco na barriga de Steve, um soco limpo, forte, funcional. Steve se curvou, choramingando.

“Cala a boca, filho.”

Outro soco finalizou o trabalho de aleijar o jovem, e então ele puxou o cabelo de Steve e levantou o rosto daquele drogado até a altura do dele.

“Você quer ser um indigente, é isso?”

“Não. Não.”

Steve não sabia o que era um indigente; queria apenas que o policial gostasse dele.

“Por favor”, disse, lágrimas saindo de novo, “me leva para casa.”

O policial pareceu confuso. O moleque não começou a lutar de volta e a reivindicar os direitos humanos, ao modo da maioria deles. Era assim que quase sempre terminavam: no chão, nariz sangrando, chamando um assistente

social. Esse apenas chorava. O policial começou a se sentir mal pelo jovem. Como se ele fosse demente ou algo parecido. E tinha descido a porrada no bostinha. Merda. Agora se sentia responsável. Segurou Steve pelo braço e o arrastou até o outro lado da rua, em direção ao seu carro.

"Entra aí."

"Me leva —"

"Vou te levar para casa, filho. Vou te levar para casa."

• • •

No Abrigo Noturno eles revistaram as roupas de Steve atrás de alguma forma de identificação, não encontraram nada, então esfregaram seu corpo para tirar pulgas e o cabelo para livrá-lo das lêndeas. Depois disso o policial foi embora, o que deixou Steve aliviado. Não havia gostado do homem.

As pessoas do Albergue falavam sobre Steve como se ele não estivesse presente. Falaram de como era jovem; discutiram sua idade mental; suas roupas; sua aparência. Deram-lhe uma barra de sabão e lhe mostraram os chuveiros. Ele passou dez minutos debaixo do chuveiro e se secou com uma toalha manchada. Não se barbeou, apesar de terem lhe emprestado uma navalha. Havia se esquecido como fazer isso.

Deram-lhe roupas velhas, que Steve gostou. Não eram pessoas tão ruins, ainda que falassem sobre ele como se ele não estivesse presente. Até mesmo recebeu um sorriso; um homem corpulento com uma barba grisalha. Sorriu como sorriria para um cão.

As roupas que lhe deram não combinavam. Grandes ou pequenas demais. De todas as cores: meias amarelas, camisa branca suja, calças com estampa de risca de giz, que haviam sido produzidas para um glutão, um suéter puído, botas pesadas. Ele gostou de se arrumar, colocando dois coletes e dois pares de meias quando eles não estavam olhando. Sentiu-se confiante com várias espessuras de algodão e lã em volta de si.

Então o deixaram com um tíquete de cama na mão, para esperar que os dormitórios fossem destrancados. Não estava tão impaciente quanto alguns dos homens nos corredores com ele. Gritavam incoerências, vários deles, acusações atadas a obscenidades, e cuspiam uns nos outros. Isso o assustou. Tudo o que queria era dormir. Deitar-se e dormir.

Às 23h em ponto, um dos vigias destrancou o portão do dormitório, e todos os homens perdidos se enfileiraram para arranjar uma cama de ferro

onde passar a noite. O dormitório, que era largo e mal iluminado, fedia a desinfetantes e a velhos.

Evitando os olhos e os braços ondulantes de outros indigentes, Steve se viu em uma cama malfeita, com um cobertor fino jogado em seu corpo e deitou-se para dormir. Em cada pedaço do ambiente ao seu redor, os homens tossiam e resmungavam e choravam. Um rezava deitado, encarando o teto, em um travesseiro cinza. Steve achou uma boa ideia. Então disse a própria reza infantil.

"Senhor Jesus, dócil e manso,
Cuide bem desta criança.
Perdoe a minha —
Qual era a palavra?
Perdoe a minha — *inocência*
E me leve à tua presença."

Isso fez ele se sentir melhor; e o sono, um bálsamo, foi azul e profundo.

• • •

Quaid se sentou no escuro. O terror o alcançou de novo, pior que nunca. O corpo estava rígido de medo; tanto medo que ele não conseguia sair da cama e ligar o interruptor. Além disso, e se desta vez, desta vez, dentre todas, o terror fosse verdadeiro? E se o homem do machado estivesse na porta em carne e osso? Sorrindo como um lunático para ele, dançando como o diabo no topo das escadas, como Quaid tinha visto nos sonhos, dançando e sorrindo, sorrindo e dançando.

Nada se movia. Sem rangido na escada, sem risadinhas nas sombras. Não era ele, afinal. Quaid viveria até de manhã.

Seu corpo agora relaxou um pouco. Ele virou as pernas para fora da cama e ligou a luz. O quarto de fato estava vazio. A casa em silêncio. Pela porta aberta ele podia ver o topo das escadas. Sem homem do machado, claro.

• • •

Steve acordou gritando. Ainda estava escuro. Ele não sabia por quanto tempo dormira, mas seus membros já não doíam tanto. Com os cotovelos no travesseiro, sentou-se e observou o dormitório para ver o motivo de toda aquela comoção. A quatro fileiras de camas da sua, dois homens brigavam. O

motivo da contenda não estava nada claro. Eles apenas se atracavam como garotas (assisti-los fez Steve rir), guinchando e puxando os cabelos um do outro. O luar escurecia o sangue em seus rostos e mãos. Um deles, o mais velho dos dois, foi jogado atravessado na cama, gritando: “Não vou para a Finchley Road! Você não pode me obrigar. Não bate em mim! Não sou seu homem! Não sou!”.

O outro não ouvia nada; era muito estúpido, ou louco, para compreender que o velho implorava para que ele o deixasse em paz. Estimulado por espectadores de cada lado, o agressor do velho havia retirado o sapato e o utilizava para dar uma sova na vítima. Steve podia escutar o pac pac dos golpes: calcanhar na cabeça. Havia gritos de incentivo acompanhando cada pancada, e os berros do velho se atenuaram.

De repente, o aplauso perdeu força, quando alguém entrou no dormitório. Steve não conseguiu ver quem era; a massa de homens amontoada em volta da luta estava entre ele e a porta.

Mas ele viu o vencedor jogar o sapato para cima com um grito final de “Filho da puta!”.

O sapato.

Steve não conseguiu tirar os olhos do sapato, ele pairou no ar, então caiu nas tábuas vazias, como um pássaro alvejado. Steve viu com clareza, com mais clareza do que em muitos outros dias.

Não caiu longe dele.

Não caiu com um barulho alto.

Caiu ao seu lado. Assim como o sapato dele havia caído. O sapato dele. O que ele chutou para longe. Na grade. No quarto. Na casa. Na Pilgrim Street.

• • •

Quaid acordou com o mesmo sonho. Sempre a escadaria. Sempre olhando para baixo no túnel das escadas, enquanto aquela visão ridícula, meio piada, meio horror, andava na ponta dos pés em sua direção, uma risada a cada passo.

Ele jamais havia sonhado duas vezes em qualquer noite antes daquela. Balançou a cabeça na beira da cama e tateou em busca da garrafa que deixava lá. No escuro ele deu um longo gole.

• • •

Steve passou pelo grupo de homens irritados, sem se importar com os gritos ou com os palavrões e gemidos do velho. Os guardas estavam tendo dificuldade em lidar com a situação. Era a última vez que o Velho Crowley seria admitido: ele sempre atraía a violência. Isso tinha todas as marcas do princípio de uma revolta; levaria horas para acalmá-los de novo.

Ninguém questionou Steve enquanto ele percorria o corredor, atravessava o portão, e entrava no vestíbulo do Abrigo Noturno. As portas vai e vem estavam fechadas, mas o ar noturno tinha um cheiro refrescante, acre antes do alvorecer, quando ele se infiltrou lá dentro.

A recepção minúscula estava vazia, e pela porta Steve podia ver o extintor de incêndio pendurado na parede. Era vermelho e brilhante. Ao lado havia uma mangueira preta comprida, enrolada em um tambor vermelho como se fosse uma cobra dormindo. Ao seu lado, apoiado por dois suportes na parede, havia um machado.

Um belíssimo machado.

Stephen entrou no escritório. A certa distância ele ouvia o barulho de pés correndo, gritos, um assobio. Mas ninguém interrompeu Steve, enquanto ele fazia amizade com o machado.

Primeiro sorriu para ele.

A curva da lâmina do machado sorriu de volta.

Então o tocou.

O machado parecia gostar de ser tocado. Estava empoeirado, e não era usado fazia muito tempo. Tempo demais. Desejava ser pego, empunhado, que sorrissem para ele. Steve o retirou dos suportes com suavidade, e o enfiou no casaco para mantê-lo aquecido. Então saiu da recepção pelas portas vai e vem para procurar seu outro sapato.

• • •

Quaid acordou de novo.

• • •

Steve precisou de pouquíssimo tempo para se orientar. Havia um salto em seu passo, conforme ele passou a seguir até a Pilgrim Street. Sentia-se como um palhaço, vestindo tantas cores quentes, em calças tão folgadas, botas tão ridículas. Era um sujeito cômico, não era? Ria sozinho, era tão cômico.

O vento começou a bater nele, levando-o ao frenesi enquanto passava por seu cabelo e fazia seus olhos ficarem frios como duas pedras de gelo nas

órbitas.

Começou a correr, saltitar, dançar, pinotear pelas ruas, branco sobre as luzes, escuro entre elas. Agora você me vê, agora não. Agora você me vê, agora —

• • •

Quaid ainda não havia sido desperto do sonho desta vez. Desta vez ele havia escutado um barulho. Definitivamente um barulho.

A lua havia subido o bastante para lançar seus feixes de luz pela janela, pela porta, e no topo da escadaria. Não havia necessidade de ligar a luz. Tudo o que precisava ver, ele conseguia ver. O topo da escadaria estava vazio, como sempre.

Então, no pé, a escadaria rangeu, um ruído baixo, como se um suspiro pousasse ali.

Então Quaid reconheceu o pavor.

Outro rangido, ao subir as escadas em direção a ele, o sonho ridículo. Tinha que ser um sonho. Afinal, ele não conhecia nenhum palhaço, nenhum assassino de machado. Então como aquela imagem absurda, a mesma imagem que o fazia acordar noite após noite, poderia ser algo além de um sonho?

Ainda assim, talvez houvesse sonhos tão absurdos que só podiam ser verdade.

Nada de palhaços, disse a si mesmo, enquanto observava a porta, e a escadaria, e o farolete da lua. Quaid conhecia apenas mentes frágeis, tão frágeis que elas não lhe dariam uma pista quanto à natureza, à origem, ou à cura do pânico que agora o escravizava. Tudo o que elas faziam era romper, se esfarelar, quando encaravam o menor indício do pavor no cerne da vida.

Ele não conhecia palhaços, nunca tinha conhecido, nem conheceria.

Então ele surgiu; a face de um tolo. Pálido à branquidão, no luar, seus traços jovens machucados, sem barbear e inchado, o sorriso aberto como o de uma criança. Havia mordido o lábio de excitação. Havia sangue esparramado na parte inferior da mandíbula, e as gengivas estavam quase pretas de sangue. Mas ainda era um palhaço. Sem dúvidas um palhaço, com as roupas folgadas, tão incongruente, tão patético.

Só que o machado não combinava bem com aquele sorriso.

Refletia o luar, conforme o maníaco fazia pequenos movimentos de corte com ele, os olhos minúsculos cintilando com a antecipação da diversão que

teria.

Quase no topo das escadas, ele parou, seu sorriso não hesitava sequer por um instante enquanto ele via o terror de Quaid.

As pernas de Quaid cederam, e ele desabou de joelhos.

O palhaço subiu outro degrau, pulando enquanto fazia isso, os olhos cintilantes fixos em Quaid, cheios de uma espécie de malícia benigna. O machado balançava de um lado para o outro em suas mãos brancas, em uma versão reduzida de um golpe fatal.

Quaid o reconheceu.

Era seu aluno: sua cobaia, transformado na imagem de seu próprio pavor.

Ele. Dentre todos os homens. Ele. O garoto surdo.

Os saltos agora estavam maiores, e o palhaço estava fazendo um barulho com o fundo da garganta, como o chamado de um pássaro fantástico. O machado desenhava círculos cada vez maiores no ar, cada um mais letal que o anterior.

“Stephen”, disse Quaid.

O nome nada significava para Steve. Tudo o que ele viu foi a boca se abrindo. A boca se fechando. Talvez um som saísse: talvez não. Era irrelevante para ele.

A garganta do palhaço emitiu um guincho, e o machado girou acima de sua cabeça, seguro por duas mãos. Ao mesmo tempo, a dancinha feliz se transformou em uma corrida, quando o lenhador saltou os dois últimos degraus e entrou no quarto, direto para o farolete.

O corpo de Quaid se virou para evitar o golpe fatal, mas não com rapidez ou elegância o suficiente. A lâmina fatiou o ar e cortou as costas do braço de Quaid, lacerando a maior parte do tríceps, estilhaçando o úmero e abrindo a carne da parte de baixo do braço, em um ferimento que por pouco não acerta a artéria.

O grito de Quaid poderia ter sido ouvido a dez casas de distância, mas aquelas casas eram destroços. Não havia ninguém para ouvir. Ninguém para entrar e afastar o palhaço dele.

O machado, ansiando por realizar sua função, agora fatiava a coxa de Quaid, como se cortasse uma tora de madeira. Ferimentos abertos de uns dez centímetros de profundidade expuseram a carne reluzente do músculo do filósofo, o osso, o tutano. A cada golpe, o palhaço puxava o machado para arrancá-lo, e o corpo de Quaid tremia como um boneco.

Quaid gritava. Quaid implorava. Quaid barganhava.

O palhaço não ouvia nada.

Tudo o que ouvia era o barulho na cabeça: os assobios, os gritos de estímulo, os uivos, zumbidos. Havia se refugiado onde nenhum argumento racional ou ameaça poderia resgatá-lo de novo. Onde a batida de seu coração era a lei, e o lamento de seu sangue era música.

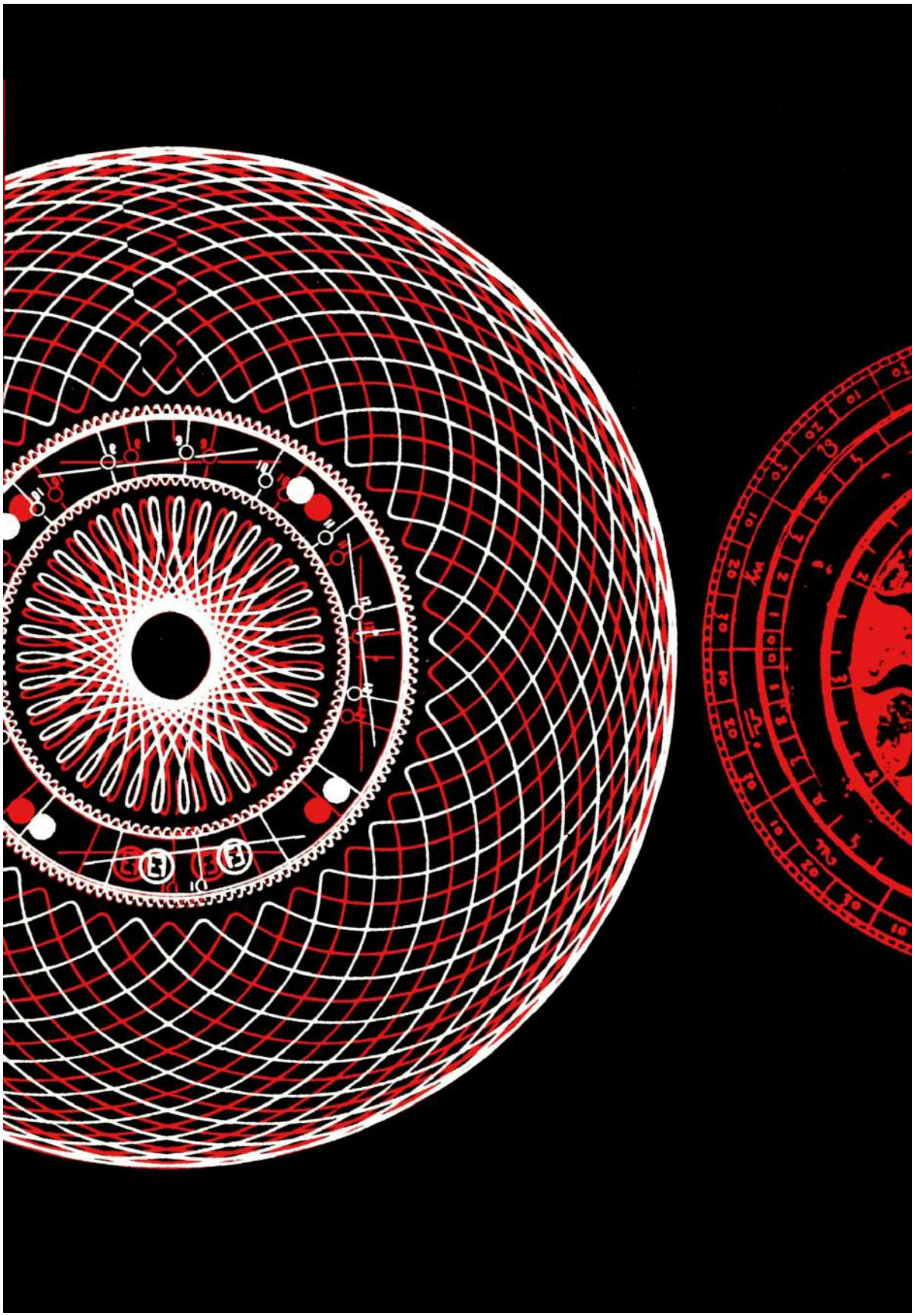
Como dançava, esse surdo, dançava como um lunático para ver seu atormentador aberto como um peixe, a depravação de seu intelecto silenciada para sempre. Como o sangue jorrava! Como jorrava e espirrava!

O palhacinho ria ao ver tanta graça. Seria uma grande noite de diversão, pensou. O machado era seu amigo para sempre, afiado e inteligente. Podia cortar, fatiar, lacerar e amputar, e ainda assim manter esse homem vivo, se fossem espertos o bastante, vivo por muito, muito tempo.

Steve estava feliz como uma ovelha. Eles tinham o resto da noite pela frente, e toda a música que ele poderia talvez desejar tocava em sua cabeça.

E Quaid descobriu, encontrando o olhar vazio do palhaço através do ar sangrento, que no mundo havia coisa pior que o pavor. Pior que a própria morte.

Havia a dor sem esperança de cura. Havia a vida que se recusava a terminar, muito tempo depois da mente implorar ao corpo para que ele cessasse. E pior, havia sonhos que se tornavam realidade.



Ir devagar seria mais sábio. Só tropeça quem corre.
— William Shakespeare —

CLIVE BARKER
VOLUME 2

EVENTO DO INFERNO

O Inferno subiu às ruas e praças de Londres naquele setembro, gélido devido às profundezas do Nono Círculo, congelado demais para poder ser aquecido até mesmo pelo calor de um verão da índia. Havia feito seus planos com o máximo de cuidado, planos sendo o que eram, frágeis. Dessa vez foi um pouquinho mais meticuloso que o normal, checando cada mínimo detalhe duas ou três vezes, para se assegurar de que tinha todas as chances de ganhar essa disputa vital.

Jamais lhe faltara espírito competitivo; havia confrontado fogo e carne milhares de milhares de vezes ao longo dos séculos, às vezes vencendo, com mais frequência perdendo. As apostas eram, afinal, no que consistia seu avanço. Sem o impulso humano de competir, negociar, e apostar, o Pandemônio poderia ter caído devido à falta de cidadãos. Dança, corrida de cães, execução de rabeca; tudo a mesma coisa, para Os Golfos; tudo um jogo em que era possível, se disputado com inteligência o suficiente, angariar uma ou duas almas. Foi por isso que o Inferno subiu a Londres naquele lindo dia azul: para disputar uma corrida, e para ganhar, se possível, almas o suficiente para mantê-lo ocupado por outra era com a perdição.

• • •

Cameron ligou o rádio; a voz do comentarista estrondava e baixava como se ele estivesse falando do Polo Norte, em vez da Catedral de São Paulo. Ainda faltava uma boa meia hora antes da corrida começar, mas Cameron desejava

ouvir o comentário de aquecimento, apenas para saber o que diziam de seu filho.

"… atmosfera está elétrica… com certeza dezenas de milhares ao longo do trajeto…"

A voz desapareceu: Cameron xingou, e mexeu no sintonizador até que as imbecilidades voltassem.

"… sido chamada de corrida do ano, e que dia é este! Não é, Jim?"

"Sem dúvidas, Mike —"

"Esse foi o grande Jim Delaney, que está lá em cima do Olho do Céu, e estará acompanhando o percurso da corrida, nos dando uma vista aérea, não é Jim?"

"Sem dúvidas, Mike —"

"Bem, há bastante atividade atrás da linha de partida, os competidores estão todos se alongando para o início. Posso ver Nick Loyer, usando o número três, e devo dizer que ele parece em ótima forma. Ele me falou quando chegou que não costumava correr aos domingos, mas abriu uma exceção para esta corrida, pois, claro, se trata de um evento beneficente, e todos os rendimentos irão para a Pesquisa sobre o Câncer. Joel Jones, nosso medalhista de ouro nos 800 metros está presente, e correrá contra seu grande rival, Frank McCloud. E ao lado dos grandes, podemos ver novos rostos. Usando o número cinco, o sul-africano Malcolm Voight, e completando o percurso, Lester Kinderman, que foi, é claro, a surpresa ao vencer a maratona da Áustria no ano passado. E devo dizer que todos eles parecem novos em folha nesta soberba tarde de setembro. Não poderíamos desejar um dia melhor, poderíamos, Jim?"

• • •

Joel havia despertado com sonhos ruins.

"Vai ficar tudo bem, se acalme", dissera-lhe Cameron.

Mas ele não estava se sentindo bem; sentia um enjoo na boca do estômago. Não o nervosismo prévio às corridas; estava acostumado a elas e podia lidar com a sensação. Enfiar dois dedos na goela e vomitar era o melhor remédio que ele conhecia; resolver de uma vez por todas. Não, este não era nervosismo prévio às corridas, ou qualquer coisa parecida. Era mais profundo, para começar, como se as suas entranhas, seu centro, seu âmago, estivessem fervendo.

Cameron não teve solidariedade.

“É uma corrida beneficente, não as Olimpíadas”, afirmou, olhando por cima do garoto. “Aja conforme sua idade.”

Essa era a técnica de Cameron. Sua voz jovial era feita para induzir, mas era usada para oprimir. Sem essa opressão, não haveria medalha de ouro, nem multidões em polvorosa, nem jovens admiradoras. Um dos tabloides elegera Joel como o rosto negro mais bonito da Inglaterra. Era bom ser cumprimentado como um amigo por desconhecidos; ele gostava da admiração, por mais curta que pudesse ser a duração daquilo.

“Eles te amam”, observou Cameron. “Sabe-se lá Deus por quê — eles te amam.”

Então riu, terminada a pequena crueldade.

“Vai dar tudo certo, filho”, disse. “Agora vai lá e corra como se sua vida dependesse disso.”

Assim, em plena luz do dia, Joel olhou para o resto da pista e se sentou um pouco mais animado. Kinderman tinha estamina, mas não tinha potência no final de uma distância média. A técnica de maratona era uma habilidade bastante diferente. Além disso, ele era muito míope, usava óculos de armação de metal com lentes tão grossas que lhe davam o aspecto de um sapo atordoado. Sem perigo. Loyer: ele era bom, mas tampouco era a sua distância. Era um corredor de obstáculos, e às vezes um velocista. Quatrocentos metros era seu limite e mesmo assim ele não se sairia feliz. Voight, o sul-africano. Bem, não havia tanta informação a respeito dele. Com certeza um homem em forma, a julgar por sua aparência, e alguém com quem tomar cuidado, pois poderia tornar-se uma surpresa. Mas o problema de verdade desta corrida era McCloud. Joel havia corrido contra Frank “Flash” McCloud três vezes. Duas vezes o deixou em segundo lugar, e uma (dolorosamente) com as posições ao inverso. E o jovem Frankie tinha uns resultados para descontar: em especial a derrota nas Olimpíadas; ele não gostou de receber prata. Devia tomar cuidado com Frank. Corrida beneficente ou não, McCloud daria o melhor, pela multidão e pelo orgulho. Ele já estava na linha de partida testando a posição, os ouvidos já em alerta. Flash era o homem, sem dúvidas.

Por um momento, Joel flagrou Voight o encarando. Incomum, isso. Competidores quase nunca olhavam uns para os outros antes de uma corrida, era uma espécie de timidez. O rosto do homem era pálido, e ele estava ficando careca. Parecia no começo da casa dos 30 anos, porém tinha um físico mais jovem e esguio. Pernas compridas, mãos grandes. Um corpo que,

de alguma forma, era desproporcional em relação à cabeça. Quando seus olhos se encontraram, Voight desviou o olhar. A corrente fina em volta do pescoço refletiu o sol, e o crucifixo que ele estava usando cintilou, dourado, ao balançar com suavidade sob o queixo.

Joel também portava seu amuleto da sorte. Preso no cós dos shorts, uma mecha de cabelo da mãe, que ela cortara para ele meia década antes, antes de sua primeira corrida importante. No ano seguinte ela retornou a Barbados, onde morreu. Uma grande tristeza: uma perda inesquecível. Sem Cameron, ele teria sucumbido.

Cameron assistia aos preparos dos degraus da Catedral; planejava ver o início, então daria a volta pedalando pela rua de trás da Strand para pegar o final. Chegaria bem antes dos competidores, e acompanharia a corrida pelo rádio. Sentia-se bem com o dia. Seu garoto estava em ótima forma, com ou sem náusea, e a corrida era um modo ideal de manter o garoto com humor competitivo sem forçar a barra. Claro que era uma distância e tanto, atravessar Ludgate Circus, percorrer a Fleet Street, por Temple Bar até a Strand, então cortar a esquina da Trafalgar Square e descer Whitehall até as Casas do Parlamento. Correr no asfalto também. Mas era uma boa experiência para Joel, e ela o pressionaria um pouco, o que era útil. Havia um corredor de longas distâncias no garoto, e Cameron sabia disso. Jamais fora um velocista, não conseguia dar os passos com precisão o bastante. Precisava de tempo e distância, encontrar seu pulso, ajustar-se e elaborar sua tática. Acima de 800 metros o garoto era um talento natural: seu passo, um modelo de economia; seu ritmo, quase perfeito. Mas, além disso, tinha coragem. A coragem lhe rendera um ouro, e a coragem o levaria à linha de chegada várias e várias vezes. Era isso o que diferenciava Joel. Um grande número de garotos com muita técnica surgia e sumia, pois sem a coragem de suplementar essas habilidades, eles não venciam quase nada. Arriscar quando valia a pena arriscar, correr até a dor o cegar, isso era especial e Cameron sabia. Gostava de pensar que ele mesmo tinha um pouco disso.

Hoje o garoto não parecia tão contente. Problemas com mulheres, era a aposta de Cameron. Sempre havia problemas com mulheres, ainda mais com a reputação de menino de ouro que Joel havia angariado. Tentara explicar-lhe que haveria muito tempo para a cama e volúpia, quando acabasse o vapor da carreira, mas Joel não estava interessado no celibato e Cameron não o culpava por isso.

A pistola foi erguida e disparada. Uma pluma de fumaça branco-azulada foi seguida por um som que mais parecia um estalo do que um estouro. O tiro fez os pombos do domo da Catedral de São Paulo despertarem e, interrompida a sua idolatria, eles começaram a voar em uma congregação ruidosa.

Joel teve um bom começo. Limpo, bom e rápido.

No mesmo instante, a multidão começou a gritar seu nome, as vozes às costas, ao lado, um temporal de entusiasmo amoroso.

Cameron assistiu aos primeiros doze metros, enquanto o trajeto lograva uma ordem na corrida. Loyer estava na frente do bando, embora Cameron não soubesse se ele tinha chegado lá por escolha ou acaso. Joel estava atrás de McCloud, que estava atrás de Loyer. Sem pressa, garoto, disse Cameron, e saiu da linha de partida. Sua bicicleta estava presa por uma corrente em Paternoster Row, a um minuto a pé da praça. Sempre odiara carros: coisas ímpias, deformantes, desumanas, nada cristãs. Com uma bicicleta você era o próprio mestre. Não era tudo que um homem poderia desejar?

"— Foi um início soberbo do que tem tudo para ser uma corrida maravilhosa. Eles já cruzaram a praça e a multidão está enlouquecendo aqui: de fato mais parecida com os Jogos Europeus do que com uma Corrida Beneficente. O que você está achando, Jim?"

"Bem, Mike, estou vendo uma multidão enfileirada por toda a Fleet Street: e a polícia me pediu para avisar às pessoas que não tentem vir assistir à corrida de carro, pois, é claro, essas ruas foram bloqueadas para o evento. Quem tentar vir de carro não vai conseguir chegar a lugar nenhum."

"Neste momento, quem está na liderança?"

"Bem, Nick Loyer está mesmo definindo o ritmo nesta etapa da disputa, apesar de sabermos, é claro, que a tática é muito importante nesse tipo de distância. Mais que uma distância média e menos que uma maratona, mas todos esses homens têm tática, e cada um tentará deixar os outros correrem nas etapas iniciais."

Cameron sempre dizia: que os outros sejam os heróis.

Era uma lição dura de se aprender, pensou Joel. Quando a pistola disparava era difícil não gastar todo o gás, desembestar de vez, como uma mola pressionada. Queimar tudo nos primeiros duzentos metros e não deixar nada na reserva.

É fácil ser um herói, Cameron costumava dizer. Não é inteligente, nada inteligente. Não perca seu tempo se exibindo, apenas deixe o super-homem

ter seu momento. Fique com o grupo, mas segure um pouco atrás. Melhor ser louvado no pódio por ganhar, que ser chamado de bom perdedor.

Vencer. Vencer. Vencer.

A qualquer custo. A *quase* qualquer custo.

Vencer.

O homem que não deseja vencer não é meu amigo, dizia. Se deseja participar por amor, pelo esporte, faça com outra pessoa. Apenas estudantes de escola pública acreditam nessa besteira da alegria em participar da disputa. Não há alegria na derrota, garoto. O que eu disse?

Não há alegria na derrota.

Seja um bárbaro. Dispute dentro das regras, mas no limite delas. O máximo que puder forçar, force. Não deixe nenhum filho da puta lhe falar algo diferente disso. Você está aqui para vencer. O que eu disse?

Vencer.

Em Paternoster Row a ovação emudecia, e as sombras dos prédios bloqueavam o sol. Quase fazia frio. Os pombos ainda sobrevoavam logo acima, incapazes de parar, agora que haviam sido atiçados para fora do repouso. Eram os únicos ocupantes das ruas de trás. O resto do mundo vivente, parecia, estava assistindo à corrida.

Cameron destravou a bicicleta, pôs no bolso a corrente e os cadeados, e subiu nela. Muito saudável para alguém de 50 anos, pensou, apesar do vício em charutos baratos. Ligou o rádio. A recepção estava ruim, emparedada entre os prédios; apenas estalos. Ele parou montado na bicicleta e tentou ajustar a sintonia. Melhorou um pouco.

"— e Nick Loyer já está ficando para trás —"

Foi rápido. Pense, Loyer saiu do auge há uns dois anos. Tempo de jogá-lo nas estacas e substituí-lo pelos mais jovens. Ele tivera de fazer isso, embora, meu Deus, tenha sido bastante doloroso. Cameron lembrou-se com lucidez de como se sentia aos 33, quando percebeu que seus melhores anos de corrida haviam se passado. Era como ter um dos pés enterrado no túmulo, um salutar lembrete da rapidez com que o corpo floresce e começa a secar.

Ao pedalar para fora das sombras, a uma rua mais ensolarada, passou uma Mercedes preta, conduzida por um chofer, tão silenciosa que parecia propelida pelo vento. Cameron avistou por um breve momento os passageiros. Reconheceu em um deles o homem com quem Voight fora visto conversando antes da corrida, um indivíduo de rosto magro com cerca de 40

anos, e uma boca tão fina que os lábios pareciam removidos por alguma cirurgia.

Voight sentava-se ao lado dele.

Por mais impossível que parecesse, era o rosto de Voight que via detrás do vidro fumê da janela; estava até vestido para a corrida.

Cameron não gostou nada do aspecto disso. Vira o sul-africano fazia cinco minutos, correndo lá fora. Então quem era esse? Um sósia, com certeza. Cheirava a maracutaia, de algum modo; havia algo de podre no reino.

A Mercedes já estava desaparecendo em uma esquina. Cameron desligou o rádio e, bastante atabalhoado, pedalou atrás do carro. O sol aprazível o fazia suar, conforme ele andava.

A Mercedes seguia com dificuldade pelas ruas estreitas, ignorando as placas de Mão Única ao avançar. A lenta passagem tornou um tanto fácil para Cameron manter o veículo à vista sem ser visto por seus ocupantes, embora o esforço começasse a acender uma chama em seus pulmões.

Em um minúsculo beco sem nome a oeste de Fetter Lane, onde as sombras estavam em especial muito densas, a Mercedes parou. Cameron, oculto da vista a menos de vinte metros do carro, observou quando o chofer abriu a porta e o homem sem lábio, e o sósia de Voight logo atrás dele, saíram e adentraram um prédio indescritível. Quando todos os três haviam desaparecido, Cameron escorou a bicicleta na parede e os seguiu.

A rua estava tão silenciosa que dava para ouvir a queda de um alfinete. Dessa distância, o barulho da multidão era apenas um murmúrio. Poderia ser outro mundo, essa rua. As sombras de pássaros esvoaçantes, as janelas dos prédios de tijolos, a tinta descascada, o cheiro podre no ar inerte. Um coelho morto na sarjeta, um coelho preto de pescoço branco, o animal de estimação perdido de alguém. Moscas voavam e pousavam nele, alternavam entre assustadas e vorazes.

Cameron avançou agachado em direção à porta aberta com o máximo de silêncio. Não tinha, revelou-se, nada a temer. O trio havia desaparecido pelo corredor escuro fazia muito tempo. O ar estava fresco no corredor, e cheirava a umidade. Parecendo destemido, mas sentindo medo, Cameron entrou no prédio às cegas. O papel de parede do corredor tinha cor de merda, a tinta a mesma coisa. Era como entrar em um intestino; um intestino de um morto, frio e cheio de merda. À frente, a escadaria havia desabado, fechando o acesso ao andar de cima. Eles não haviam subido, mas descido.

A porta do porão era adjacente à escada defunta, e Cameron podia ouvir vozes vindas lá debaixo.

É agora ou nunca, pensou, e abriu a porta o suficiente para se infiltrar na escuridão adiante. Estava gélido. Não apenas frio, ou úmido, mas refrigerado. Por um momento ele pensou que havia entrado em um estoque de frios. Seu fôlego se tornava névoa nos lábios: os dentes queriam bater.

Agora não podia voltar, pensou, e começou a descer os degraus escorregadios por causa do gelo. Não estava escuro por completo. No fim da leva de escadas, uma longa descida, tremia uma luz pálida, cujo brilho sem inspiração aspirava ao dia. Cameron observou meditativo a porta aberta atrás de si. Parecia bastante tentadora, mas ele estava curioso, muito curioso. Não havia nada a fazer, além de descer.

Em suas narinas o odor do local o incomodou. Ele tinha um péssimo olfato, e um paladar ainda pior, como a esposa gostava de lembrar. Ela dizia que ele não era capaz de distinguir o alho de uma rosa, e isso com certeza era verdade. Mas o cheiro nessa profundeza significava algo a ele, algo que agitava os ácidos de sua barriga.

Cabras. Era o cheiro, ahá! Ele desejava dizer a ela agora mesmo que desta vez tinha reconhecido, era o cheiro de cabras.

Estava quase no fim da escada, a cerca de cinco, talvez dez metros no subsolo. As vozes ainda estavam a alguma distância, atrás de uma segunda porta.

Ele estava de pé em uma pequena câmara com paredes mal alvejadas e pichações obscenas, a maioria desenhos do ato sexual. No chão, um candelabro de sete braços. Apenas duas das velas encardidas estavam acesas, e elas queimavam com uma chama tremeluzente que era quase azul. O cheiro de cabra agora estava mais forte, e misturado a um cheiro doce tão nauseante que parecia o de um bordel turco.

Na câmara havia duas portas, e de trás de uma delas Cameron ouviu a conversa. Com precaução escrupulosa, cruzou o chão escorregadio até a porta, aguçando os ouvidos para compreender os murmúrios. Havia urgência neles.

“— pressa —”

“— as habilidades certas —”

“crianças, crianças —”

Risadas.

“Acredito que — amanhã — todos nós —”

Mais risadas.

De repente as vozes pareceram mudar de direção, como se os falantes se voltassem para a porta. Cameron recuou três passos no chão gelado, quase colidindo com o candelabro. As chamas cuspiam e sussurravam na câmara conforme ele passava.

Ele precisava escolher entre as escadas e a outra porta. As escadas representavam uma retirada completa. Se ele as subisse ficaria seguro, porém jamais saberia. Jamais saberia o motivo do frio, por que as chamas azuis, por que o cheiro de cabra. A porta era um acaso. De volta a ela, os olhos na porta do outro lado, lutou com a maçaneta de bronze que tinha um frio penetrante. Ela girou com um pouco de esforço, e ele sumiu de vista quando a porta do lado oposto se abriu. Os dois movimentos foram sincopados com perfeição: Deus estava com ele.

No momento em que fechava a porta, percebeu que cometia um erro. Deus não estava com ele, na verdade.

Agulhas de frio penetraram-lhe o cérebro, os dentes, os olhos, os dedos. Sentia-se como se tivesse sido jogado nu no meio de um iceberg. O sangue parecia estancado nas veias; a saliva na língua se cristalizou: o muco na cavidade do nariz machucava ao se tornar gelo. O frio parecia aleijá-lo, sequer conseguiu dar a volta.

Não conseguia nem mover as juntas, então tateou em busca do isqueiro com dedos tão dormentes que podiam ter sido arrancados sem ele sentir nada.

O isqueiro já estava colado em sua mão, o suor nos dedos havia se tornado gelo. Tentou acendê-lo, contra o escuro, contra o frio. Com relutância, cintilou em uma crepitação semiviva.

A sala era grande: uma caverna de gelo. As paredes, o teto encrustado, cintilavam e brilhavam. Acima da cabeça, estalactites de gelo afiadas como lanças. No chão onde ele parou, um pouco desequilibrado, havia um caminho cavado em direção a um buraco no meio da sala. A uns dois metros, do outro lado, as beiras e paredes tão cobertas de gelo que mais pareciam um rio capturado enquanto se derramava na escuridão.

Pensou em *Xanadu*, poema que ele conhecia de cor. Visões de outra Albion —

“Onde antes corria Alph, o rio sagrado,
Por cavernas ao homem imensuráveis
Descendo a um mar sem sol.”[1]

Se de fato houvesse um mar ali embaixo, seria um mar congelado. Era a morte eterna.

Era o mais firme que ele conseguia ficar, para evitar que escorregasse no declive rumo ao desconhecido. O isqueiro tremeluziu quando um sopro gelado o apagou.

“Merda”, disse Cameron ao mergulhar na escuridão.

Se a palavra alertou o trio do lado de fora, ou se Deus o abandonou por completo naquele momento e os convidou a abrir a porta, ele jamais saberia. Mas quando a porta girou para se abrir, ela derrubou Cameron. Demasiado dormente e congelado para evitar a queda, ele desabou no chão de gelo quando o cheiro de cabra adentrou o cômodo.

Cameron se virou até a metade. O sósia de Voight estava diante da porta, assim como o chofer e o terceiro homem da Mercedes. Ele usava um casaco que parecia ser feito de várias peles de cabra. Os cascos e chifres ainda estavam pendurados. O sangue no couro estava marrom e pegajoso.

“O que está fazendo aqui, sr. Cameron?”, perguntou o homem com casaco de cabra.

Cameron mal conseguia falar. A única sensação restante em sua cabeça era uma pontada de agonia no meio da testa.

“Mas que inferno!”, perguntou, os lábios quase congelados demais para se moverem.

“De fato, sr. Cameron”, replicou o homem. “Este é o Inferno.”

• • •

Ao passarem por St. Mary Le Strand, Loyer olhou para trás e tropeçou. Joel, três metros atrás dos líderes, sabia que o homem estava desistindo. Muito rápido, também; algo estava faltando. Ele afrouxou o passo, deixando McCloud e Voight passarem-no. Sem muita pressa. Kinderman estava bem atrás, incapaz de competir com esses rapazes velozes. Era a tartaruga dessa corrida, com certeza. Loyer foi ultrapassado por McCloud, então Voight, e enfim por Jones e Kinderman. O fôlego o abandonou de repente e suas pernas ficaram pesadas como chumbo. Pior, ele viu o asfalto sob os pés em movimento estalar e rachar, e dedos, como os de crianças sem sentimentos, subirem do chão para pegá-lo. Ninguém mais via isso, ao que parecia. As multidões apenas rugiam, enquanto essas mãos ilusórias quebravam seus túmulos de asfalto e o seguravam. Ele desabou nesses braços mortos, exausto, a juventude acabada e a força esvaída. Os dedos inquiridores dos

mortos continuavam a puxá-lo, muito depois de os doutores retirarem-no da pista, examinarem-no e sedarem-no.

Ele sabia o motivo, claro, deitado lá no asfalto quente enquanto o pegavam. Olhou para trás. Viu o que fez elas surgirem. Ele tinha olhado —

"E depois da queda sensacional de Loyer, a corrida ficou em aberto. Frank *Flash* McCloud está apertando o passo, e está se afastando bastante do novato, Voight. Joel Jones fica ainda mais para trás, e não parece acompanhar os líderes. O que você acha, Jim?"

"Bem, ou ele já está acabado, ou está arriscando esperar para ver se eles ficam cansados. Lembre-se de que ele é novo nessa distância —"

"Sim, Jim —"

"E que isso pode deixá-lo descuidado. Com certeza vai ter muito trabalho para melhorar, com a atual posição em terceiro lugar."

Joel sentia vertigem. Por um momento, enquanto assistia Loyer começar a perder o controle do ritmo, ouvira o homem rezando em voz alta. Rezando para Deus salvá-lo. Havia sido o único a ouvir as palavras —

> "Sim, pois ainda que eu atravesse
> as sombras do Vale da Morte,
> males não temerei, pois comigo estás
> e teu cajado e teu bordão me —"[2]

Agora o sol estava mais quente, e Joel começava a sentir as vozes familiares de seus membros fatigados. Correr no asfalto era duro para seus pés, duro para as juntas. Não que isso levasse um homem a rezar. Tentou tirar da mente o desespero de Loyer e se concentrar no assunto que tinha em mãos.

Ainda faltava correr bastante, o trajeto não havia passado da metade. Tempo de sobra para alcançar os heróis: tempo de sobra.

Conforme corria, seu cérebro em estado de ócio revirava as rezas que a mãe lhe ensinara para o caso de necessidade, mas os anos as erodiram: todas haviam desaparecido.

• • •

"Meu nome", disse o homem de casaco de cabras, "é Gregory Burgess. Membro do Parlamento. Você não me conheceria. Evito chamar a atenção."

"MP?", perguntou Cameron.

"Sim. Independente. *Muito* independente."

"Esse é o irmão de Voight?"

Burgess olhou para o outro Voight. Sequer tremelicava, no frio intenso, embora vestisse apenas shorts e uma camiseta fina.

“Irmão?”, disse Burgess. “Não, não. Ele é meu — qual a palavra? Familiar.”

A palavra remetia a algo, mas Cameron não lia muito. O que era um familiar?

“Mostre a ele”, ordenou Burgess, com ar magnânimo.

A face de Voight tremeu, a pele pareceu murchar, os lábios se retorceram para trás dos dentes, e os dentes derreteram até se tornarem uma cera branca, que foi derramada em um esôfago que, por sua vez, se transfigurou em uma coluna de prata reluzente. A face não era mais humana, nem mesmo mamífera. Tornou-se um leque de facas cujas lâminas reluziam à luz das velas do outro lado da porta. Logo que essa bizarrice se fixou, começou a se alterar de novo, as facas se derreteram e escureceram, o pelo brotou, olhos surgiram e cresceram até o tamanho de balões. Antenas saltaram dessa nova cabeça, mandíbulas sobressaíram da polpa da imaginação, e a cabeça de uma abelha, enorme e perfeitamente intrincada, agora estava presa ao pescoço de Voight.

Burgess, claro, apreciou o espetáculo; aplaudiu com mãos enluvadas.

“Os dois são familiares”, afirmou, gesticulando para o chofer, que havia removido o quepe e deixou um feixe de cabelos ruivos caírem nos ombros. Era uma mulher estonteante, um rosto ao qual você daria a vida. Mas uma ilusão, como o outro. Sem dúvidas era capaz de se transformar em infinitas pessoas.

“Os dois são meus, claro”, disse Burgess, com orgulho.

“O quê?”, foi tudo o que Cameron conseguiu falar; esperava que servisse para todas as dúvidas em mente.

“Sirvo ao Inferno, sr. Cameron. E por sua vez o Inferno me serve.”

“O Inferno?”

“Atrás de você, uma das entradas para o Nono Círculo. Conhece Dante, presumo.”

“Eis a cidade de Dite! Eis o local
Onde deves armar teu coração com força!”[3]

“Por que estão aqui?”

“Para participar da corrida. Ou melhor, meu terceiro familiar já está participando da corrida. Ele não será vencido desta vez. Desta vez é o evento

do Inferno, sr. Cameron, e não haveremos de desperdiçar o prêmio.”

“Do Inferno”, repetiu Cameron.

“Não acredita, não é? Você frequenta a igreja direito. Ainda reza antes de comer, como qualquer alma temente a Deus. Com medo de se engasgar com o jantar.”

“Como sabe que eu rezo?”

“Sua esposa me contou. Ah, sua esposa foi muito informativa a seu respeito, sr. Cameron, ela se abriu de verdade para mim. Muito confortável. Uma analista confirmada, após minhas intenções. Ela me deu muita… informação. Você é um bom socialista, não é? Como seu pai.”

“Agora política —”

“Ah, a política é o X da questão, sr. Cameron. Sem a política estamos perdidos na selva, não? Até mesmo o Inferno precisa de ordem. Nove grandes círculos: uma ordem hierárquica de punições. Olhe para baixo; veja por você mesmo.”

Cameron podia sentir o buraco às costas: não precisava olhar.

“Defendemos a ordem, sabe. Não o caos. Isso é apenas propaganda do céu. E sabe o que vamos ganhar?”

“É uma corrida beneficente.”

“A caridade é o de menos. Não estamos participando dessa corrida para livrar o mundo do câncer. Estamos concorrendo ao seu governo.”

Cameron entendeu mais ou menos.

“Governo”, repetiu.

“Uma vez por século é realizada essa corrida da Catedral de São Paulo ao Palácio de Westminster. Várias vezes ela foi realizada na calada da noite, sem anúncios, sem aplausos. Hoje a corrida acontece em plena luz do dia, assistida por milhares. Mas seja qual for a circunstância, é sempre a mesma corrida. Os atletas de vocês contra um dos nossos. Se vocês ganham, mais cem anos de democracia. Se ganharmos… e nós ganharemos… o fim do mundo tal qual vocês conhecem.”

Às costas, Cameron sentiu uma vibração. A expressão no rosto de Burgess havia se alterado de forma abrupta; a confiança se obnubilou, de imediato a presunção foi substituída por um olhar de excitação nervosa.

“Bem, bem”, disse, batendo as mãos como pássaros. “Parece que estamos prestes a receber a visita de poderes elevados. Que lisonjeiro —”

• • •

Cameron se virou, e espiou a beira do buraco. Agora não importava como ele estava curioso. Eles o detinham; podia muito bem ver o que tinha para ver.

Uma onda de ar gelado assoprou do círculo sem sol e na escuridão do poço ele pôde discernir uma forma se aproximando. Seu movimento era firme, e o rosto foi jogado para trás a fim de observar o mundo.

Cameron podia ouvir sua respiração, ver a ferida de seus traços se abrir e se fechar no breu, osso oleoso prendendo e soltando, como a face de um caranguejo.

Burgess ficou de joelhos, os dois familiares estirados no chão ao lado dele, rostos para baixo.

Cameron sabia que não teria outra chance. Levantou-se, mal controlando os membros, e tropeçou na direção de Burgess, cujos olhos estavam fechados em reza reverente. Mais por acidente do que por intenção, enquanto ele passava, o joelho acertou a mandíbula de Burgess, e o homem se estatelou. As solas de Cameron deslizaram no chão da caverna de gelo e depois na câmara iluminada por velas.

Atrás dele, o cômodo se preenchia com fumaça e suspiros, e Cameron, como a esposa de Lot fugindo da destruição de Sodoma, olhou para trás apenas para perceber a visão proibida atrás de si.

Emergia do poço, com o corpanzil cinza preenchendo o buraco, iluminado por um pouco de radiância vinda de baixo. Os olhos, fundos no osso exposto da cabeça elefantina, se encontraram com Cameron pela porta aberta. Pareceram tocá-lo como um beijo, entrar em seus pensamentos através dos olhos.

Ele não foi transformado em sal. Afastando o olhar curioso do rosto, deslizou até o outro lado da antecâmara e começou a subir as escadas a dois ou três degraus por vez, caindo e escalando, caindo e escalando. A porta ainda estava entreaberta. Depois dela, a luz do dia e o mundo.

Abriu a porta de vez e caiu no corredor, já sentindo o calor começando a despertar seus nervos congelados. Não houve barulho nas escadas atrás dele: era visível que eles estavam impressionados demais com o visitante descarnado para segui-lo. Ele se arrastou pela parede do corredor, o corpo tomado por tremores e os dentes batendo.

Ainda assim, não o seguiram.

Do lado de fora, o dia estava ofuscante, e ele começou a sentir a excitação de escapar. Não era como nada que sentira antes. Chegar tão perto, e ainda assim sobreviver. Deus estava com ele, afinal.

Cambaleou pela rua até a bicicleta, determinado a interromper a corrida e contar ao mundo —

A bicicleta estava intacta, os guidões quentes como os braços da esposa.

Ao passar a perna por cima, o olhar que havia trocado com o Inferno pegou fogo. Seu corpo, ignorando o calor cerebral, continuou em frente por um momento, pondo os pés nos pedais e começando a ir embora.

Cameron sentiu a ignição na cabeça e soube que estava morto.

O olhar, a espiada para trás —

A esposa de Lot.

A estúpida esposa de Lot —

O raio o acertou entre os ouvidos: mais rápido que um pensamento.

O crânio se rachou, e o raio, branco e quente, disparou da fornalha de seu cérebro. Os olhos se secaram até se tornarem nozes negras nas órbitas, ele arrotou luz da boca e das narinas. A combustão o transformou em uma coluna de carne enegrecida em questão de segundos, sem uma chama ou fio de fumaça.

O corpo de Cameron já estava inteiro incinerado quando a bicicleta saiu correndo da estrada e bateu na janela da alfaiataria, onde ficou como um manequim, o rosto em meio aos ternos cinzas. Ele também tinha olhado para trás.

• • •

As multidões da Trafalgar Square eram uma fervilhante massa de entusiasmo. Gritos, lágrimas e bandeiras. Era como se essa pequena corrida tivesse se tornado algo especial para essas pessoas: um ritual cujo significado não podiam saber. Ainda assim, de algum modo entendiam que o dia estava carregado de enxofre, sentiam que a vida estava nas pontas dos pés para alcançar o céu. Em especial as crianças. Elas corriam ao longo da rota, gritando bênçãos incoerentes, os rostos contraídos com seus medos. Algumas chamavam o seu nome.

“Joel! Joel!”

Ou tinha imaginado isso? Também havia imaginado a reza nos lábios de Loyer e os sinais dos rostos radiantes dos bebês suspensos para observarem os corredores passarem?

Enquanto faziam a curva para Whitehall, Frank McCloud olhou confiante por cima do ombro e o Inferno o capturou.

Foi súbito: foi simples.

Ele tropeçou, aquela mão de gelo no peito esmagou sua vida. Joel desacelerou ao se aproximar do homem. Seu rosto estava com a pele púrpura: os lábios espumosos.

“McCloud”, falou, e parou para observar o rosto fino do grande rival.

McCloud ergueu o olhar para ele de detrás de um véu de fumaça que deixava ocres os seus olhos cinzentos. Joel esticou o braço para ajudá-lo.

“Não toque em mim”, grunhiu McCloud. Os filamentos nos olhos inchavam e sangravam.

“Cãibras?”, perguntou Joel. “São cãibras?”

“Corra, desgraçado, corra”, exclamou McCloud para ele, enquanto a mão nas suas entranhas lhe tirava a vida. Agora sangrava de maneira profusa pelos poros do rosto, chorando lágrimas rubras. “Corra. E não olhe para trás. Pelo amor de Deus, *não olhe para trás.”*

“Como?”

“Corra por sua vida.”

As palavras não eram pedidos, mas ordens.

Corra.

Não pelo ouro ou pela glória. Apenas para sobreviver.

Joel olhou para cima, de repente ciente de que havia uma cabeça enorme atrás dele, hálito frio no pescoço.

Ele firmou os calcanhares e *correu*.

“— Bem, as coisas aqui não estão indo muito bem para os corredores, Jim. Depois de Loyer cair de modo sensacional, agora Frank McCloud também desabou. Nunca vi nada parecido com isso. Mas ele parece ter trocado umas palavras com Joel Jones quando ele passou correndo, então deve estar bem.”

McCloud estava morto quando o colocaram na ambulância, e putrefato na manhã seguinte.

Joel correu. Jesus, como correu. O sol começou a bater com ferocidade em seu rosto, descolorindo a multidão empolgada, os rostos, as bandeiras. Tudo se tornou uma camada de barulho drenado de humanidade.

Joel conhecia a sensação que lhe perpassava, o senso de deslocamento que acompanhava a fadiga e o excesso de oxigenação. Ele estava correndo em uma bolha da própria consciência, pensando, suando, sofrendo sozinho, por si mesmo, em nome de si mesmo.

E não era tão ruim ficar sozinho assim. Canções começavam a preencher a sua cabeça: trechos de hinos, frases doces de canções de amor, rimas sujas.

Ele relaxou, e sua mente em devaneio, sem nome e sem medo, o tomou.

À frente, banhado pelo mesmo raio de luz, estava Voight. Esse era o inimigo, era a coisa a ser ultrapassada. Voight, com seu crucifixo reluzente balançando no sol. Ele podia fazer isso, contanto que não olhasse, contanto que não olhasse —

Para trás.

• • •

Burgess abriu a porta da Mercedes e entrou. Tempo havia sido desperdiçado: tempo valioso. Deveria estar nas Casas do Parlamento, na linha de chegada, pronto para receber os corredores. Tinha uma cena para atuar, em que fingiria ser o rosto calmo e sorridente da democracia. E amanhã? Não tão calmo.

As mãos ficaram pegajosas com a empolgação, e seu terno risca de giz cheirava como o casaco de pele de cabra que ele era obrigado a usar na sala. Ainda assim, ninguém perceberia; e mesmo que percebessem, que inglês cometeria a impolidez de mencionar que ele cheirava a cabra?

Odiava a Câmara dos Comuns, o gelo perpétuo, aquele maldito buraco aberto com seu distante som de perda. Mas tudo se fora agora. Completara suas oblações, havia demonstrado adoração completa e incessante ao fosso; agora era tempo de colher as recompensas.

Conforme seguiam no carro, ele pensou em seus vários sacrifícios à ambição. No começo, coisas menores: gatinhos e galetos. Mais tarde, haveria de descobrir como eles achavam ridículos esses gestos. Mas no começo ele era inocente: sem saber o que oferecer, ou como oferecer. Eles passaram a deixar claros seus requerimentos com o passar dos anos, e ele, com o tempo, aprendeu a praticar a etiqueta da venda de sua alma. Suas automortificações eram planejadas com estudo e efetivadas sem máculas, embora elas tivessem deixado ele sem os bicos dos peitos ou a esperança de filhos. Valia a dor, no entanto: o poder lhe vinha de forma gradual. As três principais formações de Oxford, uma esposa tão bem-dotada que ia além dos sonhos do priapismo, uma cadeira no Parlamento, e logo, bem logo, o próprio país.

Os tampos dos dedos cauterizados doíam, como acontecia quando ele ficava nervoso. Ociosamente, chupou um.

• • •

“— Bem, agora estamos nos últimos estágios do que foi mesmo uma corrida dos diabos, não é Jim?”

“Ah, sim, foi de fato uma revelação, não é? Voight é mesmo o estranho no ninho; e aqui ele disparou na frente da competição sem muito esforço. Claro, Jones teve o gesto altruísta de conferir se Frank McCloud estava bem, depois daquela queda horrível, e isso o deixou para trás.”

“Foi o fim da corrida para Jones, hein?”

“Acho que sim. Acho que ele perdeu a corrida por causa disso.”

“Claro que é uma corrida beneficente.”

“Com certeza. E nessa situação não é sobre vencer ou perder —”

“E sim sobre como você participa.”

“Certo.”

“Certo.”

“Bem, os dois podem ser vistos da Casa do Parlamento agora que fizeram a curva em Whitehall. E as multidões torcem por seu garoto, mas acho que é uma causa perdida de verdade —”

“Não se esqueçam que na Suécia ele tirou uma carta da manga.”

“Sim. De fato.”

“Talvez repita isso.”

• • •

Joel corria, e a distância entre ele e Voight começava a diminuir. Ele se concentrou nas costas do homem, os olhos fixos na camisa, aprendendo seu ritmo, buscando uma fraqueza.

Algo ficava mais lento aqui. O homem não estava tão rápido quanto antes. Um desnível atrapalhava seu passo, um sinal certeiro de fadiga.

Podia alcançá-lo. Com coragem, poderia alcançá-lo…

E Kinderman. Havia se esquecido de Kinderman. Sem pensar, Joel espiou por cima do ombro e olhou para trás.

Kinderman estava muito atrás, ainda mantendo o ritmo. Passo de maratonista inalterado. Porém havia algo mais atrás de Joel, outro corredor, quase aos seus calcanhares; fantasmagórico, vasto.

Desviou os olhos e os fixou na frente, xingando a própria estupidez.

Diminuía a distância de Voight a cada passo. O homem estava mesmo perdendo o fôlego, era visível. Joel tinha certeza que podia ultrapassá-lo, caso se esforçasse. Esqueça o perseguidor, seja o que ele for, esqueça tudo, exceto que deve ultrapassar Voight.

Mas a visão às suas costas não deixava a sua mente.

"*Não olhe para trás*": palavras de McCloud. Tarde demais, estava feito. Melhor saber então quem era essa entidade.

Olhou de novo.

De primeira não viu nada, apenas Kinderman correndo devagar. Então o corredor fantasma ressurgiu e ele soube o que tinha derrubado McCloud e Loyer.

Não era um corredor, vivo ou morto. Sequer era humano. Um corpo esfumaçado, com escuridão aberta no lugar da cabeça, era o próprio Inferno que o pressionava.

"*Não olhe para trás*."

Sua boca, se é que era uma boca, estava aberta. Hálito tão frio que fez Joel suspirar girando em sua volta. Por isso Loyer havia murmurado rezas quando estava correndo. Que bem tinha feito a ele; morreu do mesmo jeito.

Joel desviou o olhar, sem se importar em ver o Inferno tão perto, tentando ignorar a súbita fraqueza nos joelhos.

Agora Voight também deu uma olhada para trás. O olhar em seu rosto era sombrio e inquieto: e Joel soube que de algum modo ele pertencia ao Inferno, que a sombra atrás de si era o mestre de Voight.

"Voight, Voight. Voight. Voight —" Joel expelia a palavra a cada passo.

Voight ouviu seu nome ser pronunciado.

"Negro desgraçado", disse em voz alta.

O passo de Joel se alongou um pouco. Ele estava a dois metros do corredor do Inferno.

"Olhe… para… trás", disse Voight.

"Estou vendo."

"Veio… atrás… de… você."

As palavras eram mero melodrama: de duas dimensões. *Ele* era o mestre de seu corpo, não? E não temia as trevas, estava pintado com elas. Não era isso o que lhe tornava menos que humano para muitas pessoas? Ou mais, muito mais que humano; mais sanguíneo, suado, carnoso. Mais braço, mais perna, mais cabeça. Mais força, mais apetite. O que o Inferno podia fazer? Devorá-lo? Ele teria um gosto horrível. Congelá-lo? Ele também tinha o sangue quente demais, rápido demais, vivo demais.

Nada poderia detê-lo, ele era um bárbaro com modos cavalheirescos.

Nem a noite nem o dia, por inteiro.

Voight estava sofrendo: sua dor estava na respiração cortada, no jeito desengonçado de seus passos. Eles estavam a apenas cinquenta metros dos

degraus e da linha de chegada, mas a liderança de Voight era a todo momento erodida; cada passo aproximava mais os dois corredores.

Então começaram as barganhas.

“Me… escuta.”

“O que você é?”

“Poder… te ofereço poder… apenas… deixa… a gente… vencer.”

Joel agora estava quase ao lado dele.

“Tarde demais.”

Suas pernas exultaram: a mente disparou com prazer. O Inferno atrás: o Inferno ao lado, o que importava? Ele podia correr.

Ultrapassou Voight, juntas fluindo: uma máquina simples.

“Desgraçado. Desgraçado. Desgraçado —”, dizia o familiar, o rosto contorcido com as agonias do cansaço. E aquela face não pestanejou quando Joel passou por ele? Seus traços não pareceram perder, por um momento, a ilusão de ser humano?

Então Voight ficou para trás, e as multidões vibraram, e as cores voltaram a inundar o mundo. Era a vitória à frente. Ele não sabia por qual motivo, mas uma vitória, de qualquer forma.

Ali estava Cameron, agora o via, parado nos degraus ao lado de um homem que Joel não conhecia, um homem em um terno risca de giz. Cameron estava sorrindo e gritando com um entusiasmo nada característico, gesticulando para Joel dos degraus.

Ele correu, em todo caso, um pouco mais rápido até a linha de chegada, a força impulsionada pelo rosto de Cameron.

Então seu rosto pareceu mudar. Era o ar turvo pelo calor que fazia o cabelo brilhar? Não, a carne das bochechas estava borbulhando agora, e havia manchas escuras crescendo no pescoço e na testa. Agora o cabelo subia na cabeça e a luz cremada tremeluziu no escalpo. Cameron estava pegando fogo. Cameron estava pegando fogo e mesmo assim sorria, e mesmo assim gesticulava com a mão.

Joel sentiu um desespero súbito.

O Inferno atrás. O Inferno na frente.

Não era Cameron. Cameron não podia ser visto em lugar nenhum: então Cameron se foi.

No fundo sabia disso. Cameron se foi: e essa paródia negra que sorria para ele e o cumprimentava era os seus últimos momentos, reprisado para deleite dos admiradores.

O passo de Joel hesitou, o ritmo do avanço se perdeu. Às costas, ouviu a respiração de Voight, horrendamente densa, perto, mais perto.

Todo o seu corpo de repente se revoltou. O estômago demandava que vomitasse o que tinha dentro dele, as pernas imploravam para colapsar, a cabeça se recusava a pensar, apenas temia.

"Corra", disse a si mesmo. "Corra. Corra. Corra."

Mas o Inferno estava na frente. Como poderia correr para os braços desse ser nefasto?

Voight havia diminuído a distância entre eles, e estava aos seus ombros, o acotovelando ao passar. A vitória estava sendo garfada dele com facilidade: doce de criança.

A linha de chegada estava a uma dúzia de passos, e Voight retomou a liderança. Sem perceber muito bem o que fazia, Joel esticou o braço e puxou Voight enquanto ele corria, agarrando sua camiseta. Era uma trapaça, evidente a todos na multidão. Mas que Inferno.

Puxou Voight com força, e os dois desabaram. A multidão abriu espaço quando eles saíram do trajeto e caíram com todo o peso, Voight em cima de Joel.

O braço de Joel, esticado para evitar que ele caísse com força demais, foi esmagado sob o peso dos dois corpos. De mau jeito, o osso de seu antebraço se quebrou. Joel ouviu um estalo pouco antes de sentir o espasmo; então a dor soltou um grito da boca.

Nos degraus, Burgess guinchava como um selvagem. Uma performance e tanto. Câmeras tiravam fotos, comentaristas comentavam.

"Levanta! Levanta!", gritava o homem.

Mas Joel segurava o homem com o braço bom, e nada o faria soltá-lo.

Os dois rolaram no cascalho, cada volta esmagando o braço de Joel e mandando jorros de náusea a suas entranhas.

O familiar encenando o papel de Voight estava exausto. Jamais se cansara tanto: despreparado para o estresse da corrida que seu mestre lhe ordenara que corresse. O temperamento era curto, o controle estava quase a ponto de ruptura. Joel podia sentir o cheiro em seu rosto, e era o cheiro de cabra.

"Mostre-se", disse.

Os olhos da coisa perderam as pupilas: agora ficaram brancos. Joel puxou um bolo de catarro do fundo da boca cheia de saliva e cuspiu no rosto familiar.

O temperamento estourou.

O rosto se dissolveu. O que parecia carne gerou um novo aspecto, uma armadilha devoradora sem olhos ou nariz, ou ouvidos, ou cabelos.

Por todo o entorno, a multidão recuou. Pessoas esganiçavam, pessoas desmaiavam. Joel não viu nada disso, mas ouviu os gritos com satisfação. A transformação não foi apenas em seu benefício, era conhecimento comum. Todos estavam vendo isso, a verdade, a verdade imunda escancarada.

A boca era enorme e cheia de dentes, como a bocarra de alguns peixes de águas profundas, ridiculamente larga. O braço bom de Joel estava sob sua mandíbula inferior, apenas segurando-a para mantê-lo afastado, enquanto gritava por ajuda.

Ninguém deu um passo à frente.

A multidão ficou a uma distância educada, ainda gritando, ainda encarando, sem querer interferir. Era puramente um esporte de espectadores, lutando contra o Diabo. Não tinha nada a ver com aquilo.

Joel sentiu as últimas forças vacilarem: seu braço não podia mais mantê-lo afastado. Desesperado, sentiu os dentes na testa e no queixo, sentiu apertarem sua carne e seus ossos, sentiu, por fim, a noite branca invadi-lo, quando a boca arrancou sua face com uma mordida.

O familiar se ergueu do cadáver com farrapos da cabeça de Joel pendurados nos dentes. Havia arrancado os traços como uma máscara, deixando uma barafunda de sangue e músculos pendentes. No buraco aberto da boca de Joel, a raiz de sua língua pendia jorrando sangue, incapaz de proferir lamentos.

Burgess não se importou com sua aparência ao mundo. A corrida era tudo: a vitória era uma vitória, não importava como fosse vencida. E Jones havia trapaceado, afinal.

“Aqui!”, gritou ao familiar. “Corra!”

O familiar virou o rosto ensanguentado para ele.

“Vem aqui”, ordenou Burgess.

Faltava apenas alguns metros: alguns passos até a linha de chegada e a corrida seria vencida.

“Corra até aqui!”, guinchava Burgess. “Corra! Corra! Corra!”

O familiar estava fatigado, mas reconheceu a voz do mestre. Trotou em direção à linha de chegada, seguindo com desvario os chamados de Burgess.

Quatro passos. Três —

E Kinderman cruzou a linha de chegada. O míope Kinderman, um passo na frente de Voight, venceu a corrida sem perceber que vitória era aquela,

sem sequer enxergar os horrores espalhados aos seus pés.

Não houve vibração e aplausos quando ele cruzou a linha de chegada. Sem congratulações.

O ar em volta dos degraus pareceu escurecer, e um frio fora de estação surgiu no ar.

Balançando a cabeça em tom de desculpa, Burgess caiu de joelhos.

“Pai nosso que estais no céu, demonizado seja vosso nome —”

Um truque tão velho. Uma reação tão ingênua.

A multidão começou a recuar. Algumas pessoas já estavam correndo. As crianças, conhecendo a natureza das trevas por já terem sido tocadas por elas pouco antes, eram as menos perturbadas. Seguravam as mãos dos pais para afastá-los do local, como se fossem ovelhas, dizendo para eles não olharem para trás, e os pais recordando-se um pouco do útero, o primeiro túnel, a primeira saída dolorosa de um lugar santificado, a primeira tentação terrível a olhar para trás e morrer. Recordando-se, seguiram com os filhos.

Apenas Kinderman parecia intocado. Ele sentou-se nos degraus e limpou os óculos, sorrindo por ter vencido, indiferente ao frio.

Burgess, sabendo que suas rezas eram insuficientes, colocou o rabo entre as pernas e desapareceu dentro do Palácio de Westminster.

O familiar, abandonado, renunciou a toda pretensão de aparência humana e se tornou ele mesmo. Incorpóreo, insípido, cuspiu a carne de gosto horrível de Joel Jones. Um pouco mastigado, o rosto do corredor ficou jogado no cascalho ao lado do corpo. O familiar se dobrou no ar e voltou ao Círculo que chamava de lar.

• • •

Estava abafado nos corredores do poder: sem vida, sem ajuda.

Burgess estava fora de condições, e sua corrida logo se tornou uma caminhada. Um passo firme pelos corredores com painéis soturnos, os pés quase em silêncio no carpete bastante pisado.

Não sabia muito bem o que fazer. Com certeza seria culpado pelo fracasso de não planejar contra todas as eventualidades, mas confiava que podia argumentar para escapar daquilo. Daria a eles o que quisessem como recompensa pela falta de antevisão. Uma orelha, um pé; nada tinha a perder, além de carne e sangue.

Mas precisava planejar sua defesa com cuidado, pois eles odiavam a falta de lógica. Era mais que sua vida que valia, aparecer diante deles com

desculpas mal formuladas.

Havia um frio atrás dele; sabia o que era. O Inferno o seguira por esses corredores silenciosos, mesmo dentro do ventre da democracia. Mas ele sobreviveria, conquanto não se virasse: conquanto mantivesse os olhos no chão, ou nas mãos sem polegares, nenhum mal lhe ocorreria. Essa era uma das primeiras lições que se aprendia ao lidar com Os Golfos.

Havia um frio intenso no ar. A respiração de Burgess estava visível diante dele, e a cabeça doía de frio.

“Desculpa”, pediu com sinceridade ao perseguidor.

A voz em resposta foi mais branda que o esperado.

“Não foi culpa sua.”

“Não”, disse Burgess, sentindo confiança no tom conciliatório. “Foi um erro e estou arrependido. Ignorei Kinderman.”

“Foi um erro. Todos os cometemos”, afirmou o Inferno. “Ainda assim, em outros cem anos tentaremos de novo. A democracia ainda é um culto recente: ainda não perdeu o fulgor superficial. Daremos mais um século a ela, e então venceremos.”

“Sim.”

“Mas você —”

“Eu sei.”

“Acabou seu poder, Gregory.”

“Não.”

“Não é o fim do mundo. Olhe para mim.”

“Agora não, se não se importa.”

Burgess continuou falando, passo firme após passo firme. Mantenha-se calmo, mantenha-se racional.

“Olhe para mim, por favor”, arrulhou o Inferno.

“Mais tarde, senhor.”

“Estou pedindo apenas para olhar para mim. Um pouco de respeito seria apreciado.”

“Olharei. Olharei, de verdade. Depois.”

O corredor se bifurcou aqui. Burgess pegou o lado esquerdo. Achou que o simbolismo poderia agradar. Era um beco sem saída.

Burgess ficou parado encarando a parede. O ar frio estava em sua medula, e os cotocos dos polegares doíam mesmo. Ele tirou as luvas e os chupou com força.

“Olhe para mim. Vire-se e olhe para mim”, disse a voz cortês.

O que devia fazer agora? Voltar ao corredor e encontrar outro caminho era o melhor a fazer, presumia ele. Apenas teria de dar voltas e voltas em círculos até ter defendido o próprio argumento o suficiente para seu perseguidor deixá-lo em paz.

Parado, fazendo malabarismo com as alternativas disponíveis, sentiu uma leve dor no pescoço.

“Olhe para mim”, repetiu a voz.

E sua garganta se fechou. Houve, de forma estranha, um esmerilhamento na cabeça, o som de osso raspando osso. A sensação de uma faca foi alojada na base de seu crânio.

“Olhe para mim”, disse o Inferno pela última vez, e a cabeça de Burgess girou.

Mas não o corpo. Ele continuou encarando a parede branca do beco sem saída.

Porém a cabeça girou em volta do eixo fino, ignorando razão e anatomia. Burgess engasgou com o esôfago torcido como uma corda de carne, as vértebras reduzidas a pó, as cartilagens, a um mingau de fibras. Os olhos sangraram, os ouvidos estouraram, e ele morreu, olhando para aquela face abortada e sem sol.

“Mandei olhar para mim”, disse o Inferno, e seguiu seu caminho amargo, deixando-o de pé, um belo paradoxo para os democratas descobrirem, quando chegassem, excitados com as palavras, no Palácio de Westminster.

Aqueles que reprimem o desejo assim o fazem porque o seu desejo é fraco o suficiente para ser reprimido.

— William Blake —

CLIVE BARKER
VOLUME 2

O TESTAMENTO DE JACQUELINE ESS

Meu Deus, pensou ela, a vida não pode ser isso. Dia vem, dia vai: tédio, remédios, frustração.

Cristo, rogou, deixe-me ir embora, me liberte, me crucifique, se for o caso, mas me livre deste sofrimento.

Em um tedioso dia do final de março, em vez da bendição da eutanásia, ela pegou uma navalha de Ben, trancou-se no banheiro, e cortou os pulsos.

Com os ouvidos latejantes, quase não escutou Ben do lado de fora do banheiro.

"Está aí dentro, querida?"

"Vai embora", ela achou que disse.

"Voltei mais cedo, meu amor. O tráfego estava tranquilo."

"Por favor, vai embora."

O esforço de tentar falar a fez deslizar do vaso sanitário para o piso de azulejos brancos, onde as poças de sangue já esfriavam.

"Querida?"

"Vai."

"Querida."

"Embora."

"Tudo bem com você?"

Agora esse bosta estava batendo na porta. Não percebeu que ela não podia abri-la, nem queria abri-la?

“Me responde, Jackie.”

Ela gemeu. Não conseguiu evitar. A dor não era tão terrível quanto o esperado, mas havia uma sensação horrenda, como se tivesse levado um chute na cabeça. Ainda assim, não poderia resgatá-la a tempo, não agora. Nem que arrombasse a porta.

Ele arrombou a porta.

Ela olhou para ele através de um ar tão espesso pela morte, que era possível fatiá-lo.

“Tarde demais”, pensou dizer.

Mas não era.

• • •

Meu Deus, pensou ela, isso não pode ser um suicídio. Não morri.

O médico que Ben contratou para ela era muito bom. Nada menos que o melhor, prometera, nada menos que o melhor para a minha Jackie.

“Nada”, garantiu o médico a ela, “que não possamos ajustar com alguns reparos.”

Por que ele apenas não abre o jogo? Pensou ela. Não está nem aí. Não sabe como me sinto.

“Eu lido com vários problemas femininos como esse”, confidenciou, despejando uma compaixão ensaiada. “Chegou a proporções epidêmicas em certo recorte de idade.”

Ela mal tinha completado 30 anos. O que ele estava insinuando? Que ela chegara na menopausa mais cedo?

“A depressão, isolamento parcial ou total, neuroses de tudo quanto é forma e tamanho. Você não está sozinha, pode acreditar.”

Ah, estou sim, pensou ela. Estou sozinha aqui em minha cabeça e você não tem ideia de como me sinto.

“Vamos te consertar num estalar do rabo do cordeiro.”

Sou um cordeiro, é isso? Ele acha que sou um cordeiro?

Meditabundo, ele olhou para suas qualificações enquadradas, depois para as unhas feitas por manicure, então para as canetas na mesa e para o bloco de anotações. Mas não encarou Jacqueline. Olhou para todos os lados, menos para Jacqueline.

“Sei bem”, agora estava dizendo, “pelo que você passou, e foi traumático. As mulheres têm certas necessidades. Se elas não são correspondidas —”

Como ele poderia saber alguma coisa sobre as necessidades das mulheres?

Você não é uma mulher, ela pensou que pensou.

“O quê?”, perguntou ele.

Ela havia falado? Balançou a cabeça, negando o que disse. Ele prosseguiu; reencontrando o ritmo: “Não vou te colocar em sessões de terapia intermináveis. Você não deseja isso, deseja? Você deseja um pouco de conforto, e deseja algo que a ajude a dormir durante a noite”.

Agora a irritava terrivelmente. Sua condescendência era um poço sem fundo. Era a performance do Pai que tudo sabe e tudo vê. Como se ele fosse agraciado com uma compreensão miraculosa da natureza da alma feminina.

“Claro, já tentei tratamentos terapêuticos com pacientes no passado. Mas cá entre nós —”

Deu um tapinha na mão dela. A palma do Pai nas costas da mão. Ela deveria se sentir lisonjeada, reconfortada, talvez até seduzida.

“— entre nós, a maior parte é conversa. Conversa interminável. Francamente, qual a vantagem? Todos temos problemas. Não dá para se livrar deles apenas em uma conversa, não é?”

Você não é mulher. Não se parece com uma mulher, não se sente como uma mulher —

“Disse algo?”

Ela balançou a cabeça.

“Achei que tinha dito algo. Por favor, sinta-se livre para ser honesta comigo.”

Ela não respondeu, e ele pareceu cansado de fingir intimidade. Levantou-se e foi até a janela.

“Acho que o melhor para você —”

Parou contra a luz: escurecendo a sala, tapando a vista das cerejeiras do gramado do outro lado da janela. Ela observou seus ombros largos e quadris finos. Um homem de belo porte, como diria Ben. Sem jeito de criança. Feito para recriar o mundo, um corpo daqueles. Se não o mundo, recriar mentes haveria de servir.

“Acho que o melhor para você —”

Do que ele sabia, com esses quadris, esses ombros? Era homem o suficiente, para entender qualquer coisa a respeito dela.

“Acho que o melhor para você é um tratamento com sedativos —”

Agora os olhos dela estavam em sua cintura.

“— e umas férias.”

Sua mente agora estava focada no corpo sob a camada das roupas. Nos músculos, ossos e sangue debaixo da pele elástica. Ela a imaginou de todos os ângulos, aumentando-o, julgando seus poderes de resistência, então focou nele. Pensou:

Seja uma mulher.

Apenas ao pensar nessa ideia sem lógica, ela começou a tomar forma. Não uma transformação de contos de fadas, infelizmente, pois a carne dele resistiu a tal mágica. Ela desejou que o peitoral masculino tivesse seios e ele começou a crescer de modo formidável, até que a pele se rompeu e o esterno estourou. A pélvis separada ao ponto de ruptura, fraturou-se no centro: desequilibrado, ele tombou sobre a mesa, de onde a encarou, o rosto amarelado com o choque. Ele lambeu os lábios várias e várias vezes, para encontrar um pouco de umidade com que falar. A boca estava seca: as palavras eram natimortas. Era do meio das pernas que saía todo o barulho; o sangue espirrado; a batida das entranhas no carpete.

Ela gritou com a monstruosidade absurda que cometera, e recuou para o canto oposto da sala, onde vomitou no vaso da falsa-seringueira.

Meu Deus, pensou, isso não pode ser considerado assassinato. Sequer toquei nele.

• • •

Jacqueline guardou para si o que fizera aquela tarde. Não fazia sentido tirar o sono das pessoas, pensando nesse talento peculiar.

A polícia foi bem gentil. Eles produziram várias explicações para a súbita partida do Dr. Blandish, mas nenhuma explicava bem como o peito entrara em erupção de modo tão extraordinário, transformando seus peitorais em dois domos belos (e peludos).

Presumiu-se que algum psicótico desconhecido, fortalecido pela insanidade, havia invadido, cometido o crime com mãos, martelos e serras, e saído, trancando a inocente Jacqueline Ess em um silêncio apavorado que nenhum interrogatório poderia pretender penetrar.

Pessoa ou pessoas desconhecidas de fato haviam despachado o médico para um lugar onde nenhum sedativo ou terapia poderia ajudá-lo.

• • •

Ela quase se esqueceu disso por um tempo. Mas, conforme os meses se passavam, o ato voltava a ela de forma gradual, como a memória de um adultério secreto. Ele a empolgava com seus deleites proibidos. Ela se esquecia da náusea e se lembrava do poder. Ela se esquecia da sordidez e se lembrava da força. Ela se esquecia da culpa que a fizera ir em frente e ansiava, como ansiava, por repetir esse ato.

Só que melhor.

• • •

"Jacqueline."

Meu marido, pensou ela, está mesmo me chamado pelo nome? Quase sempre era Jackie, ou Jack, ou nada.

"Jacqueline."

Ele a encarava com aqueles grandes olhos azuis de bebê, como o estudante de faculdade que ela amou à primeira vista. Mas a boca agora estava mais dura e os beijos tinham o sabor de pão velho.

"Jacqueline."

"Sim."

"Eu queria te contar uma coisa."

Uma conversa? Deve ser feriado, pensou ela.

"Não sei como falar isso."

"Tente", sugeriu ela.

Sabia que podia ordenar com o pensamento que a língua dele falasse, se tivesse vontade. Forçá-lo a lhe dizer o que ela quisesse ouvir. Palavras de amor, talvez, caso ela conseguisse se lembrar de como elas soavam. Mas qual a utilidade disso? Melhor a verdade.

"Querida, andei saindo um pouquinho dos trilhos."

"Como assim?", perguntou ela.

É mesmo, seu desgraçado? Pensou.

"Foi quando você estava um pouco fora de si. Sabe, quando as coisas entre nós ficaram meio paradas. Quartos separados… Você quis quartos separados… E eu só perdi a cabeça com a frustração. Não queria te deixar triste, por isso não disse nada. Mas não faz sentido tentar levar uma vida dupla."

"Pode ter um caso se quiser, Ben."

“Não é um caso, Jackie. Eu amo —”

Ele estava preparando um de seus discursos, ela podia vê-lo ganhando impulso por detrás dos dentes. Justificativas que se tornavam acusações, desculpas que sempre se transformavam em ataques ao caráter dela. Quando ele começava a jorrar, não tinha como pará-lo. Ela não desejava ouvir.

“— ela é bem diferente de você, Jackie. Ela é frívola ao próprio modo. Imagino que você a chamaria de superficial.”

Talvez valha a pena interromper aqui, pensou ela, antes que ele se atasse aos nós habituais.

“Ela não é rabugenta que nem você. Sabe, é apenas uma mulher normal. Não quero alegar que você não seja normal: a depressão não é culpa sua. Mas ela não é tão sensível.”

“Não há necessidade, Ben —”

“Não, dane-se, quero descarregar tudo do peito.”

Em cima de mim, pensou ela.

“Você nunca me deixou explicar”, dizia ele. “Sempre me deu um desses malditos olhares, como se desejasse que eu —”

Morresse.

“— calasse a boca.”

Cala a boca.

“Você não se importa com meus sentimentos!” Agora ele estava gritando. “Sempre fechada em seu mundinho.”

Cala a boca, pensou ela.

A boca estava aberta. Ela pareceu desejá-la fechada, e com o pensamento, as mandíbulas se uniram com um estalo, arrancando a ponta da língua rosada. Ela caiu por entre os lábios e se alojou em uma dobra da camisa dele.

Cala a boca, pensou ela de novo.

Os dois regimentos perfeitos dos dentes dele se esmerilharam uns nos outros, quebrando e se dividindo, nervos, cálcio e saliva formando uma espuma rosada no queixo, conforme a boca colapsava para dentro.

Cala a boca, ela ainda estava pensando, quando os assustados olhos de bebê se afundaram no crânio e o nariz se enfiou até o cérebro.

Deixava de ser Ben, era um homem com cabeça de lagarto vermelho, se achatando, se batendo sozinha, e, graças a Deus, ele havia parado com os discursos de uma vez por todas.

Agora que havia pegado o jeito, ela começou a sentir prazer nas mudanças que planejava fazer nele.

Ela o virou de cabeça para baixo no chão e começou a comprimir as pernas e os braços, condensando a carne e o osso resistente em um espaço pequeno, cada vez menor. As roupas se dobraram dentro dele, e o tecido do estômago foi arrancado das entranhas empacotadas de forma meticulosa e esticadas em volta de seu corpo para atá-lo. Agora os dedos estavam cutucando as escápulas, e os pés, ainda batendo com fúria, haviam subido para as tripas. Ela o virou uma última vez, para pressionar a espinha em uma coluna de gosma de 30 centímetros, e esse foi o fim.

Quando saiu do estado de êxtase, viu Ben no chão, encerrado em um espaço do tamanho de uma de suas belas malas de couro, enquanto o sangue, a bile e o fluido linfático pulsavam devagar para fora de seu corpo silenciado.

Meu Deus, pensou ela, não pode ser meu marido. Ele nunca foi tão organizado.

Dessa vez não esperou por ajuda. Dessa vez sabia o que fizera (adivinhou, inclusive, como havia feito) e aceitou que o crime fosse um ato de justiça demasiado agressivo. Então fez as malas e foi embora.

Estou viva, pensou. Pela primeira vez em toda esta vida deplorável, estou viva.

Testemunho de Vassi (parte um)

“Deixo esta história para vocês que sonham com mulheres doces e fortes. É uma promessa, como também uma confissão, como também as últimas palavras de um homem perdido, que nada desejava além de amar e ser amado. Estou sentado, tremendo, à espera da noite, à espera de um cafetão chorão chamado Koos voltar à minha porta e tomar tudo o que possuo em troca da chave do quarto dela.

Não sou um homem corajoso, e jamais fui: então estou com medo do que pode acontecer comigo hoje. Mas não posso atravessar a vida sonhando o tempo inteiro, existindo na escuridão por causa de um mero vislumbre do paraíso. Mais cedo ou mais tarde, é preciso endireitar o lombo (que apropriado!), se levantar e correr atrás. Mesmo que em troca disso seja necessário renunciar ao mundo.

Talvez este relato não faça sentido. Vocês estão pensando, vocês que encontraram por acaso este testemunho, vocês estão pensando: quem era esse imbecil?

Meu nome era Oliver Vassi. Agora tenho 38 anos. Fui advogado, até um ano e pouco atrás, quando comecei a busca que termina hoje com o cafetão e a chave e a sagrada das sagradas.

Mas a história começa há mais de um ano. Faz vários anos desde que Jacqueline Ess me encontrou pela primeira vez.

Chegou do nada em meu escritório, alegando ser a viúva de um amigo meu da época da faculdade de Direito, um tal de Benjamin Ess, e quando pensei bem, me lembrei do rosto. Um amigo em comum que tinha ido ao casamento me mostrou uma fotografia de Ben e da esposa ruborizada. E aqui estava ela, em todo aspecto, com uma beleza tão elusiva quanto o prometido na fotografia.

Lembro-me de ter ficado bastante envergonhado durante essa primeira conversa. Ela chegou em um momento em que eu estava ocupado, atolado de trabalho até o pescoço. Mas fiquei tão encantado com ela que deixei de lado todas as consultas do dia, e quando a secretária entrou, me deu um daqueles olhares de aço, como que para jogar um balde de água fria em mim. Imagino que tenha me apaixonado desde o começo, e ela pressentiu a atmosfera elétrica em meu escritório. Quanto a mim, fingi estar sendo apenas educado com a viúva de um velho amigo. Não gostava de pensar sobre a paixão: não era parte de minha natureza, ou assim eu achava. Como sabemos pouco — digo, saber *de verdade* — sobre nossas aptidões.

Jacqueline me contou mentiras naquele primeiro encontro. Sobre como Ben tinha morrido de câncer, e como ele falava muito de mim, e com que apreço. Acho que se ela tivesse me contado a verdade ali mesmo, eu teria me envolvido do mesmo jeito — creio ter ficado devoto por inteiro desde o começo.

Mas é difícil se lembrar com exatidão como e quando o interesse por outro ser humano se incendeia até se tornar algo mais comprometido, mais passional. Talvez eu esteja inventando o impacto que ela causou em mim nesse primeiro encontro, só reinventando a história, para justificar meus excessos posteriores. Não tenho certeza. Mesmo assim, qualquer que seja a maneira ou quando tenha acontecido, se com velocidade ou lentidão, sucumbi a ela, e o caso começou.

Não sou um homem muito inquisitivo em relação a meus amigos ou minhas parceiras. Como um advogado depende de fuçar a sujeira da vida alheia, francamente, oito horas por dia me bastam. Quando saio do escritório,

meu prazer é deixar as pessoas em paz. Não me intrometo, não escavo, apenas levo em conta seu valor nominal.

Jacqueline não era exceção a essa regra. Eu me contentava por ter essa mulher em minha vida, sem me importar com o seu passado. Ela possuía um *sang-froid* maravilhoso, era sagaz, atrevida, oblíqua. Jamais conheci mulher mais encantadora. Não era de minha conta como ela vivia com Ben, como havia sido o casamento etc. Essa era a história dela. Eu estava feliz por viver no presente e deixar o passado morrer por conta própria. Acho até que eu me lisonjeava por conseguir ajudá-la a esquecer qualquer dor que tivesse vivenciado.

Suas histórias sem dúvida continham furos. Como advogado, eu era treinado para identificar fabricações com olhos de águia, e por mais que tentasse deixar de lado minhas percepções, sentia que ela não era muito sincera comigo. Mas todos têm segredos: eu sabia disso. Deixe-a com os seus, pensava.

Apenas uma vez cheguei a desafiá-la quanto a um detalhe da história de sua vida fingida. Ao falar sobre a morte de Ben, ela deixou escapar que ele havia recebido o que merecia. Perguntei o que ela queria dizer. Ela deu aquele sorriso de Gioconda e me disse que sentia que havia um equilíbrio a ser restabelecido entre os homens e as mulheres. Deixei passar a observação. Afinal de contas, na época eu já estava obcecado, além de qualquer esperança de salvação; qualquer que fosse o argumento dela, fiquei feliz em aceitá-lo.

Era belíssima, vejam bem. Não em qualquer sentido bidimensional: ela não era jovem, não era inocente, não tinha aquela simetria pristina tão valorizada por publicitários e fotógrafos. Seu rosto era claramente o da mulher no começo da casa dos 40 anos: fora utilizado para rir e chorar, e o uso deixa suas marcas. Mas ela possuía uma capacidade de se transformar, do modo mais sutil, tornando aquele rosto mais variado que o céu. Mais cedo, pensei ser um truque de maquiagem. Como dormíamos juntos mais e mais, e eu a observava de manhã, o sono nos olhos, e à noite, pesado de fadiga, logo notei que ela não usava nada no crânio, além de carne e sangue. O que a transformava era interno: era um truque da vontade.

E, sabe, isso me fez amá-la ainda mais.

Certa noite despertei com ela dormindo ao meu lado. Quase sempre dormíamos no chão, que ela preferia à cama. Camas, dizia, lembravam-na do casamento. De qualquer forma, aquela noite ela estava deitada sobre uma

colcha no carpete de meu quarto, e eu, por pura adoração, observava seu rosto enquanto ela dormia.

Para alguém que se entregou por inteiro, observar o seu amor dormir pode ser uma experiência vil. Talvez alguns de vocês tenham conhecido essa paralisia, encarando os traços barrados ao seu inquérito, apartado de onde não pode, jamais, jamais adentrar a mente do outro. Como eu digo, para nós que nos doamos, isso é um horror. Nesses momentos a pessoa descobre que não existe, exceto em relação a esse rosto, a essa personalidade. Assim, quando esse rosto se fecha e essa personalidade se perde no próprio mundo irreconhecível, a pessoa se sente sem propósito por completo. Um planeta sem sol, revolvendo na escuridão.

Era assim que eu me sentia naquela noite, observando os seus traços extraordinários, e conforme remoía minha própria carência de alma, o rosto dela começou a se alterar. Era óbvio que estava sonhando; mas que sonhos deviam ser. Sua própria tessitura se movia, o músculo, o cabelo, a parte inferior da bochecha se movendo aos ditames de uma maré interna. Seus lábios irradiavam do osso, fervendo na torre de pele salivante; o cabelo girava em volta da cabeça, como se ela estivesse deitada na água; a substância das bochechas formava sulcos e calombos, como as cicatrizes rituais de um guerreiro; padrões de tecido inflamados e latejantes, inchando-se e alterando-se enquanto o padrão se formava. Esse fluxo foi um terror para mim, e devo ter emitido algum ruído. Ela não acordou, mas aproximou-se um pouco da superfície do sono, deixando as águas mais fundas onde esses poderes se originavam. Os padrões se afundaram em um instante, e o rosto dela voltou a ser o de uma mulher dormindo com tranquilidade.

Isso foi, como vocês podem entender, uma experiência crucial, ainda que eu passasse os dias seguintes tentando me convencer de que não tinha visto nada.

O esforço foi inútil. Eu sabia que havia algo de errado com ela; e naquela época tinha certeza de que ela não sabia de nada. Convenci-me de que algo em seu sistema estava errado, e que era melhor investigar sua história antes de lhe contar o que eu tinha visto.

Após refletir, é claro, isso parece ridículo e ingênuo. Achar que ela não soubesse que continha esse poder. Mas para mim era mais fácil imaginá-la como prisioneira dessa habilidade, que senhora dela. É um homem falando de uma mulher; não apenas eu, Oliver Vassi, falando de Jacqueline Ess. Não conseguimos acreditar, nós, os homens, que o poder residirá com alegria no

corpo de uma mulher, a não ser que esse poder seja um filho homem. Não o verdadeiro poder. O poder deve ficar em mãos masculinas, concedido por Deus. É o que nossos pais, idiotas que são, nos dizem.

De qualquer forma, investiguei Jacqueline Ess com o máximo de discrição. Eu tinha um contato em York, onde o casal tinha vivido, e não foi difícil fazer circular algumas perguntas. Meu contato demorou uma semana para retornar, pois teve de atravessar uma boa quantidade de merda da polícia para conseguir um vislumbre da verdade, mas as notícias chegaram, e eram ruins.

Ben estava morto, isso era verdade. Mas de modo algum morrera de câncer. Meu contato obteve apenas as sugestões mais vagas da condição do cadáver de Ben, mas conseguiu descobrir que ele havia sofrido uma extravagante mutilação. E o principal suspeito? Minha amada Jacqueline Ess. A mesma mulher inocente que ocupava meu apartamento, dormindo ao meu lado todas as noites.

Então eu lhe disse que ela estava escondendo algo de mim. Não sei o que esperava em retorno. O que consegui foi uma demonstração de seu poder. Ela a ofereceu livremente, sem maldade, mas eu seria um tolo em não ler nele um alerta. Primeiro ela me contou como havia descoberto seu controle único da soma e substância dos seres humanos. Em seu desespero, contou-me, quando estava à beira do suicídio, havia descoberto, nas próprias trincheiras profundas de sua natureza, faculdades que ela jamais soubera que existiam. Poderes que emergiram daquelas regiões, conforme ela se recuperava, como o peixe à luz.

Então ela me mostrou a menor medida desses poderes, arrancando cabelos de minha cabeça, um a um. Apenas uma dúzia: não mais que para demonstrar suas habilidades formidáveis. Eu senti quando eles se foram. Ela disse apenas: um atrás de sua orelha, e senti minha pele arrepiar e então ser puxada, como se os dedos de sua vontade arrancassem um fio de cabelo. Então outro, e outro. Foi uma exibição incrível; ela realizava esse poder como uma bela arte, localizando e arrancando fios de cabelo isolados de meu escalpo com a precisão de pinças.

Francamente, fiquei sentado, rígido de medo, sabendo que ela estava apenas brincando comigo. Mais cedo ou mais tarde, eu estava certo de que chegaria o momento em que ela me silenciaria de maneira permanente.

Mas ela carregava dúvidas sobre si mesma. Contou-me como essa habilidade, ainda que ela a refinasse, a assustava. Precisava, disse, de alguém

para ensiná-la como usar melhor. E eu não era essa pessoa. Era apenas um homem que a amava, que a amara antes da revelação, e ainda a amaria apesar disso.

De fato, depois da exibição, logo acomodei uma nova visão de Jacqueline. Em vez de temê-la, fiquei ainda mais devoto a essa mulher que tolerava minha posse do seu corpo.

Meu trabalho se tornou uma irritação, uma distração que se punha entre mim e a ideia de minha amada. Que reputação eu começava a deteriorar! Perdi causas, perdi a credibilidade. No espaço de dois ou três meses, minha vida profissional se reduziu a quase nada. Amigos se desesperavam comigo, colegas me evitavam.

Não que ela se alimentasse de mim. Quero que isso fique claro; ela não era uma lâmia, um súcubo. O que me aconteceu, uma queda das graças com a vida ordinária, por assim dizer, foi minha própria formação. Ela não me enfeitiçou; essa é uma mentira romântica para escusar o estupro. Ela era um mar: e eu precisava nadar nela. Faz algum sentido? Eu tinha passado a vida inteira na margem, no sólido mundo da lei, e me cansei disso. Ela era líquida: um mar ilimitado dentro de um único corpo, um dilúvio no quarto pequeno, e vou me afogar nela com alegria, se ela me conceder uma chance. Mas essa decisão foi minha. Compreendam. Essa decisão sempre foi minha. Decidi ir ao quarto aquela noite e ficar com ela uma última vez. Foi por livre arbítrio.

E que homem não iria? Ela era (é) sublime.

Durante um mês após aquela demonstração de poder, vivi em um êxtase permanente. Quando estava em sua presença, ela me mostrava maneiras de amar além dos limites de qualquer outra criatura na terra de Deus. Eu via além dos limites: com ela não havia limites. E quando me afastei dela, o devaneio continuou: pois ela parecia ter mudado o meu mundo.

Então ela me deixou.

Eu sabia o motivo: foi em busca de alguém que a ensinasse como usar sua força. Mas compreender suas razões não tornou isso mais fácil.

Entrei em crise: perdi o emprego, perdi a identidade, perdi os poucos amigos que me restavam no mundo. Mal percebi. Eram perdas menores, diante da perda de Jacqueline…”

• • •

“Jacqueline.”

Meu Deus, pensou ela, será mesmo o homem mais influente no país? Ele parecia tão mal-apessoado, tão sem graça. O queixo nem era forte.

Mas Titus Pettifer era poder.

Comandava mais monopólios do que podia contar; sua palavra no mundo financeiro podia quebrar empresas como se fossem varetas, destruindo as ambições de centenas, as carreiras de milhares. Fortunas eram criadas da noite para o dia sob sua égide, corporações inteiras desmoronavam quando ele assoprava nelas, casualidades de seus caprichos. Se algum homem conhecia o poder, ele era esse homem. Era possível aprender algo com ele.

“Você não se importa que eu a chame de J., não é?”

“Não.”

“Esperou por muito tempo?”

“O bastante.”

“Em geral não deixo mulheres bonitas esperando.”

“Sim, deixa sim.”

Ela já o conhecia: dois minutos em sua presença eram o suficiente para encontrar sua medida. Ele viria mais rápido se ela fosse um pouco insolente.

“Sempre chama pelas iniciais as mulheres que nunca viu antes?”

“É conveniente para a memória; se importa com isso?”

“Depende.”

“De quê?”

“Do que recebo em troca por lhe conceder esse privilégio.”

“Seria um privilégio, digo, saber o seu nome?”

“Sim.”

“Bem… Estou lisonjeado. A não ser, é claro, que você me garanta um enorme privilégio?”

Ela balançou a cabeça. Não, ele podia ver que ela não era extravagante com suas afeições.

“Por que esperou tanto tempo só para me ver?”, questionou ele. “Por que tenho registros em que você incomoda as minhas secretárias com suas demandas constantes de se encontrar comigo? Quer dinheiro? Porque se for isso o que quer, vai sair de mãos vazias. Enriqueci sendo mesquinho, e quanto mais rico, mais mesquinho eu fico.”

O comentário era verdade; ele falava com franqueza.

“Não quero dinheiro”, respondeu ela, também sendo franca.

“Que novidade.”

“Há pessoas mais ricas que você.”

Ele ergueu as sobrancelhas com surpresa. Essa beleza podia morder.

“Verdade”, disse ele. Havia ao menos meia dúzia de homens mais ricos no hemisfério.

“Não sou uma zé-ninguém adoradora. Não vim aqui para estragar um nome. Vim aqui porque podemos ficar juntos. Temos muito a oferecer, um ao outro.”

“Tipo o quê?”, perguntou ele.

“Tenho meu corpo.”

Ele sorriu. Era a oferta mais direta que ouvia em anos.

“E o que te ofereço em troca dessa grandeza?”

“Desejo aprender —”

“Aprender?”

“— a usar o poder.”

Estranha, cada vez mais estranha, essa.

“Como assim?”, respondeu, brincando por tempo. Não havia conseguido medi-la; ela o apoquentava, o confundia.

“Preciso recitar de novo, em língua de burguês?”, perguntou ela, fingindo insolência com um sorriso que quase fez ele se sentir atraente de novo.

“Não é necessário. Você deseja usar o poder. Supondo que eu possa te ensinar —”

“Sei que pode.”

“Tem noção de que sou um homem casado? Virginia e eu estamos juntos há dezoito anos.”

“Você tem três filhos, quatro casas, uma criada chamada Mirabelle. Você detesta Nova York e ama Bangkok; seu colarinho é 42, sua cor favorita é verde.”

“Turquesa.”

“A velhice está te deixando mais sutil.”

“Não sou velho.”

“Dezoito anos de casado. Isso te envelhece de forma prematura.”

“Eu não.”

“Prove.”

“Como?”

“Deite-se comigo.”

“O quê?”

“Deite-se comigo.”

“Aqui?”

“Feche as cortinas, tranque a porta, desligue o terminal de computadores, e se deite comigo. É um desafio.”

“Desafio?”

Há quanto tempo ninguém o *desafiava*?

“Desafio?”

Ele ficou empolgado. Não ficava empolgado desse jeito em uma dúzia de anos. Fechou as cortinas, trancou a porta, desligou a exibição em vídeo de suas fortunas.

Meu Deus, pensou ela, ele é meu.

• • •

Não era uma paixão fácil, diferente daquela com Vassi. Para começar, Pettifer era um amante desajeitado e inculto. Além disso, ele ficava nervoso demais por causa da esposa, para conseguir ser um adúltero de fato bem-sucedido. Estava sempre achando ver a esposa em toda parte: nos saguões dos hotéis onde pegavam um quarto para passar a tarde, nos táxis que cruzavam a avenida do lado de fora de seu *rendezvous*, uma vez até (ele jurou que era igual) vestida de garçonete e passando um pano em uma mesa de restaurante. Todos medos ficcionais, mas que de certa forma enfraqueciam a espontaneidade do romance.

Ainda assim, estava aprendendo com ele. Ele era um potentado tão brilhante, quanto era um amante inepto. Ela aprendia como ser poderosa sem exercitar o poder, como se manter descontaminada da vileza que o carisma exerce nos que dele carecem; como tomar as decisões francas com franqueza; como ser implacável. Não que ela precisasse de tanta educação nesse quesito em particular. Talvez fosse mais verdadeiro afirmar que ele a ensinou a jamais se arrepender da ausência de compaixão instintiva, mas a julgar apenas com o intelecto quem merecia a extinção e quem poderia estar numerado entre os corretos.

Sequer uma vez ela se mostrou a ele, embora usasse suas habilidades dos modos mais secretos para extrair prazer dos nervos idosos dele.

Na quarta semana do caso, eles estavam deitados lado a lado em um quarto lilás, enquanto o tráfego do meio da tarde rugia na rua abaixo. Havia sido uma experiência sexual ruim; ele estava nervoso, e nenhum truque o tirava de si. Acabou muito rápido, quase sem calor.

Ele iria contar algo a ela. Ela sabia: essa revelação a esperava em algum lugar no fundo da garganta dele. Virando-se para ele, ela massageou suas

têmporas com a mente, e o acalmou até ele falar.

Ele estava prestes a arruinar o dia.

Estava prestes a arruinar a carreira.

Prestes, que Deus o ajude, a arruinar a própria vida.

"Preciso parar de te encontrar", declarou.

Ele não ousaria, pensou ela.

"Não tenho certeza do que sei sobre você, ou melhor, do que *acho* que sei sobre você, mas isso me deixa… precavido, entende?"

"Não."

"Receio suspeitar que você cometeu… crimes."

"Crimes."

"Você tem um histórico."

"Quem anda fuçando?", perguntou ela. "Com certeza não foi Virginia."

"Não, não Virginia, ela nem tem curiosidade."

"Quem então?"

"Não é de sua conta."

"Quem?"

Ela pressionou de leve as suas têmporas. Isso o machucou e ele piscou.

"Qual o problema?", perguntou ela.

"Minha cabeça está doendo."

"Tensão, isso é tudo, apenas a tensão. Posso acabar com isso, Titus." Ela tocou na testa dele com os dedos, relaxando. Ele suspirou com o alívio.

"Melhorou?"

"Sim."

"Quem anda bisbilhotando, Titus?"

"Tenho um secretário pessoal. Lyndon. Você já me ouviu falar dele. Ele sabia de nosso relacionamento desde o começo. Na verdade, ele que reserva os hotéis, inventa as histórias para enganar Virginia."

Havia uma espécie de garotice nessa conversa, que era um tanto tocante. Como se sentisse mais vergonha de deixá-la, do que abalo. "Lyndon é um milagreiro e tanto. Ele manobrou muitas coisas para facilitar tudo para nós. Não tem nada contra você. Só calhou de ver uma das fotografias suas que eu tirei. Dei para ele rasgar."

"Por quê?"

"Eu não devia ter tirado; foi um erro. Virginia poderia…" Ele pausou, recomeçou. "De qualquer forma, ele te reconheceu, embora não pudesse se lembrar onde havia te visto antes."

“Mas um dia lembrou.”

“Ele costumava trabalhar em um de meus jornais, como colunista de fofocas. Foi assim que se tornou meu assistente pessoal. Ele se lembrou de sua encarnação anterior, por assim dizer. Jacqueline Ess, esposa do falecido Benjamin Ess.”

“Falecido.”

“Ele me trouxe outras fotografias, não tão bonitas quanto as suas.”

“Fotografias de quê?”

“De sua casa. E do corpo de seu marido. Disseram que era um corpo, mas em nome de Deus, restava pouquíssimo de humano nele.”

“Para começar, ele era pouquíssimo humano”, respondeu ela, simplesmente, pensando nos olhos frios de Ben, e nas mãos ainda mais frias. Servia apenas para se calar e ser esquecido.

“O que aconteceu?”

“Com Ben? Foi assassinado.”

“Como?” A voz dele fraquejava um pouco.

“Com muita facilidade.” Ela havia se levantado da cama, e estava parada diante da janela. Uma forte luz de verão escavava seu caminho pelas ripas das persianas, e marcas de sombra e sol mapeavam os contornos do rosto dela.

“Você fez isso.”

“Sim.” Ele a ensinara a ser franca. “Sim, fiz.”

Ele também lhe ensinara uma economia de ameaça. “Deixe-me, e farei de novo.”

Ele balançou a cabeça. “Jamais. Você não ousaria.”

Agora ele estava na frente dela.

“Precisamos nos entender, J. Sou poderoso e puro. Está vendo? Minha face pública não é sequer tocada por um vislumbre de escândalo. Eu poderia dar conta da revelação de uma amante, de uma dúzia de amantes. Mas uma assassina? Não, isso arruinaria a minha vida.”

“Ele está te chantageando? Esse tal de Lyndon?”

Ele encarou o dia através das persianas, com um olhar aleijado no rosto. Havia um tique nervoso na bochecha, debaixo do olho esquerdo.

“Sim, para falar a verdade”, respondeu com uma voz apática. “Estou nas mãos desse desgraçado.”

“Entendo.”

“E se ele pode adivinhar, outros também podem. Está entendendo?”

“Sou forte; você é forte. Podemos virá-los do avesso com os mindinhos.”

“Não.”

“Sim! Tenho habilidades, Titus.”

“Não quero saber.”

“Você *vai* saber”, disse.

Ela olhou para ele, segurando suas mãos sem tocá-lo. Ele observou, olhos completamente atônitos, as mãos erguidas contra a sua vontade para tocar o rosto dela, para acariciá-la com o mais afeiçoado dos gestos. Ela o fez passar os dedos vacilantes nos peitos dela, segurando-os com mais ardor do que ele poderia reunir por iniciativa própria.

“Você é sempre muito hesitante, Titus”, disse ela, fazendo-o apalpá-la quase a ponto de machucá-la. “É assim que eu gosto.” Agora as mãos dele estavam mais baixas, extraindo um olhar diferente do rosto dela. As marés estavam se movendo, ela estava muito viva —

“Mais fundo —”

Seu dedo se enfiou, o polegar acariciou.

“Gosto assim, Titus. Por que não consegue fazer isso comigo sem eu mandar?”

Ele enrubesceu. Não gostava de falar do que faziam juntos. Ela fez Titus empurrar mais fundo, sussurrando.

“Não vou quebrar, sabe? Virginia pode ser de porcelana, mas eu não. Desejo a sensação; desejo algo que me faça lembrar de você quando não estivermos juntos. Nada dura para sempre, não é? Mas desejo algo que me aqueça durante a noite.”

Ele estava mergulhado aos joelhos dela, as mãos, por desígnio dela, dentro e sobre ela, ainda apalpando-a como dois caranguejos luxuriosos. Seu corpo encharcado de suor. Era, pensou ela, a primeira vez que o via suar.

“Não me mate”, choramingou.

“Eu poderia acabar com você.” Acabar, pensou ela, então tirou a imagem da mente antes que o machucasse.

“Eu sei. Eu sei”, afirmou ele. “Você pode me matar com facilidade.”

Estava chorando. Meu Deus, pensou ela, o grande homem está aos meus pés chorando como um bebê. O que posso aprender sobre o poder com essa performance pueril? Ela enxugou as lágrimas das bochechas dele, usando muito mais força que o necessário para a tarefa. Sua pele se avermelhou sob o exame dela.

“Poupe minha vida, J. Não posso te ajudar. Sou inútil para você.”

Era verdade. Ele era bastante inútil. Com desprezo, ela liberou suas mãos. Elas caíram moles ao lado do corpo.

“Jamais tente me encontrar, Titus. Está me entendendo? Jamais mande seus capangas atrás de mim para preservar sua reputação, pois serei mais implacável do que você jamais foi.”

Ele não disse nada; apenas se ajoelhou ali, encarando a janela, enquanto ela lavava o rosto, bebia o café que haviam pedido, e partia.

• • •

Lyndon ficou surpreso ao encontrar a porta do escritório entreaberta. Ainda eram sete e trinta e seis. Nenhuma das secretárias chegaria em uma hora. Com certeza alguma faxineira cometeu o descuido de deixar a porta destrancada. Ele descobriria quem e a despediria.

Abriu a porta com um empurrão.

Jacqueline estava sentada de costas para a porta. Ele reconheceu a nuca, aqueles cabelos ruivos. Uma exibição de vagabunda; muito atrevida, muito selvagem. Seu escritório, um anexo ao do sr. Pettifer, era organizado com esmero. Ele olhou em volta: tudo parecia em ordem.

“O que está fazendo aqui?”

Ela tomou um fôlego pequeno, se preparando.

Era a primeira vez que tinha planejado como fazer. Antes havia sido uma decisão no calor do momento.

Aproximou-se da mesa, e soltou a maleta e o exemplar do *Financial Times* dobrado com cuidado.

“Não tem o direito de entrar aqui sem minha permissão”, afirmou.

Ela se virou no eixo giratório da cadeira; ao modo como ele recebia as pessoas para discipliná-las.

“Lyndon”, falou.

“Nada que você disser ou fizer mudará os fatos, srta. Ess”, observou ele, poupando-a do incômodo de entrar no assunto. “Você é uma assassina de sangue-frio. Era minha obrigação por ofício informar ao sr. Pettifer da situação.”

“Então fez isso pelo bem de Titus?”

“Claro.”

“E a chantagem, também foi pelo bem de Titus, não foi?”

“Saia de meu escritório —”

“Não foi, Lyndon?”

“Você é uma puta! Putas não sabem de nada: são animais ignorantes e doentes”, expeliu. “Ah, você é esperta, admito que sim — mas qualquer vadia querendo sobreviver também é.”

Ela se levantou. Ele esperou uma réplica. Não houve nenhuma; ao menos não de forma verbal. Mas ele sentiu certa tensão no rosto: como se alguém o pressionasse.

“O… que… você… está… fazendo?”, perguntou.

“Fazendo?”

Seus olhos estavam sendo forçados a se apertar como uma criança imitando um oriental, monstruoso, a boca foi esticada para ficar larga e tensa, o sorriso brilhante. Foi difícil dizer as palavras —

“Para… com… isso…”

Ela balançou a cabeça.

“Puta…”, repetiu ele, ainda a desafiando.

Ela apenas o encarava. Seu rosto começava a tremer e se contrair sob a pressão, os músculos a ter espasmos.

“A polícia…”, tentou dizer, “se encostar um dedo em mim…”

“Não vou”, replicou ela, e se aproveitou da posição de vantagem.

Sob as roupas, ele sentiu a mesma pressão por todo o corpo, puxando sua pele, deixando-a cada vez mais tensa. Algo cederia; ele sabia. Alguma parte seria fraca, e se dividiria com esse ataque implacável. E assim que começasse a se abrir, nada evitaria que ela o rasgasse ao meio. Ele deduziu tudo isso com certa tranquilidade, enquanto o corpo se contraía e ele a xingava com um sorriso forçado.

“Escrota”, proferiu. “Escrota sifilítica.”

Não parecia sentir medo, pensou ela.

Na situação extrema, ele apenas liberava tanto ódio dela, que o medo era eclipsado por inteiro. Agora a chamava de puta de novo; embora o rosto estivesse quase irreconhecível, de tão retorcido.

Então começou a se dividir.

O rasgo começou na raiz do nariz e subiu pela testa, logo desceu bifurcando os lábios e o queixo, depois o pescoço e o peito. Em questão de segundos a camisa se pintou de vermelho, o terno escuro ficou ainda mais escuro, o sangue jorrou da bainha e das pernas das calças. A pele das mãos saiu voando como luvas de cirurgião, e dois anéis de tecido escarlate penderam para cada lado do rosto esfolado, como as orelhas de um elefante.

Ele parou de falar palavrões.

Havia morrido de choque dez segundos antes, embora ela ainda estivesse trabalhando nele de modo vingativo, arrancando a pele do corpo e lançando os pedaços pela sala. Até que, por fim, ele parou de pé, fumegante, com terno vermelho, e camisa vermelha, e reluzentes sapatos vermelhos, parecendo um homem mais sensível aos olhos dela. Contente com o efeito, ela o liberou. Em silêncio, ele se deitou em uma poça de sangue e dormiu.

Meu Deus, pensou ela, enquanto saía com tranquilidade pelas escadas dos fundos, isso foi assassinato em primeiro grau.

• • •

Ela não viu reportagens sobre a morte em nenhum dos jornais, e nada nos boletins de notícias. Lyndon pelo visto morrera como vivera, oculto do olhar público.

Mas ela sabia que as engrenagens, com eixos tão grandes que não podiam ser vistos por indivíduos insignificantes como ela, continuariam girando. O que elas fariam, como mudariam a sua vida, podia apenas supor. Mas o assassinato de Lyndon não fora apenas despeito, embora isso fizesse parte. Não, ela também queria enervá-los, seus inimigos no mundo, e atraí-los a ela. Fazê-los mostrar as mãos: fazê-los mostrar seu desprezo, seu terror. Atravessara a vida, parecia, procurando por um sinal de si mesma, capaz de definir sua natureza apenas por meio do olhar alheio. Agora queria dar um fim a isso. Era hora de lidar com seus perseguidores.

Sem dúvida, agora todos que a tinham visto, primeiro Pettifer, depois Vassi, viriam atrás dela, e ela fecharia os olhos deles para sempre: os faria esquecerem-se dela. Só depois disso, de destruir as testemunhas, ficaria livre.

Pettifer não veio, claro, não em pessoa. Era fácil para ele procurar agentes, homens sem escrúpulos ou compaixão, mas com um faro para a perseguição que envergonharia um galgo.

Uma armadilha estava sendo aprontada para ela, embora não pudesse ver suas presas. Havia sinais por toda parte. Uma erupção de pássaros surgiu detrás de uma parede, uma luz peculiar de uma janela distante, passos, assobios, homens de ternos escuros lendo notícias no limite de sua visão. Com o passar das semanas, não se aproximaram dela, tampouco foram embora. Esperavam, como gatos em uma árvore, os rabos balançando, olhos preguiçosos.

Mas a perseguição tinha a marca de Pettifer. Aprendera o bastante a respeito dele para reconhecer sua circunspecção e sua astúcia. Eles haveriam

de ir atrás dela em algum momento, não no tempo dela, mas no deles.

Talvez sequer no deles; no dele. E apesar de não ver seu rosto, era como se Titus estivesse em sua cola pessoalmente.

Meu Deus, pensou ela, estou correndo risco de vida e não me importo.

Era inútil, o poder sobre a carne, se ele não tivesse um direcionamento por trás. Ela o usara por suas próprias razões, pela gratificação do prazer nervoso e da pura raiva. Mas essas exibições não a aproximaram das outras pessoas: apenas a transformaram em uma bizarrice aos olhos delas.

Às vezes pensava em Vassi, e se perguntava onde ele estava, o que andava fazendo. Não era um homem forte, mas tinha um pouco de paixão na alma. Mais do que Ben, mais do que Pettifer, com certeza mais do que Lyndon. E, lembrava ela, com carinho, foi o único homem que conhecera que a chamava de Jacqueline. Todo o resto manufaturava corrupções grosseiras de seu nome: Jackie, ou J., ou, nos humores mais irritadiços de Ben, Ju-ju. Apenas Vassi a chamava de Jacqueline, claro e simples, aceitando, em seus modos formais, sua completude, sua totalidade. E quando pensava nele, tentando imaginar como Vassi poderia retornar a ela, temia por ele.

Testemunho de Vassi (parte dois)

“Claro que a procurava. É apenas quando se perde alguém que você percebe a falta de sentido naquela frase ‘é um mundo pequeno’. Não é. É um mundo vasto, devorador, em especial se você está sozinho.

Quando eu era advogado, preso em um círculo incestuoso, eu costumava ver os mesmos rostos dia após dia. Com alguns eu trocava palavras, sorrisos, acenos. Pertencíamos, ainda que fôssemos inimigos na Vara Tribunal, ao mesmo círculo complacente. Comíamos nas mesmas mesas, bebíamos lado a lado. Até compartilhávamos amantes, embora não soubéssemos disso o tempo inteiro. Em tais circunstâncias, é fácil acreditar que o mundo não tem intenção de te machucar. Você envelhece, claro, mas todos os outros também. Você até acredita, ao seu modo satisfeito consigo próprio, que a passagem dos anos te deixa um pouco mais inteligente. A vida é suportável; mesmo os suores das três da manhã vêm com menos frequência que os aumentos nos saldos bancários.

Mas considerar o mundo inofensivo é uma mentira a si mesmo, acreditar nessas supostas certezas que na verdade são apenas ilusões compartilhadas.

Quando ela partiu, todas as ilusões desapareceram, e todas as mentiras que eu vivia com assiduidade ficaram aparentes de um modo bastante explícito.

Não é um mundo pequeno, quando você suporta olhar para apenas um rosto nele, e esse rosto está perdido em algum lugar em um *maelström*. Não é um mundo pequeno, quando as poucas memórias vitais de seu objeto de afeição correm o risco de serem esmagadas pelos milhares de momentos que o assaltam todos os dias, como crianças te puxando, demandando a sua atenção por completo.

Eu era um homem em crise.

Eu me encontrava (eis uma frase adequada) dormindo em quartos minúsculos de hotéis decrépitos, bebendo mais do que comendo, e escrevendo o nome dela, como um obsessivo clássico, mais e mais vezes. Nas paredes, no travesseiro, na palma da mão. Rompi a pele da mão com a caneta e a tinta a infectou. A marca ainda está aqui. Estou olhando para ela agora. Jacqueline, diz ela. Jacqueline.

Então certo dia, inteiramente por acaso, a vi. Soa melodramático, mas achei que morreria naquele momento. Eu a tinha imaginado por tanto tempo, me enervado para vê-la, que quando aconteceu, senti os membros fraquejarem e vomitei no meio da rua. Não foi um reencontro clássico. O amante, ao ver a amada, vomita na própria camisa. Mas então, nada do que aconteceu entre mim e Jacqueline foi muito normal. Ou natural.

Eu a segui, o que foi difícil. Estava na multidão, e ela andava depressa. Não sabia se devia ou não chamar o seu nome. Decidi que não. O que ela teria feito, de qualquer forma, vendo esse lunático de barba malfeita titubeando em sua direção, chamando o seu nome? Com certeza teria corrido. Ou pior, teria alcançado meu peito e apertado o meu coração com a própria vontade, e me livrado de minha angústia antes que eu mesmo a pudesse revelar ao mundo.

Então fiquei em silêncio, e apenas a segui, com obstinação, ao que presumi ser seu apartamento. Por lá permaneci, ou pelas vizinhanças, durante dois dias e meio, sem saber muito bem o que fazer. Era um dilema ridículo. Após todo esse tempo em sua busca, agora que ela estava a uma distância de fala, a uma distância de toque, eu não ousava me aproximar.

Talvez temesse a morte. Mas então, aqui estou, nesse quarto fedorento em Amsterdã, botando no papel meu testemunho e esperando que Koos me traga a chave dela, e não estou com medo da morte agora. Talvez minha vaidade

me tenha feito evitá-la. Não queria que ela me visse decadente e desolado; queria chegar limpo, como o amante dos sonhos.

Enquanto eu a esperava, eles foram atrás dela.

Não sei quem eram. Dois homens, vestidos com discrição. Não acho que eram policiais: muito gentis. Até mesmo cultos. E ela não ofereceu resistência. Saiu sorridente, como se fosse a uma ópera.

Na primeira oportunidade que tive, retornei ao prédio vestido um pouco melhor, localizei seu apartamento com o porteiro, e invadi. Ela estava vivendo com frugalidade. No canto do quarto havia colocado uma mesa, e estava escrevendo suas memórias. Sentei-me e li, e depois levei as páginas comigo. Ela não havia passado dos primeiros sete anos de vida. Perguntei-me, mais uma vez em minha vaidade, se eu seria registrado no livro. Era provável que não.

Também levei algumas roupas ; apenas itens que ela havia usado quando a conheci. E nada íntimo: não sou fetichista. Não iria para casa enfiar a cara e cheirar suas roupas íntimas. Mas desejava algo com que me lembrar dela; com que imaginá-la. Embora, após reflexão, jamais conheci ser humano mais digno de vestir puramente a própria pele.

Então a perdi pela segunda vez, mais por culpa de minha própria covardia, do que das circunstâncias.”

• • •

Pettifer ficou quatro semanas sem se aproximar da casa onde mantinham a sra. Ess. Deram a ela mais ou menos tudo o que ela pedia, exceto a liberdade, e ela apenas pedia isso de maneiras nada concretas. Não estava interessada em escapar; embora fosse fácil de conseguir. Umas duas vezes ela se perguntou se Titus havia contado aos dois homens e à mulher que a mantinham prisioneira na casa do que, de fato, ela era capaz; ela não tentou adivinhar. Tratavam-na como se fosse apenas uma mulher em quem Titus havia posto os olhos e desejado. Eles a apanharam para a cama dele, simples assim.

Com um quarto para si, e um suprimento infindável de papel, ela recomeçou a escrever as memórias, do começo.

Era o fim do verão, e as noites estavam ficando frias. Às vezes, para se aquecer, deitava-se no chão (pediu para retirarem a cama) e fazia o corpo ondular como a superfície de um lago. O corpo, sem sexo, tornava-se de novo um mistério para ela; e pela primeira vez percebeu que o amor físico era uma

exploração daquela região mais íntima e mais desconhecida de seu ser: a sua carne. Compreendia a si mesma melhor ao abraçar outra pessoa; via com mais transparência a própria substância quando os lábios adoradores e gentis dos outros estavam sobre ela. Pensou em Vassi mais uma vez; e o lago, com o pensamento, ficou agitado como em uma tempestade. Os peitos balançaram em montanhas ondulantes, a barriga foi tomada com marés extraordinárias, correntes cruzavam e recruzavam o rosto tremeluzente, batendo de leve na boca e deixando sua marca como ondas na areia. Do mesmo modo como ela fluía nas memórias dele, ela também se lembrou dele, e se liquefez.

Pensou nas poucas vezes em que havia se sentido em paz durante a vida; e o amor físico, descartando a ambição e a vaidade, sempre precedera esses momentos frágeis. Claro que havia outros modos; mas sua experiência era limitada. A mãe sempre dissera que as mulheres, tendo mais paz consigo mesmas do que os homens, precisavam de menos distrações das próprias feridas. Mas ela não teve nada parecido. Levava uma vida cheia de feridas, mas sem quase nenhum modo de mitigá-las.

Largou a escrita das memórias quando chegou aos 9 anos. Desesperou-se ao contar a história a partir desse ponto, com a primeira percepção da puberdade iminente. Queimou os papéis na fogueira que acendeu no meio do quarto no dia em que Pettifer chegou.

Meu Deus, pensou, isso não pode ser o poder.

Pettifer parecia doente; tão alterado na forma física quanto um amigo que ela perdera para o câncer. Em um mês parecia saudável, e depois sugado do avesso, autodevorado. Ele parecia uma casca de homem: a pele cinzenta e embotada. Apenas os olhos brilhavam, e eram como os olhos de um cachorro louco.

Vestia-se de modo impecável, como que para um casamento.

“J.”

“Titus.”

Ele a observou de cima a baixo.

“Está bem?”

“Sim, obrigada.”

“Eles te dão tudo o que você pede?”

“Anfitriões perfeitos.”

“Você não resistiu.”

“Resistir?”

“A ficar aqui. Trancada. Eu estava preparado, depois de Lyndon, para outro massacre de inocentes.”

“Lyndon não era inocente, Titus. Essas pessoas são. Você não contou a elas.”

“Não achei necessário. Posso fechar a porta?”

Era seu captor: mas vinha como um emissário ao campo de um portento maior. Ela gostou do modo como ele a tratou, acuado, mas exaltado. Ele fechou a porta e a trancou.

“Eu te amo, J. E tenho medo de você. Na verdade, acho que te amo porque tenho medo de você. Isso é uma doença?”

“Eu diria que sim.”

“Sim, eu também.”

“Por que demorou tanto para vir?”

“Tive que organizar as minhas coisas. Senão seria um caos quando eu fosse embora.”

“Está indo embora?”

Ele olhou dentro dos olhos dela, os músculos do rosto se engelharam com a antecipação.

“Espero que sim.”

“Para onde?”

Ainda assim, ela não imaginava o que o levara à casa, tendo as coisas ajustadas, a esposa desinformada pedindo perdão enquanto dormia, todos os canais de fuga fechados, todas as contradições postas em suspenso.

Ainda assim, não imaginava que ele tinha ido para morrer.

“Estou reduzido a você, J. Reduzido a nada. E não tenho lugar nenhum para onde ir. Está me entendendo?”

“Não.”

“Não posso viver sem você”, declarou. O clichê era imperdoável. Não poderia encontrar um jeito melhor de dizer isso? Ela quase gargalhou, de tão banal.

Mas ele não havia terminado.

“— e com certeza não posso viver *com* você.” De maneira abrupta, o tom se alterou. “Porque você me dá náuseas, mulher, todo o seu ser me causa nojo.”

“Então?”, perguntou ela, com doçura.

“Então…” Ele voltou a ficar terno, e ela começou a compreender. “…me mate.”

Era grotesco. Os olhos cintilantes fixos nela.

“É o meu desejo”, declarou. “Acredite, é tudo o que desejo neste mundo. Mate-me, do modo que preferir. Irei sem resistência, sem reclamar.”

Ela se lembrou da velha piada. O masoquista diz ao sadista: Machuque-me! Pelo amor de Deus, machuque-me! O Sadista responde ao masoquista: Não.

“E se eu me recusar?”, questionou ela.

“Não pode recusar. Sou desprezível.”

“Eu não te odeio, Titus.”

“Pois deveria. Sou fraco. Sou inútil para você. Não te ensinei nada.”

“Você me ensinou muita coisa. Agora consigo me controlar.”

“A morte de Lyndon foi controlada, então?”

“Com certeza.”

“Ela me pareceu um pouco excessiva.”

“Ele só recebeu o que merecia.”

“Então me dê o que eu mereço também. Tranquei você. Eu te rejeitei quando precisou de mim. Mereço uma punição por isso.”

“Eu sobrevivi.”

“J!”

Mesmo nessa situação extrema, ele era incapaz de chamá-la pelo nome inteiro.

“Pelo amor de Deus. Pelo amor de Deus. É a única coisa que te peço. Faça isso, seja qual for o motivo que tenha em si. Compaixão, ou desprezo, ou amor. Mas faça isso, por favor, faça.”

“Não”, disse ela.

De repente, ele atravessou o quarto e deu um tapa nela com muita força.

“Lyndon disse que você é uma puta. Ele estava certo; é mesmo. Uma puta de beco, no máximo.”

Afastou-se, virou, voltou, acertou-a de novo, mais rápido, com mais força, e de novo, seis ou sete vezes, de um lado para o outro.

Então parou, arfando.

“Você quer dinheiro?” Barganhas agora. Pancadas, depois barganhas.

Ela o enxergava retorcido por entre lágrimas de choque que foi incapaz de evitar.

“É dinheiro o que você quer?”, repetiu.

“O que acha?”

Ele não captou o sarcasmo, e começou a jogar cédulas aos pés dela, dúzias e dúzias, como oferendas diante da Estátua da Virgem.

“O quanto quiser”, afirmou. “*Jacqueline*.”

Ela sentiu na barriga algo próximo da dor, conforme a ânsia por matá-lo era gerada, mas resistia. Essa ânsia estava brincando com as mãos dela, tornando-se um instrumento da vontade dele: impotente. O uso, mais uma vez; era tudo o que ela possuía. Havia sido criada como uma vaca, para fornecer uma quantia de suprimentos. De cuidados a maridos, de leite a bebês, de morte a velhos. E, como uma vaca, esperava-se que aceitasse cada demanda, sempre que o pedido viesse. Bem, não dessa vez.

Ela foi até a porta.

“Para onde está indo?”

Ela procurou a chave.

“Sua morte é com você, não é de minha conta”, afirmou.

Ele correu até lá antes que ela pudesse destrancar a porta, e a pancada — a força, a maldade — foi totalmente inesperada.

“Vagabunda”, esganiçou, desferindo um rojão de golpes rápidos com o punho.

Na barriga dela, a coisa com sede de matar cresceu um pouco.

Ele emaranhou os dedos no cabelo dela, e a puxou pelo quarto, gritando obscenidades, um fluxo interminável, como se tivesse aberto uma represa cheia de esgoto em cima dela. Era apenas mais um modo de ele conseguir o que queria, disse ela a si mesma, se você sucumbir a isso, perdeu: ele está apenas te manipulando. Ainda assim, as palavras vinham: os mesmos palavrões que foram despejados sobre gerações de mulheres insubmissas. Puta; herege; vadia; vagabunda; monstro.

Sim, ela era isso.

Sim, pensou ela: sou um monstro.

O pensamento facilitou as coisas. Virou-se. Ele soube o que aquela mulher pretendia fazer, mesmo antes de receber seu olhar. Soltou as mãos que agarravam o cabelo. A raiva dela já estava saindo da garganta — cruzando o ar entre eles.

Ele me chama de monstro: monstro eu sou.

Faço isso por mim, não por ele. Jamais por ele. Por mim!

Ele engasgou quando foi tocado pela vontade dela, e seus olhos brilhantes pararam de brilhar por um momento, a vontade de morrer transformou-se na vontade de sobreviver, claro que tarde demais, e ele rugiu. Ela ouviu nas

escadas gritos, passos e ameaças em resposta. Estariam no quarto em questão de instantes.

“Você é um animal”, exclamou ela.

“Não”, retorquiu ele, seguro de que mesmo nesse momento deveria comandar.

“Você não existe”, afirmou ela, avançando em sua direção. “Jamais encontrarão a parte que era Titus. Titus já era. O resto é apenas —”

A dor foi excruciante. A dor interrompeu a voz que sairia dele. Ou terá sido ela mais uma vez, alterando a garganta, o palato, a própria cabeça? Ela estava destrancando as placas de seu crânio, e reorganizando-o.

Não, desejava dizer, este não é o ritual sutil que eu tinha planejado. Queria morrer dobrado em você, queria partir com a boca colada na sua, esfriando em você enquanto morresse. Não é desse jeito que eu queria.

Não. Não. Não.

Os homens que a mantiveram ali começaram a bater na porta. Ela não sentiu nem um pouco de medo, exceto, claro, de que pudessem estragar sua obra antes que ela desse os últimos retoques.

Alguém se chocava contra a porta agora. Madeira estraçalhada: a porta foi arrombada. Os dois homens estavam armados. Apontaram as armas para ela, com mão firme.

“Sr. Pettifer?”, disse o mais jovem. No canto do quarto, debaixo da mesa, os olhos de Pettifer reluziram.

“Sr. Pettifer?”, repetiu, quase se esquecendo da mulher.

Pettifer balançou a cabeça com forma de focinho. Não se aproxime, por favor, pensou ele.

O homem se abaixou e viu o animal repugnante que estava agachado debaixo da mesa; sangrando da transformação, mas vivo. Ela havia matado os seus nervos: ele não sentia dor. Apenas sobrevivia, as mãos dobradas como patas, as pernas enterradas nas costas, joelhos quebrados para lhe dar o aspecto de um caranguejo de quatro pernas, o cérebro exposto, os olhos sem pálpebras, a mandíbula inferior quebrada e passada por cima da superior como um buldogue, orelhas arrancadas, espinha dorsal quebrada, a humanidade metamorfoseada a outro estado.

“Você é um animal”, dissera ela. Não era um símile ruim de bestialidade.

O homem armado engasgou ao reconhecer os fragmentos do mestre. Levantou-se, com o queixo engordurado, e olhou ao redor para a mulher.

Jacqueline deu de ombros.

“Você fez isso?” O espanto se mesclava à repulsa.

Ela acenou com a cabeça.

“Venha, Titus”, disse ela, estalando os dedos.

O animal balançou a cabeça, ganindo.

“Venha, Titus”, repetiu, com mais insistência, e Titus Pettifer bamboleou para fora do esconderijo, deixando um rastro, como um saco de carne furado.

O homem atirou nos restos de Pettifer por puro instinto. Tudo, tudo para evitar que a criatura asquerosa se aproximasse dele.

Titus cambaleou dois passos para trás sobre as patas ensanguentadas, chacoalhou como que para liberar a morte de seu interior e, colapsando, morreu.

“Contente?”, perguntou ela.

O atirador tirou os olhos da execução. O poder falava com ele? Não; Jacqueline, encarava o cadáver de Pettifer, fazendo-lhe a pergunta.

Contente?

O atirador soltou a arma. O outro homem fez o mesmo.

“Como fez isso?”, perguntou o homem à porta. Uma pergunta simples: uma pergunta infantil.

“Ele pediu”, respondeu Jacqueline. “Era tudo o que eu podia oferecer.”

O atirador acenou com a cabeça e caiu de joelhos.

Testemunho de Vassi (parte final)

“O acaso teve um papel enorme em meu romance com Jacqueline Ess. Às vezes, parecia que eu estava sujeito a toda sorte de maré que passa pelo mundo, revirado com o mínimo movimento do pulso do acaso. Outras vezes, suspeitei que ela estivesse regendo minha vida com a mente, assim como a vida de centenas de outros, milhares de outros, planejando cada encontro casual, coreografando minhas vitórias e derrotas, me conduzindo, de forma cega, a esse último encontro.

Eu a encontrei sem saber que havia encontrado, essa era a ironia de tudo. Primeiro a rastreara até uma casa em Surrey, uma casa que um ano antes testemunhara o assassinato de Titus Pettifer, um bilionário alvejado por um dos próprios guarda-costas. No quarto do andar de cima, onde ocorrera o assassinato, tudo era serenidade. Se ela estivera lá, haviam removido qualquer indício. Mas a casa, agora uma ruína virtual, estava sujeita a todo tipo de pichação; e na parede de gesso manchada daquele quarto alguém

havia rabiscado uma mulher. Era obscenamente dotada, o sexo arregaçado brilhando com o que parecia um raio. E aos pés dela havia uma criatura de espécie indeterminada. Talvez um caranguejo, talvez um cachorro, talvez até mesmo um homem. Seja o que for, não tinha poder sobre si. Estava à luz da presença angustiante dela e constava entre os afortunados. Olhando para aquela criatura encarquilhada, com os olhos virados para a Madonna em chamas, descobri que a imagem retratava Jacqueline.

Não sei por quanto observei o grafite, mas fui interrompido por um homem que parecia em condições piores do que a minha. Uma barba que jamais fora aparada ou lavada, uma estrutura tão decrépita que me perguntei como ele conseguia ficar de pé, e um cheiro que não envergonharia nem mesmo um gambá.

Nunca soube o nome dele; mas era, me contou, o autor d a imagem na parede. Era fácil acreditar nisso. Seu desespero, fome e confusão eram marcas de um homem que tinha visto Jacqueline.

Se fui brusco ao interrogá-lo, com certeza ele me perdoou. Foi a liberação de um fardo para ele, contar-me tudo o que tinha visto no dia em que Pettifer foi morto, e saber que eu acreditava em tudo. Contou-me que seu colega, o outro guarda-costas, o homem que havia efetuado os disparos que mataram Pettifer, cometera suicídio na prisão.

Sua vida, disse, perdeu o sentido. Ela a destruíra. Eu lhe ofereci o consolo que podia; que ela não pretendia machucá-lo, e que ele não precisava ficar com medo. Quando lhe contei isso, ele chorou, acho que mais pela perda que por alívio.

Por fim, perguntei se ele sabia onde Jacqueline estava. Havia deixado essa pergunta para o final, como se fosse a indagação mais premente, pois suponho que eu não ousaria esperar que ele soubesse. Mas, por Deus, ele sabia. Ela não fora embora da casa logo após o disparo contra Pettifer. Sentou-se com esse homem e conversou em voz baixa com ele sobre os filhos, o alfaiate, o carro. Ela lhe perguntara como era a mãe dele, e ele respondeu que a mãe havia sido prostituta. Era feliz? Jacqueline perguntara. Ele respondeu que não sabia. Já chorou?, perguntara ela. Ele respondeu que jamais tinha visto ela rir ou chorar na vida. Então ela acenou com a cabeça e o agradeceu.

Mais tarde, antes do suicídio, o outro atirador lhe contara que Jacqueline tinha ido para Amsterdã. Ele também sabia algo a respeito de um homem chamado Koos. E assim o círculo começa a se fechar, certo?

Passei sete semanas em Amsterdã, sem encontrar uma única pista do paradeiro dela, até a noite de ontem. Sete semanas de celibato, o que é incomum para mim. Apático com a frustração, desci até o distrito da luz vermelha, atrás de uma mulher. Elas ficam lá sentadas, diante das janelas, tal qual manequins, ao lado de abajures com franjas cor-de-rosa. Algumas com cães em miniatura nos colos; algumas leem. A maioria apenas olha para a rua, como que mesmerizadas.

Nenhum dos rostos me interessou. Todos pareciam sem alegria, sem luz, demasiado diferentes do dela. Mesmo assim, eu não conseguia ir embora. Era como um moleque gordo em alguma loja de doces, enjoado demais para comprar algo, guloso demais para ir embora.

Lá pelo meio da noite, fui chamado para fora da multidão por um jovem que, em uma inspeção mais atenta, não era jovem, e sim portador de uma pesada maquiagem. Não tinha sobrancelhas, apenas marcas de lápis riscadas na pele reluzente. Vários brincos de ouro na orelha esquerda, um pêssego comido pela metade na mão com luvas brancas, sandálias abertas, unhas do pé laqueadas. Puxou a manga de minha camisa, ao modo de um proprietário.

Eu devo ter feito uma careta zombeteira para sua aparência repugnante, mas ele não pareceu nada chateado com meu desprezo. Você parece um homem de discernimento, afirmou. Eu não parecia nada disso: você deve estar enganado, respondi. Não, replicou, não estou enganado. Você é Oliver Vassi.

Meu primeiro pensamento, mesmo que incoerente, foi de que ele pretendia me matar. Tentei me afastar, mas seu aperto em minha bainha era firme.

Você deseja uma mulher, afirmou. Será que hesitei o bastante para ele saber que eu queria mesmo, embora negasse? Tenho uma mulher inigualável, continuou, é um milagre. Sei que você deseja se encontrar com ela pessoalmente.

O que me assegurava que ele se referia a Jacqueline? Talvez o fato de ter me reconhecido na multidão, como se ela estivesse em alguma janela acima, ordenando que seus admiradores fossem levados a ela, tal qual um comensal em um restaurante ao pedir uma lagosta de um tanque. Talvez também o modo como seus olhos brilharam para mim, se encontrando com os meus sem medo, pois o medo, assim como o êxtase, só era sentido na presença de uma única criatura nesta terra cruel de Deus. Eu também não podia me ver

refletido nesse olhar perigoso? Ele conhecia Jacqueline, disso eu não tinha dúvidas.

Ele sabia que eu havia sido fisgado, pois assim que hesitei, virou-se com um afetado gesto de ombros, como que para dizer: perdeu a sua chance. Onde está ela? Perguntei, segurando o seu braço fino como um galho. Ele endureceu a cabeça pela rua, e eu o segui, de repente, como um desmiolado idiota, para fora da multidão. O caminho esvaziava conforme seguíamos; as luzes vermelhas cederam espaço ao lusco-fusco, e então à escuridão. Se lhe perguntei uma vez para onde a gente estava indo, é porque perguntei uma dúzia; ele escolheu não responder, até alcançarmos uma porta estreita em uma casa estreita em uma rua fina como uma lâmina. Aqui estamos, anunciou, como se aquele muquifo fosse o Palácio de Versailles.

Dois andares acima, na casa que em outro contexto estaria vazia, havia um quarto com uma porta preta. Ele me empurrou para ela. Estava trancada.

“Veja”, convidou, “ela está aí dentro.”

“Está trancado”, respondi. Meu coração estava prestes a explodir: ela estava por perto, com certeza, eu sabia que estava por perto.

“Veja”, repetiu, e apontou para um buraco minúsculo no painel da porta. Devorei a luz por ele, empurrando meu olho para ela através do buraco minúsculo.

O interior esquálido estava vazio, exceto por um colchão e Jacqueline. Ela estava nua deitada de pernas abertas, os pulsos e tornozelos amarrados a estacas grosseiras presas no chão vazio, diante dos quatro cantos do colchão.

“Quem fez isso?”, demandei, sem tirar o olho da nudez dela.

“Ela que pediu”, respondeu. “É o desejo dela. Ela que pediu.”

Ela ouvira a minha voz; ergueu a cabeça com alguma dificuldade e encarou a porta sem desviar os olhos. Quando ela me viu, todos os meus cabelos se eriçaram na cabeça, juro, em boas-vindas, e ondularam ao comando dela.

“Oliver”, disse ela.

“Jacqueline.” Pressionei a palavra na madeira com um beijo.

O corpo dela estava agitado, o sexo raspado se abrindo e se fechando como uma planta exótica, púrpura e lilás e rosa.

“Deixe-me entrar”, falei para Koos.

“Você não vai sobreviver a uma noite com ela.”

“Deixe-me entrar.”

“Ela é cara”, alertou.

“Quanto você quer?”

“Tudo o que você tiver. A camisa em suas costas, o dinheiro, as joias; e então ela é sua.”

Eu queria derrubar a porta, ou quebrar seus dedos manchados de nicotina um a um, até ele me entregar a chave. Ele sabia no que eu estava pensando.

“A chave está escondida”, afirmou, “e a porta é forte. Você vai ter que pagar, sr. Vassi. Você deseja pagar.”

Era verdade. Eu desejava pagar.

“Você deseja me dar tudo o que já teve, tudo o que já foi. Deseja encontrá-la sem pedir nada em troca. Eu sei disso. É como todos a encontram.”

“Todos? São muitos?”

“Ela é insaciável”, respondeu, sem prazer. Não era uma vanglória de cafetão: era sua dor, eu percebia de forma muito clara. “Estou sempre buscando mais para ela, e depois enterrando.”

Enterrando.

Suponho que seja essa a função de Koos; ele se livra dos mortos. E ele vai pôr as mãos laqueadas em mim depois desta noite; ele vai me tirar de cima dela quando eu estiver seco e inútil, e encontrar algum fosso, algum canal, alguma fornalha onde me perder. O pensamento não é muito atraente.

Ainda assim, aqui estou com todo o dinheiro que consegui reunir depois de vender minhas poucas posses remanescentes na mesa em frente, perdendo a dignidade, com a vida pendendo por um fio, esperando por um cafetão e uma chave.

Está bem escuro agora, e ele está atrasado. Mas acho que é obrigado a voltar. Não pelo dinheiro, ele provavelmente tem poucas necessidades além de heroína e rímel. Ele virá fazer negócios comigo porque ela ordena e ele é seu escravo por completo, tanto quanto eu. Ah, virá. Claro que virá.

Bem, acho que isso basta.

Esse é meu testemunho. Agora não tenho tempo de relê-lo. Seus passos estão nos degraus (ele manca) e devo ir com ele. Deixo isto a quem encontrar, para usar como achar adequado. Pela manhã hei de estar morto e feliz. Acreditem.

• • •

Meu Deus, pensou ela, Koos me enganou.

Vassi estava do outro lado da porta, ela sentira sua carne com a mente e a abraçara. Mas Koos não tinha deixado ele entrar, apesar das ordens explícitas. De todos os homens, Vassi deveria ter acesso livre, Koos sabia disso. Mas a enganara, do modo como todos eles enganavam, exceto Vassi. Com ele (talvez) tenha sido amor.

Ela passava a noite inteira deitada na cama, sem dormir. Agora era bastante raro que dormisse por mais que alguns minutos; e apenas com Koos a observando. Ela havia se machucado durante o sono, mutilando-se sem perceber, acordou gritando, com agulhas brotando em cada membro, criadas por ela com a própria pele e músculos, como um cacto de carne.

Escureceu de novo, pensou ela, mas era difícil ter certeza. Nesse quarto com cortinas pesadas e iluminado apenas por uma lâmpada, era um dia perpétuo para os sentidos, uma noite perpétua para a alma. Ela ficava deitada, escaras nas costas, na bunda, escutando os sons distantes da rua, às vezes cochilando um pouco, às vezes comendo da mão de Koos, sendo lavada, sendo ajudada com as necessidades, sendo usada.

Uma chave girou na fechadura. Do colchão, ela aguçou os olhos para ver quem era. A porta estava se abrindo… abrindo… aberta.

Vassi. Meu Deus, Vassi, enfim pôde vê-lo cruzando o quarto em sua direção.

Que não seja outra memória, rogou, que desta vez seja ele, por favor: verdadeiro e real.

“Jacqueline.”

Dissera o nome de sua carne, o nome inteiro.

“Jacqueline.” *Era* ele.

Atrás dele, Koos olhava para o meio das pernas dela, fascinado pela dança de seus lábios.

“Koo…”, disse ela, tentando sorrir.

“Eu trouxe ele”, sorriu para ela, sem desviar o olhar de seu sexo.

“Um dia”, sussurrou ela. “Esperei um dia, Koos. Você me fez esperar —”

“O que é um dia para você?”, perguntou ele, ainda sorrindo.

Ela não precisava mais do cafetão, não que ele soubesse disso. Em sua inocência, ele achara que Vassi era apenas mais um homem que ela havia seduzido em seu percurso; a ser drenado e descartado como os outros. Koos acreditava que ele seria necessário um dia depois; por isso teve uma atuação tão rudimentar nesse jogo fatal.

“Tranque a porta”, sugeriu ela. “Fique, se quiser.”

“Ficar?”, disse ele com escárnio. “Quer dizer, observar?”

Ele já observava mesmo. Ela sabia que ele observava por aquele buraco que tinha feito na porta; às vezes podia ouvi-lo arfar. Mas desta vez deixou ele ficar para sempre.

Com cuidado, ele tirou a chave do lado de fora da porta, fechou-a, enfiou a chave e a trancou. Bem quando a porta estalou, ela o matou, antes que ele pudesse dar a volta e olhar para ela mais uma vez. Nada de espetacular na execução; ela apenas alcançou seu peito de pombo e esmagou seus pulmões. Ele caiu na porta e deslizou para baixo, esfregando o rosto na madeira.

Vassi sequer se virou para vê-lo morrer; ela era tudo o que ele queria olhar de novo.

Aproximou-se do colchão, agachado, e começou a destravar os tornozelos dela. A pele estava irritada, a corda encrustada de sangue seco. Ele desatou os nós de maneira metódica, encontrando uma calma que achava ter perdido, um contentamento simples em estar lá no fim, incapaz de voltar, e sabendo que o caminho em frente já estava fundo nela.

Quando os tornozelos foram liberados, ele começou a soltar os pulsos, interrompendo a visão que a mulher tinha do teto ao se curvar por cima do corpo. Sua voz era suave.

“Por que deixava ele fazer isso com você?”

“Sentia medo.”

“De quê?”

“De me mover; até mesmo de viver. Todo dia, aflição.”

“Sim.”

Entendia muito bem essa completa incapacidade de existir.

Ela o sentiu ao seu lado, despindo-se, em seguida dando um beijo na pele amarelada da barriga do corpo que ela ocupava. Estava marcado com as obras dela; a pele havia sido esticada além da tolerância e estava gravada de forma permanente com arranhões cruzados.

Deitou-se ao seu lado, e a sensação de seu corpo contra o dela não foi desagradável.

Ela tocou sua cabeça. As juntas estavam rígidas, os movimentos dolorosos, mas ela queria aproximar o rosto do seu. Ele se aproximou, sorridente ao vê-la, e trocaram beijos.

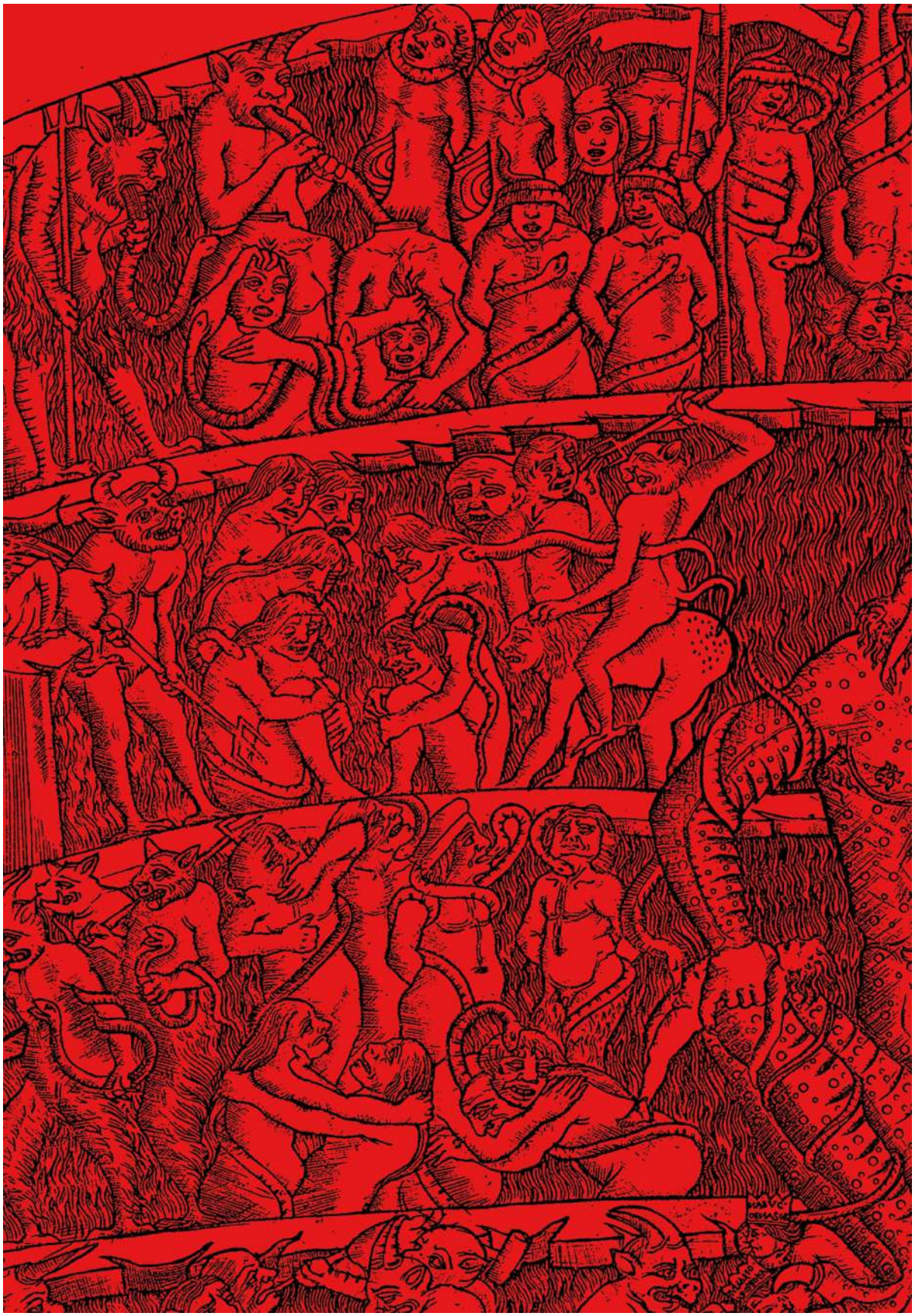
Meu Deus, pensou ela, estamos juntos.

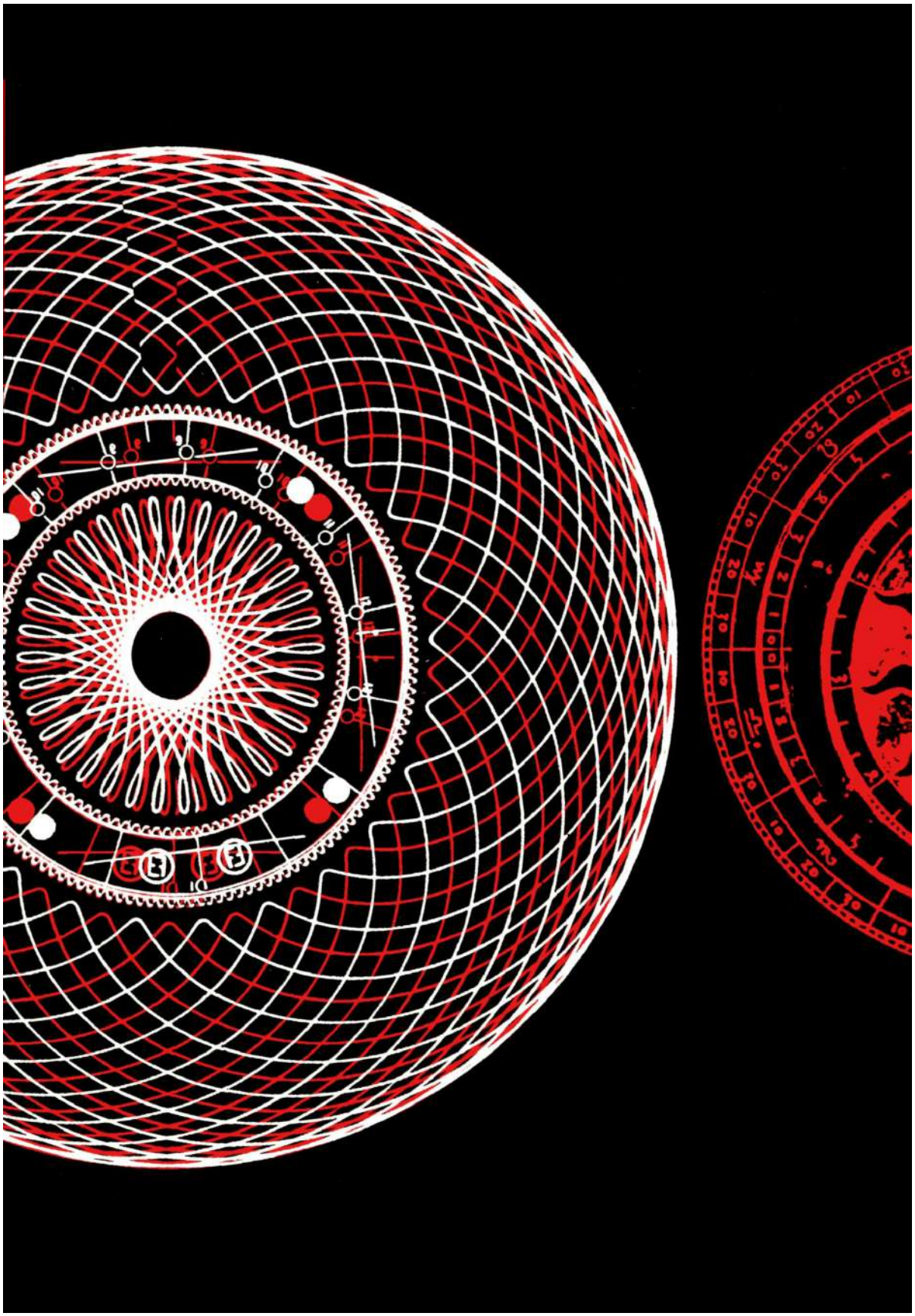
E pensando que estavam juntos, sua vontade se tornou carne. Sob seus lábios, os traços dela se dissolveram, tornando-se o mar vermelho com que

ela sonhara, e encharcando o rosto dele, que também se dissolvia: águas comuns, compostas de ossos e pensamentos.

Os peitos pontiagudos o espetaram como flechas; a ereção, afiada pelo pensamento dela, a matou, por sua vez, com uma única estocada. Emaranhados em um banho de amor, eles se pensaram extintos, e de fato estavam.

Do lado de fora, prosseguia o lamento deste mundo severo, o alarido de compradores e vendedores avançando noite adentro. Em algum momento a indiferença e a fadiga tomavam até mesmo o mais disposto dos mercadores. Do lado de dentro e de fora havia um silêncio regenerativo: um fim às perdas e aos ganhos.





Definir é limitar.
— Oscar Wilde —

AS PELES DOS PAIS

O carro tossiu, engasgou e morreu. Davidson de repente ficou ciente do vento na estrada deserta, quando uivou nas janelas de seu Mustang. Tentou reanimar o motor, mas ele recusou a vida. Exasperado, Davidson soltou as mãos suadas do volante e estudou o território. Por todos os lados, ar quente, rochas quentes, areia quente. Estava no Arizona.

Abriu a porta e saiu para a rodovia empoeirada e escaldante. Na frente e atrás, ela se estendia de forma inabalável ao horizonte pálido. Caso apertasse os olhos, ele podia discernir as montanhas, mas assim que tentava fixar o foco, elas eram devoradas pelo ar que estava embaçado de tão quente. O sol já estava queimando o topo de sua cabeça, onde o cabelo louro era mais fino. Abriu o capô do carro e examinou o motor sem esperanças, lamentando pela falta de conhecimento mecânico. Meu Deus, pensou, por que não produzem essas porcarias à prova de idiotas?

Então ouviu a música.

Estava tão distante que no começo soou como um assobio: porém depois ficou mais alto.

Era música, de algum tipo.

Como soava? Como o vento batendo nos fios telefônicos, uma onda de ar sem fonte, sem ritmo, sem coração, acertando os pelos de sua nuca e fazendo-os ficarem de pé. Tentou ignorá-la, mas ela não parava.

Ele olhou sob a sombra da capota para tentar encontrar os músicos, mas a estrada estava vazia em ambas as direções. Apenas ao verificar no deserto, ao sudeste, uma fileira de figuras minúsculas se tornou visível, andando, ou

saltitando, ou dançando no limite de sua visão, líquidas no calor que emanava da terra. A procissão, se essa era a verdadeira natureza do fenômeno, era longa, e atravessava o deserto que beirava a rodovia. Seus caminhos não se cruzariam.

Davidson voltou as vistas para as entranhas do veículo que resfriava e mais uma vez para a distante fileira de dançarinos.

Precisava de ajuda; sem dúvidas.

Começou a cruzar o deserto na direção deles.

Uma vez fora da rodovia, a poeira, sem o impacto da passagem de carros, ficava solta: ela voava em seu rosto a cada passo. O progresso era lento; iniciou um trote, mas eles estavam se afastando. Ele começou a correr.

Acima do trovão de seu sangue, agora a música ficava mais audível. Não havia melodia aparente, mas uma elevação e diminuição constante de diversos instrumentos; uivos e balbucios, assobios, percussões e rugidos.

A ponta da procissão agora havia desaparecido, captada à distância, mas os celebrantes (se é que eram isso) ainda seguiam com a farra. Ele mudou um pouco a direção, para cortar caminho, olhando brevemente por cima do ombro, para conferir o caminho de volta. Com um senso de solidão de revirar o estômago, entreviu o veículo, pequeno como um besouro na estrada atrás de si, debaixo de um céu escaldante.

Correu em frente. Com um quarto de hora, talvez, ele passou a ver a procissão com mais clareza, embora seus líderes estivessem muito longe das vistas. Era, começou a acreditar, uma espécie de festival, extraordinário, da forma como aparecia bem ali no meio de nada. Os últimos foliões do desfile estavam de fato bem paramentados, entretanto. Usavam cocares e máscaras que balançavam muito acima da altura humana — havia a agitação de penas multicoloridas, e serpentinas espiralando no ar atrás deles. Qualquer que fosse a razão da celebração, eles cambaleavam como bêbados, trotando em um momento, saltitando no outro, se retorcendo, alguns deles no chão, barrigas na areia quente.

Os pulmões de Davidson arderam de fadiga, e ficou claro que ele estava perdendo a perseguição. Tendo acelerado, a procissão agora se movia mais rápido do que a força ou a vontade que ele tinha de segui-la.

Ele parou, apoiando os braços nos joelhos para darem suporte ao torso dolorido, e olhou com a testa encharcada de suor para a salvação que desaparecia. Então, juntando toda a energia que poderia resgatar, gritou:

Parem!

A princípio não houve reação. Então, pelas fendas dos olhos, pensou ter visto uns dois foliões pararem. Endireitou-se. Sim, uns dois estavam procurando por ele. Sentia, mais do que via, os olhos sobre ele.

Começou a andar em sua direção.

Alguns dos instrumentos se silenciaram, como se a palavra de sua presença se espalhasse entre eles. Definitivamente tinham visto ele, não havia dúvida.

Ao seguir em frente, agora mais rápido, para fora do ar embaçado, os detalhes da procissão ficavam mais claros.

Seu passo ficou um pouco mais lento. O coração, já batendo forte com o esforço, estrondou no peito.

“Meu Jesus”, proferiu, e pela primeira vez em seus 36 anos sem Deus, as palavras eram uma verdadeira reza.

Parou a meio quilômetro deles, mas não tinha como se enganar quanto ao que via. Os olhos doloridos sabiam a diferença entre carne e papel machê, entre uma ilusão e uma realidade disforme.

As criaturas no final da procissão, os últimos dos últimos, os derradeiros, eram monstros cuja aparência empobrecia os pesadelos dos insanos.

Um deles tinha cerca de cinco ou seis metros. A pele, enrugada sobre o músculo, era um invólucro de estacas, a cabeça, um cone com dentes expostos, ordenados em gengivas escarlates. Outro possuía três asas, e seu rabo trifurcado batia na poeira com entusiasmo reptiliano. Um terceiro e um quarto estavam cruzando, em uma união de monstruosidades cujo resultado era mais repugnante que a soma das partes. Em meio ao comprimento e largura, esse horror simbiótico estava atado na união encharcada, os membros enfiados dentro e através da carne de seus parceiros. Embora as línguas das cabeças estivessem unidas, produziam um uivo cacofônico.

Davidson deu um passo para trás, e olhou em volta para o carro e a rodovia. Ao fazer isso, uma das criaturas, preta e vermelha, começou a gritar e o som era semelhante ao de um apito. Embora a meio quilômetro de distância, o barulho penetrou a cabeça de Davidson. Ele olhou de volta para a procissão.

O monstro sibilante havia deixado seu lugar no desfile, e as patas com garras começaram a bater no deserto e correr em sua direção. Davidson foi tomado por um pânico incontrolável, e sentiu as entranhas falharem e as calças se encherem.

A criatura corria até ele com a velocidade de um guepardo, crescendo a cada segundo, de modo que a cada passo ele podia ver mais detalhes de sua bizarra anatomia. As mãos sem polegares, com as palmas denteadas, a cabeça que portava apenas um olho tricolor, o tendão do ombro e do peito, mesmo os genitais eretos de raiva, ou (Deus me livre) luxúria, com duas pontas e batendo no abdômen.

Davidson esganiçou um ganido quase igual ao barulho do monstro, e fugiu pelo caminho de onde viera.

O carro estava a uns dois quilômetros de distância, e ele sabia que não ofereceria nenhuma proteção se chegasse lá antes que o monstro o alcançasse. Naquele momento percebeu como a morte estava próxima, como sempre estivera, e ansiou por um momento de compreensão desse horror idiota.

Já estava perto, atrás dele, quando as pernas meladas de merda se curvaram e ele caiu e rastejou, e se arrastou na direção do carro. Ao ouvir o barulho dos pés da criatura às suas costas, o instinto fez com que ele se encolhesse em uma bola de carne lamentosa, e esperou o golpe de misericórdia.

Esperou duas batidas do coração.

Três. Quatro. Mas não veio.

A voz sibilante havia aumentado a um tom insuportável, e agora baixava um pouco. As palmas cerradas não se enfiaram em seu corpo. Com precaução, esperando que sua cabeça fosse arrancada do pescoço a qualquer momento, ele espiou por entre os dedos.

A criatura havia passado dele.

Talvez com desprezo de sua fragilidade, passara por cima dele em direção à estrada.

Davidson sentiu o cheiro do excremento, e do medo. Sentiu-se curiosamente ignorado. Atrás dele a caravana havia seguido em frente. Apenas um ou dois monstros inquisitivos ainda olhavam por cima dos ombros em sua direção, ao se afastarem na poeira.

O assobio agora mudava de tom. Com cuidado, Davidson ergueu a cabeça do nível do chão. O barulho estava quase fora de seu alcance auditivo, apenas um lamento estridente no fundo da cabeça dolorida.

Levantou-se.

A criatura havia saltado em cima do carro. A cabeça pendeu para trás em uma espécie de êxtase, a ereção mais firme que nunca, o olho brilhando na cabeça gigantesca. Com um aumento final da voz, que obliterava a agudeza

da audição humana, curvou-se sobre o carro, destroçando o para-brisa e retorcendo no teto suas patas com bocas. Então começou a rasgar o aço para trás como se fosse papel, o corpo torcido de alegria, a cabeça balançando. Assim que o teto foi rasgado, saltou na estrada e jogou o metal para cima. O carro se virou no ar e caiu no chão do deserto. Davidson se perguntou, por um breve momento, o que poderia colocar no formulário do seguro. Agora a criatura estava dividindo o veículo ao meio. As portas foram jogadas para longe. O motor foi arrancado. As rodas cortadas e puxadas dos eixos.

As narinas de Davidson sentiram o inconfundível fedor de gasolina. Mal percebeu o cheiro, e um fragmento de metal se chocou contra o outro e a criatura e o carro foram envoltos por uma ondulante coluna de fogo, escurecendo em uma fumaça que se arredondava na rodovia.

A criatura não gritou: se fez isso, suas agonias estavam além da audição. Ela cambaleou para fora do inferno com a carne em chamas, cada centímetro do corpo aceso; os braços chacoalhavam com selvageria na tentativa inútil de apagar o fogo, e ela começou a percorrer a rodovia, fugindo da fonte da agonia através das montanhas. As chamas brotaram em suas costas e o ar foi tingido com o cheiro de carne assada.

Mas ela não caiu, embora as chamas a devorassem. A corrida prosseguiu de maneira interminável, até o calor dissolver a rodovia na distância azulada e ela desaparecer.

Davidson caiu de joelhos. A merda nas pernas já havia secado com o calor. O carro continuava a queimar. A música havia desaparecido por completo, assim como a procissão.

Foi o sol que o levou daquela poeira de volta para o carro destruído.

Estava pasmo, quando o veículo seguinte na rodovia parou para lhe dar carona.

• • •

O xerife Josh Packard observou com descrença as pegadas de garras no chão diante de seus pés. Estavam marcadas com uma gordura que se solidificava devagar, a carne líquida do monstro que havia percorrido a rua principal (a única rua) de Welcome minutos antes. Havia desabado, dado o último suspiro e morrido, encolhendo-se em uma bola à distância de três caminhões do banco. As atividades comuns de Welcome, o comércio, os debates, as dúvidas sobre instruções, haviam parado. Uns dois indivíduos nauseados

foram recebidos no saguão do Hotel, enquanto o cheiro de fricassê de carne engrossava o agradável ar deserto da cidade.

O fedor era algo entre o cheiro de peixe queimado e o de exumação, e incomodava Packard. Era sua cidade, vigiada por ele, protegida por ele. A intrusão dessa bola de fogo não foi vista com gentileza.

Packard empunhou a arma e começou a andar em direção ao cadáver. As chamas, quase apagadas agora, tendo devorado o melhor da refeição. Mesmo tão deteriorado pelo fogo, era um corpanzil e tanto. O que poderia ter sido os membros encobria o que poderia ter sido a cabeça. O resto estava além do reconhecimento. No todo, Packard ficou contente com essa pequena mercê. Mas em meio à confusão do mausoléu de carne tostada e osso escurecido, pôde discernir formas inumanas que aceleraram seu pulso.

Era um monstro: não havia dúvidas.

Uma criatura da terra: de fora da terra, na verdade. Subiu pelo mundo subterrâneo a caminho do grande vale para uma noite de celebração. Uma vez a cada geração, mais ou menos, contara-lhe o pai, o deserto expelia os seus demônios e os deixava à solta por um tempo. Sendo uma criança que pensava por si, Packard jamais acreditara nas baboseiras que o pai falava, mas esse não seria um desses demônios?

Qualquer que tenha sido o acaso infeliz que levara essa monstruosidade em chamas a morrer em sua cidade, a prova de sua vulnerabilidade agradou a Packard. Seu pai jamais mencionara essa possibilidade.

Com um sorriso discreto ao pensar em controlar a criatura nefasta, Packard andou até o cadáver fumegante e o chutou. A multidão, ainda se demorando na segurança das portas, arrulhou com admiração por sua bravura. O sorriso discreto se espalhou por seu rosto. O próprio chute lhe renderia uma noitada de bebidas, talvez até mesmo uma mulher.

A coisa estava de barriga para cima. Com o olhar desapaixonado de um chutador de demônios profissional, Packard escrutinou o emaranhado de membros sobre a cabeça. Estava mortinho da silva, isso era óbvio. Embainhou a arma e se curvou diante do corpo.

“Traz uma câmera pra cá, Jebediah”, ordenou, impressionando até ele próprio.

O ajudante correu para a delegacia.

“Precisamos tirar uma foto desta beleza”, declarou.

Packard se agachou e esticou o braço para os membros queimados da criatura. As luvas se arruinariam, mas a inconveniência valeria a pena, por

conta do bem que tal gesto faria à sua imagem pública. Quase podia sentir os olhares admiradores, quando tocou a carne e começou a separar um membro da cabeça do monstro.

O fogo havia fundido as partes, e ele precisou arrancar o membro. Ele saiu com um som gelatinoso, revelando na parte de baixo o olho murcho pelo calor.

Ele soltou o membro de volta na cabeça, com um olhar de nojo.

Uma batida.

Então o braço do demônio serpenteou — de repente — muito de repente para Packard se mover e, em um sublime momento de terror, o xerife viu a boca se abrir na sola da pata dianteira e se fechar ao redor de sua mão.

Com um gemido, ele perdeu o equilíbrio e se sentou na gordura, puxando a mão da boca, enquanto a luva era mastigada, e os dentes se conectavam com a mão, cortando fora os dedos enquanto a bocarra áspera levava digitais e sangue e os tampos para a barriga.

A bunda de Packard escorregou na gosma abaixo dele e ele se contorceu, agora uivando, para se soltar. Aquilo ainda tinha vida, aquela criatura do mundo subterrâneo. Packard implorou por piedade enquanto cambaleava para ficar de pé, puxando o sórdido corpo da criatura para cima do chão ao fazer isso.

Um tiro ressoou, próximo ao ouvido de Packard. Fluidos, sangue e pus espirraram nele quando o ombro que sustentava aquela pata se espatifou, e a boca soltou Packard. Os restos da massa de músculo devorador caíram no chão, e a mão de Packard, ou o que restava dela, reencontrou o ar livre. Não restava mais nenhum dedo na mão direita, e nem metade do polegar; os ossos estraçalhados dos dígitos se projetavam de modo bizarro na palma um pouco mastigada.

Eleanor Kooker soltou o tambor da espingarda que acabara de disparar e grunhiu com satisfação.

“Você perdeu a mão”, sentenciou com uma simplicidade brutal.

Monstros, Packard se lembrou da fala do pai, nunca morrem. Lembrara-se tarde demais, e agora havia sacrificado a mão, a mão da bebedeira, do sexo. Uma onda de nostalgia pelos anos perdidos com aqueles dedos o perpassou, enquanto pontos irrompiam na escuridão diante de seus olhos. A última coisa que ele viu, quando um desmaio completo o levava ao chão, foi o diligente ajudante erguendo uma câmera para registrar tudo aquilo.

• • •

O barraco nos fundos da casa era o refúgio de Lucy, e sempre fora. Quando Eugene voltava bêbado de Welcome ou uma fúria súbita o tomava porque o ensopado estava frio, Lucy se retirava para o barraco onde podia chorar em paz. Não havia piedade na vida de Lucy. Nenhuma de Eugene, com certeza, e pouquíssimo tempo para ela sentir pena de si mesma.

Hoje, a velha fonte de irritação deixou Eugene com raiva:

O filho.

O fruto de seu amor gerado e cultivado com cuidado: batizado com o nome do irmão de Moisés, Aaron, que significava "o exaltado". Um doce garoto. O mais bonito em todo o território; 5 anos de idade e já era tão charmoso e educado que qualquer mãe da Costa Leste gostaria de criá-lo.

Aaron.

O tesouro de Lucy, uma criança que poderia estourar bolhas de sabão em um livro ilustrado, ou dançar, ou encantar o próprio Diabo.

Essa era a objeção de Eugene.

"A porra dessa criança é um menino tanto quanto você", disse a Lucy. "Ele não vale metade de um menino. Só serve para calçar sapatos afrescalhados e vender perfumes. Ou como pastor, ele serve para ser pastor."

Ele apontou a mão, com o polegar torto e unhas roídas, na direção do garoto.

"Você é uma vergonha para o seu pai."

Aaron encontrou o olhar do pai.

"Está me ouvindo, garoto?"

Eugene desviou a visão. Os olhos grandes do garoto faziam sua barriga doer, mais pareciam olhos de cachorro do que de qualquer ser humano.

"Quero ele fora desta casa."

"O que ele fez?"

"Não precisa fazer nada. Já basta o jeito dele. Eles riem de mim, sabia? Riem de mim por causa dele."

"Ninguém ri de você, Eugene."

"Ah, ri sim —"

"Não por causa do garoto."

"Hã?"

"Se eles riem, não riem do garoto. Eles riem de você."

"Cala a boca."

“Eles sabem o que você é, Eugene. Enxergam você com clareza, com a clareza que eu enxergo.”

“Estou falando, mulher —”

“Doente como um cachorro de rua, falando do que viu e do que tem medo —”

Ele bateu nela, como já havia feito várias vezes antes. A pancada tirou sangue, assim como as pancadas similares durante esses cinco anos, mas, apesar de ficar tonta, os primeiros pensamentos dela foram no garoto.

“Aaron”, disse ela, por entre as lágrimas da dor. “Vem comigo.”

“Deixa esse desgraçado quieto.” Eugene estava tremendo.

“Aaron.”

A criança ficou entre o pai e a mãe, sem saber a quem obedecer. O olhar de confusão no rosto deixava as lágrimas de Lucy mais copiosas.

“Mamãe”, disse a criança, bem baixinho. Tinha um olhar grave nos olhos, que ia além da confusão. Antes que Lucy pudesse encontrar a maneira de esfriar aquela situação, Eugene segurou os cabelos do garoto e o puxou para si.

“Escuta seu pai, garoto.”

“Sim —”

“Sim, senhor, dizemos ao pai, não é? Dizemos, sim, senhor.”

O rosto de Aaron foi puxado para a virilha fedorenta dos jeans do pai.

“Sim, senhor.”

“Ele vai ficar comigo, mulher. Você não vai levar ele para aquela merda de barraco mais uma vez. Ele vai ficar com o pai.”

A escaramuça era perdida e Lucy sabia disso. Se pressionasse um pouco mais, apenas colocaria a criança em risco.

“Se você machucar —”

“Sou o pai dele, mulher”, sorriu Eugene. “Quer dizer que você acha que eu machucaria meu próprio sangue?”

O garoto estava preso à cintura do pai em uma posição que por pouco não era obscena. Mas Lucy conhecia o marido: ele estava a ponto de estourar e perder o controle por completo. Não se importava mais consigo própria — tivera suas alegrias —, mas o garoto era muito vulnerável.

“Mulher, por que não sai logo de nossa frente? Eu e o garoto queremos ficar sozinhos, não é?”

Eugene tirou o rosto do garoto da virilha e encarou com esgar o rosto pálido.

“Não é?”

“Sim, Papai.”

“Sim, Papai. Sim, é mesmo, Papai.”

Lucy saiu da casa e se retirou para a escuridão fria do barraco, onde rezou por Aaron, batizado com o nome do irmão de Moisés. Aaron, cujo nome significava “o exaltado”; perguntou-se como ele poderia sobreviver às brutalidades que o futuro haveria de provir.

O garoto agora estava despido. Estava branco na frente do pai. Não tinha medo. A surra que levaria seria dolorosa, mas isso não era medo de verdade.

“Você é um doente, rapaz”, afirmou Eugene, passando a mão enorme no abdômen do filho. “Fraco e doente como um porco pequeno. Se eu fosse um fazendeiro, e você um porco, garoto, sabe o que eu ia fazer?”

Mais uma vez, pegou o garoto pelo cabelo. A outra mão, entre as pernas.

“Sabe o que eu ia fazer, garoto?”

“Não, Papai. O que você ia fazer?”

A mão ranhada subiu pelo corpo de Aaron enquanto o pai fazia um barulho de corte.

“Oras, eu te cortaria todo e dava de comer para o resto da ninhada. Não tem nada que um porco goste mais de comer do que carne de porco. Você ia gostar?”

“Não, Papai.”

“Não ia gostar?”

“Não, obrigado, Papai.”

O rosto de Eugene endureceu.

“Bem, eu ia gostar de ver isso, Aaron. Queria ver o que você ia fazer se eu te abrisse para ver o que tem dentro.”

Havia uma nova violência nas brincadeiras do pai que Aaron não conseguia entender: novas ameaças, nova intimidação. Por mais desconfortável que estivesse, o garoto sabia que o medo real não era sentido por ele, mas pelo pai; o medo era o direito de nascença de Eugene, assim como o direito de Aaron era observar, e esperar, e sofrer, até que chegasse o momento. Ele sabia (mesmo sem entender a razão) que seria instrumento da destruição do pai. Talvez mais que um instrumento.

A raiva irrompeu em Eugene. Ele encarou o garoto, os punhos morenos tão cerrados que as falanges embranqueciam. O garoto de algum modo era sua ruína; tinha matado a vida boa que levavam antes de ele nascer, como se

tivesse matado os pais a tiros. Quase sem pensar no que fazia, as mãos de Eugene se fecharam em volta do frágil pescoço do garoto.

Aaron não emitiu nenhum som.

“Eu podia te matar, garoto.”

“Sim, senhor.”

“E o que você diz sobre disso?”

“Nada, senhor.”

“Deveria dizer obrigado, senhor”

“Por quê?”

“Por quê? Porque sua vida não vale o que um porco caga, e eu estaria te fazendo um serviço por amor, como um pai deve fazer ao filho.”

“Sim, senhor.”

• • •

No barraco atrás da casa, Lucy havia parado de chorar. Não havia propósito nisso; e, além do mais, algo que ela podia ver no céu, pelos rombos no teto, lhe trouxera memórias que secaram suas lágrimas. Um certo céu: puro azul, reluzente. Eugene não machucaria o garoto. Não ousaria, jamais ousaria machucar aquela criança. Ele sabia o que o garoto era, embora jamais admitisse.

Ela se lembrava do dia, agora há seis anos, quando o céu reluzia como hoje, e o ar estava lívido com o calor. Eugene e ela estavam tão quentes quanto o ar, não tiraram os olhos um do outro durante o dia inteiro. Ele era mais forte na época: no auge. Um homem soberbo, esplêndido, o corpo pesado com o trabalho, e pernas tão duras que pareciam pedras, quando ela passava as mãos. Ela mesma era muito bonita; o melhor traseiro de Welcome, firme e suave; uma divisão de pelos tão macios que Eugene não parava de beijá-la, bem ali, no lugar secreto. Ele lhe dava prazer o dia inteiro e, às vezes, a noite inteira; na casa que estavam construindo, ou na areia, durante o fim da tarde. O deserto servia como uma ótima cama, e eles podiam se deitar sem interrupções debaixo do vasto céu.

Naquele dia, há seis anos, o céu havia escurecido cedo demais; muito antes do horário da noite. Pareceu enoitecer em um instante, e os amantes de repente sentiram frio, em sua nudez apressada. Ela viu, por cima do ombro dele, as formas que o céu tinha assumido: as criaturas vastas e monumentais que os observavam. Ele, em sua paixão, ainda continuava nela, enfiava até o talo e tirava tudo, como sabia que ela sentia prazer, até que aquela mão de cor

de beterraba e do tamanho de um homem pinçou o pescoço dele e o arrancou do ventre da mulher. Ela o observou sendo içado para o céu como uma lebre se contorcendo, cuspindo de duas bocas, Norte e Sul, ao terminar no ar as metidas. Então seus olhos se abriram por um momento, e ele viu a esposa a seis metros abaixo dele, ainda nua, ainda com as pernas arregaçadas como uma borboleta, com monstros por todos os lados. Casualmente, sem maldade, eles o lançaram para longe, para fora do círculo de admiração, e das vistas dela.

Ela se lembrava muito bem da hora que se seguiu, dos abraços dos monstros. De modo algum aquilo foi imundo, ou nojento, ou violento, nada menos que amoroso. Mesmo as maquinarias da reprodução com que a perfuraram, um após o outro, não eram dolorosas, embora algumas fossem grandes como o braço fechado de Eugene e dura s como ossos. Quantos desses estranhos a possuíram naquela tarde — três, quatro, cinco? Misturando o sêmen no corpo dela, com todo o carinho lhe causando alegria, com suas metidas pacientes. Quando foram embora, e sua pele foi tocada pelo sol de novo, ela teve, embora após refletir parecesse vergonhoso, uma sensação de perda; como se o zênite de sua vida tivesse passado, e o resto dos dias fosse um frio trajeto até a morte.

Por fim, se levantou e andou até o local na areia onde Eugene estava deitado inconsciente, com uma das pernas quebradas pela queda. Ela o beijou e então agachou para urinar. Esperava, e era mesmo esperança, que houvesse frutos da semente daquele dia de amor, e que isso servisse de lembrança da sua alegria.

• • •

Na casa, Eugene batia no garoto. O nariz de Aaron sangrava, mas ele não emitia nenhum ruído.

“Fale, moleque.”

“É para falar o quê?”

“Sou ou não o seu pai?”

“Sim, pai.”

“Mentiroso!”

Bateu de novo, sem aviso; dessa vez a pancada derrubou Aaron no chão. Com as palmas pequenas e sem calos esticadas sobre os azulejos da cozinha para se levantar, ele sentiu algo no chão. Havia uma música no solo.

“Mentiroso!”, seu pai ainda estava dizendo.

Haveria mais pancadas a vir, pensou o garoto, mais dor, mais sangue. Mas era suportável; e a música era uma promessa, após uma longa espera, do fim das pancadas de uma vez por todas.

• • •

Davidson cambaleou para a rua principal de Welcome. Era o meio da tarde, achava (seu relógio havia parado, talvez por solidariedade), mas a cidade parecia vazia, até que seu olho avistou a massa escura e fumegante no meio da rua, a cem metros de onde ele estava.

Se fosse possível, seu sangue teria esfriado com a visão.

Reconheceu aquele monte de carne queimada, apesar da distância, e ficou tonto de horror. Era tudo real, afinal. Cambaleou mais alguns passos, enfrentando a tontura e perdendo, até perceber que foi apoiado por braços fortes, e ouvir, em meio a um alvoroço de barulhos na cabeça, palavras reconfortantes. Não faziam sentido, mas ao menos eram doces e humanas: podia deixar pra lá qualquer fingimento de consciência. Desmaiou, mas pareceu ter passado apenas um instante de trégua, antes que o mundo voltasse à vista, odioso como nunca.

Havia sido carregado para dentro de casa e estava deitado em um sofá desconfortável, com um rosto feminino, o de Eleanor Kooker, olhando para ele. A mulher ficou radiante quando ele voltou a si.

“O homem vai sobreviver”, afirmou, a voz como um repolho no ralador.

Ela se inclinou mais para a frente.

“Você viu a criatura, não é?”

Davidson acenou com a cabeça.

“Melhor contar para gente a verdade nua e crua.”

Um copo foi colocado na mão dele e Eleanor o encheu generosamente com uísque.

“Beba”, ordenou, “e depois conta o que você tem que contar —”

Ele matou o uísque com dois goles, e o copo logo foi enchido de novo. Ele bebeu o segundo copo mais devagar, e começou a se sentir melhor.

O cômodo estava abarrotado de gente: era como se toda a população de Welcome estivesse se apertando na sala de estar de Kooker. Uma audiência e tanto: mas também era uma história e tanto. Tranquilizado pelo uísque, ele começou a contá-la da melhor maneira possível, sem floreios, apenas deixando as palavras fluírem. Em retorno, Eleanor descreveu as circunstâncias do “acidente” do xerife Packard com o cadáver do destruidor

de carros. Packard estava na sala, parecendo pior por causa de uísques e analgésicos para aliviar a dor, a mão mutilada tão enrolada que mais parecia um bastão do que um membro.

“Não é apenas o demônio lá fora”, observou Packard, quando as histórias terminaram.

“Se você diz”, disse Eleanor, os olhos ligeiros nada convencidos.

“Meu pai dizia isso”, recomeçou Packard, encarando a mão enfaixada. “E acredito nisso como no Inferno, tenho certeza.”

“Então é melhor fazer algo.”

“Como o quê?”, indagou um indivíduo de aspecto desagradável, recostado na lareira. “O que dá para fazer com bichos que comem automóveis?”

Eleanor se endireitou e deu um olhar de escárnio perfurante no perguntador.

“Bem, vamos conceder para você o benefício de sua sabedoria, Lou”, sentenciou. “O que *você* acha que devemos fazer?”

“Acho que devemos ficar quietos e deixar eles passarem.”

“Não sou uma avestruz”, replicou Eleanor, “mas se você quiser enterrar a cabeça, eu te empresto uma pá, Lou. Posso até cavar o buraco para você.”

Gargalhadas gerais. O cínico, incomodado, ficou em silêncio e começou a futucar nas unhas.

“Não podemos ficar aqui parados e deixar eles passarem por cima de tudo”, afirmou o delegado de Packard, estourando bolas de chiclete.

“Eles estavam indo na direção das montanhas”, declarou Davidson. “Para longe de Welcome.”

“E o que vai fazer eles pararem com essa porra?”, opôs-se Eleanor. “Então?”

Sem respostas. Alguns acenos, uns movimentos de cabeça.

“Jebediah”, disse, “você é o delegado — o que acha disso?”

O jovem com distintivo e o chiclete ruborizou um pouco e puxou o bigode fino. Era óbvio que não tinha ideia.

“Já posso até ver tudo”, devolveu a mulher, antes que ele pudesse responder. “Está claro como água. Vocês estão todos se borrando de medo de cutucar os demonhos para fora da toca, não é?”

Murmúrios de justificação em volta da sala, mais acenos de cabeça.

“O plano de vocês é ficar aqui sentados e deixar as mulheres serem devoradas.”

Bela palavra: devoradas. Muito mais emotiva do que comidas. Eleanor fez uma pausa, para causar efeito. Então disse de maneira quase sinistra: “ou pior”.

Pior que devoradas? Nossa Senhora, o que era pior que ser devorada?

“Vocês não serão tocadas por demonhos”, garantiu Packard, levantando do assento com dificuldade. Ele ondulou de pé, ao se dirigir à sala.

“Vamos linchar todos esses comedores de merda.”

Esse empolgante grito de batalha não deixou os homens na sala tão empolgados; a credibilidade do xerife estava baixa desde o encontro na Rua Principal.

“A discrição é um grande valor”, murmurou Davidson, baixinho.

“Mas que grande merda”, exclamou Eleanor.

Davidson deu de ombros e terminou o uísque do copo. Ele não foi enchido de novo. Refletiu de forma lamentosa que deveria agradecer por ainda estar vivo. Mas seu cronograma de trabalho estava arruinado. Precisava arranjar um telefone e alugar um carro; se necessário, contratar alguém para dirigir até lá e buscar ele. Os “demonhos”, o que quer que fossem, não eram problema seu. Talvez se interessasse em ler algumas colunas a respeito na *Newsweek*, quando voltasse ao Leste e relaxasse com Barbara; mas agora tudo o que desejava era fechar seus negócios no Arizona e voltar para casa o quanto antes.

Packard, no entanto, tinha outros planos.

“Você é uma testemunha”, disse, apontando para Davidson, “e como xerife desta comunidade, ordeno que permaneça em Welcome até que responda de forma satisfatória a todas as minhas perguntas.”

A linguagem formal soou estranha em sua boca suja.

“Tenho negócios —”, começou Davidson.

“Então mande um telegrama e cancele esses negócios, Sr. Davidson, o Chique.”

O homem estava ganhando uns pontos às suas custas, Davidson sabia, reforçando a reputação estilhaçada ao disparar a esmo contra o cara do Leste. Mesmo assim, Packard era a lei: Davidson não podia fazer nada. Assentiu com um aceno, com o máximo de graça possível. Teria tempo de apresentar uma reivindicação formal contra esse Mussolini caipira quando estivesse em casa, são e salvo. Por ora, melhor mandar um telegrama e deixar os negócios em suspenso.

“E qual vai ser o plano?”, perguntou Eleanor a Packard.

O xerife esvaziou o ar das bochechas reluzentes de bebida.

“Vamos lidar com os demonhos”, respondeu.

“Como?”

“Armas, mulher.”

“Você vai precisar de mais do que armas, se as criaturas forem mesmo tão grandes como ele diz —”

“Elas são —”, afirmou Davidson, “pode acreditar que sim.”

Packard deu um olhar de escárnio.

“Vamos levar a porra do arsenal inteiro”, afirmou, balançando o polegar remanescente para Jebediah. “Vai lá pegar a artilharia pesada, garoto. Os troços antitanque. Bazucas.”

Espanto geral.

“Você tem bazucas?”, perguntou Lou, o cínico de lareira.

Packard deu um sorriso malicioso.

“Troços militares”, respondeu, “que sobraram da Guerra.”

Davidson suspirou por dentro. O homem era um psicótico, com seu pequeno arsenal de armas antiquadas, sem dúvida mais letais ao usuário que à vítima. Todos iriam morrer. Que Deus lhe ajudasse, pois todos iriam morrer.

“Você pode ter perdido os dedos”, disse Eleanor Kooker, encantada com essa exibição de bravata, “mas é o único homem nesta sala, Josh Packard.”

Packard ficou radiante e coçou a virilha sem perceber. Davidson não podia mais suportar a atmosfera de machismo barato naquela sala.

“Olha”, falou. “Já te contei tudo o que eu sei. Por que apenas não deixa seu pessoal lidar com isso?”

“Você não vai embora daqui”, disse Packard, “se é por isso que está torcendo.”

“Eu só estava dizendo —”

“Entendemos o que você está dizendo, filho, e eu não estou dando ouvidos. Caso encontre você levantando as calças para ir embora, vou te suspender pelos colhões. Se é que tem algum.”

O desgraçado tentaria mesmo, pensou Davidson, mesmo tendo apenas uma única mão para fazer isso. Só vai no ritmo, disse a si mesmo, tentando fazer parar o tique no lábio. Se Packard saísse para procurar os monstros e a porra da bazuca desse um tiro pela culatra, era da conta dele. Que seja.

“Há toda uma tribo deles”, apontou Lou em voz baixa. “De acordo com esse homem. Então como vamos dar conta de tantos?”

“Estratégia”, declarou Packard.

“Não conhecemos as posições.”

“Vigilância”, replicou Packard.

“Isso podia arrombar com a gente de verdade, xerife”, observou Jebediah, limpando uma bola de chiclete que estourou no bigode.

“Este território é nosso”, afirmou Eleanor. “Nós possuímos: nós cuidamos.”

Jebediah acenou.

“Sim, senhora”, disse ele.

“E se eles tiverem apenas desaparecido? E se a gente não encontrar mais?”, defendia Lou. “Por que a gente apenas não deixa eles sumirem na terra?”

“Certo”, disse Packard. “Então vamos ficar esperando eles saírem de novo para devorar as mulheres.”

“Talvez não queiram machucar ninguém —”, respondeu Lou.

A réplica de Packard foi levantar a mão enfaixada.

“Eles me machucaram.”

Isso era incontestável.

Packard continuou, a voz rouca de fúria.

“Merda, quero tanto descontar, que vou lá com ou sem ajuda. Mas vamos ter que pensar melhor que eles, manobrar, para que ninguém se machuque.”

O homem falou algo com sentido, pensou Davidson. Na verdade, toda a sala pareceu impressionada. Murmúrios de aprovação em toda volta; mesmo da lareira.

Packard rodeou o delegado de novo.

“Mova esse traseiro, filho. Quero que chame o desgraçado do Crumb no Plantão e traga os garotos dele para cá com a merda de todas as armas e granadas que encontrarem. E se ele perguntar o motivo, diga que o xerife Packard está declarando Estado de Emergência, e que estou requisitando a arma de cada imbecil em um raio de 80 quilômetros, e o homem que esteja ao lado dela. Vamos logo, filho.”

Agora a sala com certeza estava brilhando de admiração, e Packard sabia disso.

“Vamos detonar com aqueles filhos da puta”, disse.

Por um momento, essa retórica pareceu operar sua mágica em Davidson, e ele quase acreditou que pudesse ser possível; então se lembrou dos detalhes da procissão, rabos, dentes e tudo, e a bravata naufragou sem deixar rastros.

• • •

Eles subiram até a casa em silêncio, sem pretender chegar de surpresa, apenas com passos tão suaves que ninguém escutou.

Do lado de dentro, a raiva de Eugene havia diminuído. Ele estava sentado com as pernas na mesa, uma garrafa vazia de uísque em sua frente. O silêncio no cômodo era tão pesado que sufocava.

Aaron, com o rosto inchado das pancadas do pai, estava sentado ao lado da janela. Não precisou olhar para cima para vê-los atravessar a areia em direção à casa, a aproximação ressoava nas suas veias. Seu rosto machucado quis se iluminar com um sorriso de boas-vindas, mas ele reprimiu o instinto e só esperou, mergulhado na resignação da surra, até que eles estivessem quase em cima da casa. Apenas quando os corpos massivos bloquearam a luz do sol pela janela, ele se levantou. O movimento do garoto despertou Eugene de seu transe.

“O que foi, garoto?”

A criança havia recuado da janela, e estava de pé no meio da sala, chorando baixo com a antecipação. As mãos minúsculas estavam esticadas como raios de sol, os dedos tremendo e tendo espasmos de excitação.

“Qual o problema com a janela, garoto?”

Aaron ouviu uma das vozes do verdadeiro pai eclipsar os resmungos de Eugene. Como um cão ansioso para cumprimentar o dono depois de uma longa separação, o garoto correu até a porta e tentou abri-la. Estava trancada e aferrolhada.

“Que barulho é esse, garoto?”

Eugene empurrou o filho de lado e se atrapalhou com a chave na tranca, enquanto o pai de Aaron chamava o filho do outro lado da porta. Sua voz soava como um córrego d’água, com um contraponto por suspiros doces e sibilados. Era uma voz ansiosa, uma voz amorosa.

Eugene pareceu entender de vez. Segurou o cabelo do garoto e o afastou da porta.

Aaron guinchou de dor.

“Papai!”, gritou.

Eugene achou que o grito fosse dirigido a ele, mas o verdadeiro pai de Aaron também escutou a voz do garoto. Seu chamado em resposta foi pontuado por perfurantes notas de preocupação.

Do lado de fora da casa, Lucy havia escutado a troca de vozes. Ela saiu da proteção do barraco, sabendo o que veria no céu reluzente, mas não menos tonta pelas criaturas monumentais que se reuniam em todos os lados da casa. Uma angústia a percorreu, lembrando-a das alegrias perdidas daquele dia, seis anos antes. Estavam todas presentes, as criaturas inesquecíveis, uma incrível seleção de formas —

Cabeças piramidais em torsos de coloração rosada com proporção clássica, coberta por borlas cambiantes de carne franjada. Uma beleza prateada sem cabeça cujos seis braços de cor de madrepérolas brotavam no círculo em volta da boca ronronante e pulsante. Uma criatura parecida com a onda de um rio rápido, constante, mas em movimento, emitindo um tom doce e regular. Criaturas demasiado fantásticas para serem reais, demasiado reais para serem desacreditadas; anjos das lareiras e soleiras. Uma delas tinha uma cabeça que se movia para frente e para trás no pescoço tão fino quanto uma teia, quanto um insólito cata-vento, azul como o céu do começo da noite, e equipado com uma dúzia de olhos que eram como sóis. Outro pai, com um corpo de leque, abria-se e fechava-se em sua excitação, a carne laranja assumindo um rubor mais escuro quando a voz do garoto foi ouvida de novo.

“Papai!”

Diante da porta da casa estava a criatura de quem Lucy lembrava com mais afeição; a que primeiro a tocara, primeiro a acalmara dos medos, primeiro a penetrara, com infinita gentileza. Ele tinha mais ou menos seis metros de altura quando ficava completamente ereto. Agora estava curvado diante da porta, a cabeça forte e careca, como a de um pássaro pintado por um esquizofrênico, curvada perto da casa, como se ele conversasse com uma criança. Estava nu, e as costas largas e escuras suavam enquanto se agachava.

Dentro da casa, Eugene mantinha o garoto perto dele, como um escudo.

“Do que você sabe, garoto?”

“Papai?”

“Perguntei do que você sabe.”

“*Papai?*”

Havia júbilo na voz de Aaron. A espera havia terminado.

A frente da casa foi destroçada para dentro. Um membro parecido com um gancho de carne se enroscou sob o dintel e arrancou a porta das dobradiças. Tijolos voaram e chuviscaram pelo chão; fragmentos de madeira e poeira pairavam no ar. Onde antes havia escuridão segura, cataratas de luz solar foram derramadas nas diminutas figuras humanas em meio às ruínas.

Eugene espiou pelo véu de poeira. O teto estava sendo descascado pelas mãos gigantes e o céu surgiu onde antes havia cumeeiras. Assomando por todos os lados, ele viu os membros, corpos e faces de bestas impossíveis. Estavam derrubando as paredes remanescentes, destruindo sua casa com a casualidade que ele quebraria uma garrafa. Deixou o garoto se desvencilhar de suas mãos sem perceber o que havia feito.

Aaron correu até a criatura da porta.

“Papai!”

Ela o ergueu como um pai se encontrando com uma criança depois da escola, e a cabeça foi jogada para trás em uma onda de êxtase. Um barulho longo e indescritível de alegria foi proferido de todo o seu corpo enorme. O hino foi acompanhado pelas outras criaturas, formando uma celebração. Eugene tapou os ouvidos e caiu de joelhos. O nariz começou a sangrar com as primeiras notas da música do monstro, e os olhos se encheram de lágrimas dolorosas. Não estava assustado. Sabia que não eram capazes de machucá-lo. Chorou porque havia ignorado essa eventualidade por seis anos, e agora, com o mistério e a glória diante de si, choramingava por não ter tido a coragem de encará-las e conhecê-las. Agora era tarde demais. Haviam tomado o garoto à força e reduzido sua casa, sua vida, a ruínas. Indiferente às suas agonias, estavam partindo, entoando o júbilo, com o garoto nos braços para sempre.

• • •

Na cidadela de Welcome, organização era a ordem do dia. Davidson podia ver apenas com admiração o modo como essas pessoas tolas e teimosas tentavam confrontar chances impossíveis. Ficou bastante enervado com o espetáculo; era como observar os colonos de algum filme se preparando para reunir armamentos fuleiros e fé simples para enfrentar a violência pagã dos selvagens. Mas, diferente de como acontece nos filmes, Davidson sabia que a derrota era pré-ordenada. Tinha visto esses monstros: estarrecedores. Seja qual for a justeza da causa, a pureza da fé, os selvagens esmagavam os colonos sob os pés com muita frequência. Os derrotados só vencem nos filmes.

• • •

O nariz de Eugene parou de sangrar depois de mais ou menos meia hora, mas ele não percebeu. Estava arrastando, puxando, adulando Lucy em direção à Welcome. Ele não queria ouvir explicações da puta, e mesmo assim, a voz

dela tagarelava de forma incessante. Podia ouvir apenas o som dos tons espumosos dos monstros, e o repetido chamado de “Papai” de Aaron, que era respondido por um membro destruidor de casas.

Eugene sabia que haviam conspirado contra ele, embora mesmo em sua imaginação mais torturada não conseguisse captar toda a verdade.

Aaron estava louco, disso ele sabia. E de algum modo a esposa, sua Lucy, de corpo amadurecido, que já havia sido tão bonita e um grande conforto, era instrumental tanto na insanidade do garoto como em seu próprio sofrimento.

Ela havia vendido o garoto: essa era sua crença mais ou menos formulada. De alguma maneira indizível, tinha barganhado com essas coisas do mundo subterrâneo, e havia trocado a vida e a sanidade do único filho dele por algum tipo de presente. O que ela podia ter recebido como pagamento? Alguma bugiganga ou outra que guardava enterrado no barraco? Meu Deus, ela sofreria por isso. Mas antes de fazê-la sofrer, antes de arrancar os cabelos dela, e de untar seus peitos brilhantes com piche, ela confessaria. Ele a obrigaria a confessar; não para ele, mas para o povo de Welcome — os homens e mulheres que zombavam de suas divagações embriagadas, que riam quando ele chorava cheio de cerveja. Eles ouviriam dos próprios lábios de Lucy a verdade por trás dos pesadelos que ele havia suportado, e descobririam, para seu horror, que os demônios de que ele falava eram reais. Então ele seria completamente exonerado, e a cidade o aceitaria de volta ao seio pedindo perdão, enquanto o corpo emplumado da vagabunda da esposa giraria em um poste telefônico fora dos limites da cidade.

Estavam a três quilômetros de Welcome quando Eugene parou.

“Tem algo vindo.”

Uma nuvem de poeira, e no centro do redemoinho uma multidão de olhos ardentes.

Ele temeu o pior.

“Meu Deus do céu!”

Soltou a mulher. Vinham buscá-la também? Sim, com certeza era outra parte da barganha que ela fizera.

“Eles tomaram a cidade”, disse. O ar estava repleto de suas vozes; era demais para suportar.

Vinham em sua direção pela estrada, em uma horda barulhenta, conduzidos direto até ele — Eugene se virou para correr, deixando a puta. Poderiam ficar com ela, contanto que o deixassem em paz; Lucy estava sorrindo para a poeira.

“É Packard”, afirmou ela.

Eugene olhou de volta para a estrada e aguçou os olhos. A nuvem de demonhos estava determinada. Os olhos no centro eram faróis, as vozes eram sirenes; era um exército de carros e motocicletas, chefiado pelo ruidoso veículo de Packard, percorrendo a estrada saindo de Welcome.

Eugene ficou confuso. O que era isso, um êxodo em massa?

Lucy, pela primeira vez naquele dia glorioso, sentiu um laivo de dúvida.

Ao se aproximar, o comboio diminuiu a velocidade e parou; a poeira baixou, revelando a extensão do esquadrão camicase de Packard. Havia cerca de uma dúzia de carros e meia dúzia de motos, todos carregados de policiais e armas. Um punhado de cidadãos de Welcome compunham o exército, entre eles Eleanor Kooker. Uma impressionante galeria de pessoas bem armadas e mal-intencionadas.

Packard se curvou para fora do carro, cuspiu e falou.

“Está com problemas, Eugene?”, perguntou.

“Não sou idiota, Packard”, respondeu Eugene.

“Não estou dizendo que é.”

“Eu vi as criaturas. Lucy pode confirmar.”

“Eu sei que viu, Eugene; eu sei que viu. Não há como negar que tem demonhos nas montanhas, uma certeza da porra. Acha que eu juntei este pelotão pra quê, se eles não fossem demonhos?”

Packard sorriu para Jebediah diante do volante.

“Uma certeza da porra”, repetiu. “Vamos detonar todos eles para o Reino dos Céus.”

Do banco de trás do carro, a Senhorita Kooker se curvou para fora da janela; estava fumando um charuto.

“Parece que te devemos uma desculpa, Gene”, disse, oferecendo um sorriso como desculpa. Ainda é um pinguço, pensou ela; casar com aquela vagabunda gorda foi a morte dele. Que desperdício de homem.

O rosto de Eugene se esticou de satisfação.

“Parece que sim.”

“Entra em um desses carros aí atrás”, disse Packard, “você e Lucy; vamos arrancar eles das tocas como se fossem cobras —”

“Eles foram para as montanhas”, afirmou Eugene.

“É mesmo?”

“Levaram meu filho. Destruíram minha casa.”

“Muitos deles?”

“Mais ou menos uma dúzia.”

“Certo, Eugene, melhor ir com a gente.” Packard ordenou que um policial saísse do banco de trás. “Você vai mandar ver contra esses desgraçados, não é?”

Eugene se virou para onde Lucy estava.

“E quero que ela seja —”, disse.

Mas Lucy já estava correndo pelo deserto: já estava do tamanho de uma boneca.

“Ela está se afastando da estrada”, observou Eleanor. “Vai se matar.”

“Se ela se matar é bom demais para ela”, disse Eugene, ao subir no carro. “Aquela mulher é pior que o Diabo.”

“Como assim, Gene?”

“Vendeu o meu filho para o Inferno, aquela mulher —”

Lucy sumiu no ar embaçado pelo calor.

“— para o Inferno.”

“Então deixa ela pra lá”, disse Packard. “O Inferno vai cuidar dela mais cedo ou mais tarde.”

• • •

Lucy sabia que eles não se incomodariam em segui-la. No momento em que viu os faróis dos carros na nuvem de poeira, viu as armas, e os capacetes, sabia que não teria muito o que fazer nos eventos a seguir. Na melhor das hipóteses, seria uma espectadora. Na pior, morreria de insolação ao cruzar o deserto e jamais saberia o resultado da batalha iminente. Com frequência, devaneara sobre a existência das criaturas que, de forma coletiva, eram o pai de Aaron. Onde viviam, por que haviam escolhido, em sua sapiência, fazer amor com ela. Também se perguntava se alguém mais em Welcome os conhecia. Quantos olhos humanos, além dos dela, haviam pescado vislumbres de suas anatomias secretas, na passagem dos anos? Claro que ela se perguntava se algum dia haveria um ajuste de contas, um confronto entre a espécie humana e a outra. Agora parecia que ali, sem aviso, no pano de fundo desse ajuste de contas, sua vida não valia nada.

Assim que os carros e motos sumiram de vista, ela voltou, traçando as próprias pegadas na areia, até reencontrar à estrada. Não havia como recuperar Aaron, agora percebia. Tinha sido, de certo modo, a mera guardiã da criança, embora a tenha gerado. Ele pertencia, de alguma maneira estranha, às criaturas que haviam misturado suas sementes no corpo dela para

criá-lo. Talvez ela fosse recipiente de algum experimento de fertilidade, e agora os doutores retornavam para examinar a criança resultante. Talvez apenas o tivessem sequestrado por amor. Sejam quais fossem as razões, ela só esperava ver o resultado da batalha. No fundo, em um lugar tocado apenas por monstros, torcia por eles, ainda que muitos da espécie a que ela pertencia viessem a perecer como resultado.

• • •

Nos sopés fazia um silêncio enorme. Aaron havia sido colocado entre as rochas, e eles se reuniram em sua volta, desejosos de examinarem as roupas, o cabelo, os olhos, o sorriso.

Era tardinha, mas Aaron não sentia frio. Os hálitos de seus pais eram quentes, e cheiravam, pensou, como o interior do Empório Geral de Suprimentos de Welcome, uma mistura de caramelo e maconha, queijo fresco e ferro. Sua pele ficou bronze na luz do sol que diminuía, e as estrelas do zênite estavam surgindo. Naquele círculo de demônios ele estava tão feliz quanto no seio materno.

• • •

Na ponta do sopé da montanha, Packard fez o comboio parar. Se soubesse quem era Napoleão Bonaparte, sem dúvidas teria se sentido como esse conquistador. Se soubesse a história da vida desse conquistador, teria percebido que aquela era sua Waterloo: mas Josh Packard viveu e morreu sem conhecer os heróis.

• • •

Convocou os homens dos carros e foi para o meio deles, a mão mutilada enfiada na camisa por suporte. Não era a campanha mais encorajadora da história militar. Havia vários rostos brancos e adoentados entre os seus soldados, vários olhos que evitavam seu olhar quando ele dava ordens.

“Homens”, berrou.

(Ocorreu tanto a Kooker quanto a Davidson que não seria tão quieto quando começassem os ataques furtivos.)

“Homens — chegamos, nos organizamos, e temos Deus ao nosso lado. Já vencemos as bestas, compreendem?”

Silêncio; olhares ameaçadores; mais suor.

“Não quero ver nenhum sujeito entre vocês girar os calcanhares e fugir, porque se fizerem isso e eu bater o olho, vão rastejar para casa com os traseiros atirados no Inferno!”

Eleanor pensou em aplaudir, mas o discurso não havia terminado.

“E não se esqueçam, homens”, aqui a voz de Packard baixou a um sussurro conspiratório, “esses demonhos levaram Aaron, o filho de Eugene, há menos de quatro horas. Tiraram das tetas maternas, enquanto a mãe botava ele para dormir. Não passam de selvagens, seja qual for a aparência deles. Não se importaram com a mãe, ou com a criança, ou com nada. Então quando se aproximarem de um, pensem apenas em como se sentiriam se fossem tirados das tetas maternas —”

Gostava da expressão “tetas maternas”. Dizia muito, com tanta simplicidade. A teta da mamãe tinha muito mais poder de comover esses homens que sua torta de maçã.

“Vocês não têm nada a temer, exceto parecerem menos homens, homens.”

Boa frase de encerramento.

“Vamos lá.”

Voltou para dentro do carro. Alguém da fileira começou a bater palmas, e o aplauso foi continuado pelos outros. O rosto largo e vermelho de Packard se abriu com um sorriso severo e amarelo.

“Avante!”, riu com malícia, e o comboio seguiu para as montanhas.

• • •

Aaron sentiu o ar mudar. Não que estivesse com frio: os hálitos que o aqueciam estavam calorosos como antes. Mesmo assim havia uma alteração na atmosfera: uma espécie de intrusão. Fascinado, ele observou os pais reagirem ao clima: sua substância cintilava com novas cores, cores mais graves e discretas. Uns dois até ergueram a cabeça como se cheirassem o ar.

Algo estava errado. Algo ou alguém estava vindo para interferir nessa noite de festival, sem planos e convite. Os demônios conheciam os sinais e não estavam despreparados para a eventualidade. Não era inevitável que os heróis de Welcome fossem atrás do garoto? Os homens não acreditavam, ao seu modo deplorável, que sua espécie havia sido gerada da necessidade da Terra de se conhecer, desenvolvida de mamífero a mamífero até florescer enquanto humanidade?

Então era natural tratar os pais como inimigos, erradicá-los e tentar destruí-los. Uma verdadeira tragédia: quando o único pensamento dos pais era na união pelos laços, que suas crianças tentassem interromper e estragar a celebração.

Ainda assim, homens continuariam sendo homens. Talvez Aaron fosse diferente, embora talvez também voltasse a tempo ao mundo humano e se esquecesse do que estava aprendendo lá. As criaturas que eram seus pais também eram pais dos homens, e a união do sêmen no corpo de Lucy era o mesmo composto que criou os primeiros homens. As mulheres sempre existiram; haviam vivido, uma espécie em si, com os demônios. Mas desejavam companheiros: e juntos criaram os homens.

Que engano, que erro de cálculo cataclísmico. Em poucas eras, os piores erradicaram os melhores; as mulheres foram escravizadas e os demônios mortos ou escorraçados para o subsolo, deixando apenas alguns bolsões de sobreviventes para tentar de novo aquele primeiro experimento, e criar homens, como Aaron, que seriam mais sapientes em relação a suas histórias. Somente se infiltrar na humanidade com uma nova criança masculina poderia deixar a raça mestra mais leve. A chance era bem pequena, sem a interferência de mais crianças raivosas, seus punhos brancos e gordos esquentados por armas.

Aaron sentiu o cheiro de Packard e o padrasto, e ao cheirá-los, soube que eram forasteiros. Depois desta noite eles seriam conhecidos sem paixão, como animais de uma espécie diferente. Sentia-se próximo mesmo era do formidável bando de demônios em sua volta, e ele sabia que os protegeria, se necessário, com a vida.

O carro de Packard conduziu o ataque. Uma onda de veículos surgiu da escuridão, as sirenes estrondando, os faróis acesos, e seguiu direto até o grupo de celebrantes. De um ou dois carros, policiais assustados soltaram espontâneos uivos de terror ao avistarem o espetáculo por inteiro, mas àquela altura a força de ataque já estava comprometida. Tiros foram disparados. Aaron sentiu os pais se fechando em sua volta para protegê-lo, suas carnes agora escurecendo de raiva e medo.

Packard sabia por instinto que as criaturas podiam sentir medo, ele podia sentir o cheiro nelas. Era parte de seu trabalho reconhecer o medo, brincar com ele, usá-lo contra os infames. Guinchou ordens pelo microfone e conduziu os carros ao círculo de demônios. No banco de trás de um dos carros, Davidson fechou os olhos e fez uma reza a Javé, Buda e Groucho

Marx. Dai-me força, dai-me indiferença, dai-me senso de humor. Mas nada veio em seu auxílio: a bexiga ainda inchava, a garganta ainda latejava.

Adiante, o guincho de freios. Davidson abriu os olhos (só um pouco) e avistou uma das criaturas enrolando o braço púrpura-negro em volta do carro de Packard e suspendendo-o no ar. Uma das portas de trás se abriu e uma figura que ele reconheceu sendo Eleanor Kooker caiu os poucos centímetros até o chão, seguida por Eugene. Sem líder, os carros seguiram em um frenesi de colisões — toda a cena em parte coberta por fumaça e poeira. Houve o som de para-brisas quebrados enquanto os policiais saíam correndo dos carros; os guinchos de capôs esmagados e portas arrancadas. O uivo agonizante de uma sirene estraçalhada; o apelo agonizante de um policial estraçalhado.

A voz de Packard era clara o bastante, mesmo que uivando ordens de seu carro enquanto ele era içado no ar, o motor acelerando, as rodas girando inutilmente no espaço. O demônio chacoalhou o carro como uma criança faz com seu brinquedo, até que a porta do carro se abriu e Jebediah caiu na borla de pele da criatura. Davidson viu a borla envolver o delegado de costas quebradas e parecer sugá-lo com suas rugas. Ele pôde ver como Eleanor ficou diante do demônio enorme, enquanto ele devorava seu filho.

“Jebediah, sai daí!”, esganiçou ela, e deu tiros e mais tiros na cabeça cilíndrica e sem traços desse devorador.

Davidson saiu do carro para ver melhor. Do outro lado de uma pilha de veículos destroçados e de capôs encharcados de sangue, conseguia ver toda a cena com mais clareza. Os demônios estavam escalando para longe da batalha, deixando esse único monstro extraordinário para segurar a cabeça de ponte. Em silêncio, Davidson ofereceu uma reza de agradecimento por qualquer deidade passageira. Os demonhos estavam indo embora. Não haveria uma batalha de arena: nenhuma luta mano-a-tentáculo. O garoto apenas seria devorado vivo, ou o que planejassem fazer com o coitado. Na verdade, não podia ver Aaron dali? Não era sua forma frágil que os demônios em retirada erguiam para o alto como um troféu?

Com os insultos e acusações de Eleanor nos ouvidos, os policiais protegidos começaram a emergir de seus esconderijos para rodear o demônio remanescente. Havia, afinal, apenas mais um lugar para encarar, e ele prendia seu Napoleão com um aperto viscoso. Eles dispararam saraivada atrás de saraivada em suas dobras e fendas, e contra a geometria imparcial de sua cabeça, mas o demonho parecia despreocupado. Apenas quando chacoalhou o

carro de Packard até que o xerife batesse como um sapo morto em uma lata, ele perdeu o interesse e soltou o veículo. Um cheiro de gasolina preencheu o ar e revirou o estômago de Davidson.

Então um grito: “Baixem as cabeças!”.

Uma granada? Com certeza não; não com tanta gasolina no —

Davidson caiu no chão. Um silêncio súbito, no qual um homem ferido podia ser ouvido gemendo em algum lugar no caos, até o estrondo surdo, de tremer a terra, da granada explodindo.

Alguém disse Jesus Cristo — com uma espécie de vitória na voz.

Jesus Cristo. Em nome de… pela glória de…

O demônio estava em chamas. O tecido fino de sua pele encharcada de gasolina estava queimando; um de seus membros havia sido arrancado com o estouro, outro foi em parte destruído; sangue espesso e sem cor espirrava dos ferimentos e do cotoco. No ar havia um cheiro de doces queimados: a criatura agora estava na agonia da cremação. Seu corpo titubeou e tremeu enquanto as chamas subiam para acender seu rosto vazio, e caiu afastado de seus atormentadores, sem emitir ruído de dor. Davidson gostou de vê-lo queimar: com o mesmo prazer simples que sentia ao colocar o calcanhar da bota no meio de uma água-viva. Sua ocupação de verão favorita na infância. No Maine: tardes quentes, espetando caravelas.

Packard foi puxado para fora dos destroços do carro. Meu Deus, aquele homem era feito de aço: estava firme, de pé, chamando os homens para avançar contra o inimigo. Bem no melhor momento, uma centelha de fogo caiu do demônio incandescente e tocou o lago de gasolina onde Packard estava. Um momento depois, ele, o carro, e dois de seus salvadores estavam envoltos na ondulante nuvem de fogo branco. Não tiveram chance de sobreviver: as chamas apenas os levaram. Davidson pôde ver suas formas escuras sendo destruídas no coração do inferno, encobertas pelas labaredas, se contorcendo ao perecerem.

Pouco antes do corpo de Packard cair no chão, Davidson ouviu a voz de Eugene acima das chamas.

“Estão vendo o que eles fizeram? Estão vendo o que eles fizeram?”

A acusação foi consentida pelos uivos ferozes dos policiais.

“Acabar com eles!”, gritava Eugene. “Acabar com eles!”

• • •

Lucy podia ouvir a barulheira da batalha, mas não tentou ir na direção do sopé das montanhas. Algo na posição da lua no céu e no cheiro da brisa havia tirado dela todo o desejo de se mover. Exausta, e enfeitiçada, parou no deserto aberto e observou o céu.

Quando, após um tempo, ela baixou o olhar para fixá-lo no horizonte, viu duas coisas de interesse moderado. Saindo das montanhas, um imundo borrão de fumaça, e com o rabo do olho na luz suave da noite, viu uma fileira de criaturas se afastando às pressas das montanhas. De repente, ela começou a correr.

Ocorreu-lhe, ao correr, que seu passo era vigoroso como o de uma jovem, e que tinha a motivação de uma jovem: ou seja, corria atrás do amante.

• • •

Em um trecho do deserto vazio, a convocação dos demônios apenas desapareceu de vista. De onde Lucy estava, arfando no meio do nada, pareciam ter sido engolidos pela terra. Ela recomeçou a correr. Será que veria mais uma vez o filho e os pais antes que sumissem para sempre? Ou até isso seria negado a ela, após anos de antecipação?

No carro da frente, Davidson estava dirigindo, comandado a fazer isso por Eugene, que no presente não era um homem a ser contrariado. Algo sobre o modo como ele segurava o rifle sugeria que atiraria primeiro e faria perguntas depois; suas ordens ao exército disperso que o seguia tinha o dobro de obscenidades incoerentes, em relação ao que fazia sentido. Seus olhos brilhavam com a histeria: babava um pouco. Era um selvagem, e assustava Davidson. Mas agora era tarde demais para voltar: estava mancomunado com o homem para sua última e apocalíptica perseguição.

“Veja, os filhos da puta de olhos pretos não têm a porra da cabeça”, gritava Eugene por cima do alarido torturado do motor. “Por que está indo tão devagar, jovem?”

Ele bateu com o rifle na virilha de Davidson.

“Dirige, senão estouro seus miolos.”

“Não sei para que lado eles foram”, gritou Davidson de volta para Eugene.

“Como assim? Me mostra!”

“Não dá para te mostrar se eles desapareceram.”

Eugene quase apreciou o sentido da resposta.

“Devagar, jovem.” Ele acenou para fora da janela do carro, para desacelerar o resto do exército.

“Pare o carro — pare o carro!”

Davidson fez o carro parar.

“E desligue a porra dos faróis. Vocês também!”

Os faróis foram apagados. Atrás, o resto da comitiva repetiu o ato.

Escuridão súbita. Silêncio súbito. Nada a ser visto ou ouvido em nenhuma direção. Havia desaparecido, toda a cacófona tribo de demônios. Havia apenas desvanecido no ar, quimérico.

A vista do deserto ficou mais clara conforme seus olhos se acostumavam com o luar. Eugene saiu do carro, rifle ainda pronto, e encarou a areia, desejando uma explicação.

“Filhos da puta”, disse, muito baixo.

Lucy tinha parado de correr. Agora andava em direção à fila de carros. Estava tudo acabado agora. Todos haviam sido ludibriados: o ato de desaparição foi um coringa que ninguém poderia antecipar.

Então ela escutou Aaron.

Não conseguia vê-lo, mas a voz estava clara como um sino; e como um sino, ela a chamava. Como um sino, ressoava; é a época do festival: celebre conosco.

Eugene também ouviu; sorriu. Estavam perto, afinal.

“Ei!”, disse a voz do garoto.

“Cadê ele? Está vendo, Davidson?”

Davidson balançou a cabeça. Então —

“Espere! Espere! Estou vendo uma luz — veja, bem em frente.”

“Estou vendo.”

Com cuidado exagerado, Eugene gesticulou para Davidson voltar ao banco do motorista.

“Dirija, jovem. Mas devagar. E com os faróis apagados.”

Davidson acenou. Mais água-viva para espetar, pensou; afinal eles iriam pegar os desgraçados, isso não compensava um pouco do risco? O comboio recomeçou, avançando na velocidade de um caracol.

Lucy começou a correr mais uma vez: agora conseguia ver a minúscula figura de Aaron, parado na beira de um declive que dava para debaixo da areia. Os carros se moviam em direção a ele.

Vendo-os se aproximarem, Aaron interrompeu os chamados e começou a se afastar, descendo o declive. Não havia mais necessidade de esperar,

decerto estavam sendo seguidos. Os pés nus não fizeram marca alguma na inclinação de areia solta que dava para longe das idiotices do mundo. Nas sombras da terra no fim do declive, excitado e sorrindo para ele, podia ver sua família.

“Ele está entrando”, disse Davidson.

“Então segue o bastardo desse moleque”, ordenou Eugene. “Talvez a criança não saiba o que está fazendo. E coloque luz nele.”

Os faróis iluminaram Aaron. As roupas estavam em farrapos, e o corpo foi tomado pela exaustão conforme ele andava.

A alguns metros à direita do declive, Lucy assistiu o carro da frente passar por cima da beirada da terra e seguir o garoto, para dentro do —

“Não”, disse a si mesma, “não vá.”

Davidson de repente tomou um susto. Começou a desacelerar o carro.

“Vá em frente, jovem.” Eugene acertou o rifle em sua virilha de novo. “Encurralamos eles. Temos um ninho inteiro aqui. O garoto está levando a gente direto para eles.”

Agora todos os carros já estavam no declive, seguindo o líder, as rodas girando na areia.

Aaron se virou. Atrás dele, iluminado apenas pela fosforescência da própria matéria, estavam os demônios; aquela massa de geometrias impossíveis. Todos os atributos de Lúcifer estavam espalhados pelos corpos dos pais. As anatomias extraordinárias, os oníricos pináculos de cabeças, as escamas, as borlas, as garras, as pinças.

Eugene fez o comboio parar, saiu do carro, e começou a andar até Aaron.

“Obrigado, garoto”, disse. “Vem cá — agora vamos cuidar de você. Pegamos eles. Você está em segurança.”

Aaron encarou o pai, sem compreender.

O exército jorrou dos carros atrás de Eugene, preparando suas armas. Uma bazuca era montada com pressa; rifles armados, granadas sopesadas.

“Vem com o Papai, garoto”, pediu Eugene.

Aaron não se moveu, então Eugene o seguiu mais uns metros no fundo do solo. Davidson agora estava fora do carro, tremendo da cabeça aos pés.

“Talvez devesse baixar o rifle. Talvez ele esteja assustado”, sugeriu.

Eugene grunhiu, e baixou alguns centímetros o bocal do rifle.

“Você está em segurança”, disse Davidson. “Está tudo bem.”

“Venha até nós, garoto. Devagar.”

O rosto de Aaron começou a ruborizar. Mesmo na luz enganadora das lanternas de cabeça, ele estava claramente mudando de cor. As bochechas cresciam como balões e a pele da testa se enrugava como se a carne estivesse cheia de vermes. A cabeça pareceu liquefazer, para se tornar uma sopa de imagens, cambiando e florescendo como uma nuvem, a fachada da juventude rompida assim que o pai dentro do filho mostrou a face vasta e inimaginável.

No exato momento em que Aaron se tornava filho de seu pai, o declive começou a amolecer. Davidson sentiu primeiro: uma leve mudança na textura da areia, como se uma ordem passasse através dela, sutil, mas persuasiva.

Eugene só conseguia ficar boquiaberto, enquanto a transformação de Aaron continuava, o corpo inteiro tomado pelos tremores da mutação. A cabeça se distendera e uma safra de cones brotou dela, o que na mesma hora floresceu em dúzias de pernas enroladas; a mudança era maravilhosa em sua complexidade, novas glórias surgiam como que provindas do berço da substância do garoto.

Do nada, Eugene ergueu o rifle e atirou no filho.

A bala acertou o garoto-demônio no meio do rosto.

Aaron caiu para trás, a transformação ainda em curso enquanto o sangue, um córrego em parte escarlate, em parte prateado, jorrava do ferimento para a terra que se liquefazia.

As geometrias que estavam na escuridão saíram do esconderijo para ajudar o garoto. A complexidade de suas formas estava simplificada no brilho das lanternas de cabeça, mas, enquanto surgiam, elas pareciam mudar de novo: corpos se afinando em seu pesar, um choro de luto como uma sólida muralha do som de seus corações.

Eugene ergueu o rifle uma segunda vez, dando um grito de vitória. Estavam em suas mãos… Meu Deus, estavam em suas mãos. Filhos da puta sujos, fedorentos e sem rosto.

Mas a lama debaixo de seus pés era como melaço quente enquanto subia até as canelas, e quando atirou ele perdeu o equilíbrio. Gritou por ajuda, mas Davidson já estava subindo de volta o declive para fora da fossa, lutando uma batalha perdida contra o lamaçal em ascensão. O resto do exército ficou preso de maneira semelhante, quando o deserto se liquefez debaixo dele e a lama glutinosa começou a subir pelo declive.

Os demônios haviam fugido: se retirado para o escuro, o lamento desaparecido com eles.

Eugene, deitado de costas na areia movediça, disparou dois tiros inúteis e veementes na escuridão que havia atrás do cadáver de Aaron. Estava chutando como um porco com a garganta cortada, e a cada chute o corpo afundava mais. Quando o seu rosto desapareceu debaixo da lama, ele apenas avistou Lucy, parada na beira do declive, encarando o corpo de Aaron. Então o lamaçal cobriu o seu rosto e o tapou.

O deserto se enchia sobre eles com a velocidade de um raio.

Uns dois carros já estavam submersos por inteiro, e a maré de areia subindo o declive estava alcançando os fugitivos. Gritos fracos por ajuda terminavam com silêncios engasgados enquanto as bocas se enchiam de deserto; alguém atirava no chão com uma tentativa histérica de represar a inundação, mas ela subiu muito rápido a fim de pegar cada um deles. Nem mesmo Eleanor Kooker escaparia livre: ela lutou, xingando e afundando mais na areia o corpo de um policial que se debatia em frenéticas tentativas de sair do fosso.

Agora eram uivos universais, enquanto os homens em pânico pegavam e se apalpavam por suporte, tentando com desespero manter as cabeças fora do mar de areia.

Davidson estava enterrado até a cintura. O chão que girava em sua metade de baixo estava quente e por sinal convidativo. A intimidade da pressão lhe dera uma ereção. Alguns metros atrás dele, um policial vociferava com horror enquanto o deserto o devorava. Ainda mais longe, podia ver um rosto olhando para cima no chão borbulhante, como uma máscara viva jogada na terra. Havia um braço por perto, ainda acenando ao afundar; um par de nádegas gordas protuberante no mar de lodo, como dois melões, a despedida de um policial.

Lucy deu um passo para trás quando a lama transbordou de leve na beira do fosso, mas não alcançou os seus pés. Tampouco, aliás, se dissipou, como uma onda de água teria feito.

Assim como o concreto, endureceu prendendo os troféus vivos como moscas no âmbar. Dos lábios de cada rosto, um novo grito de terror, como se eles sentissem o chão do deserto enrijecer em torno dos membros em luta.

Davidson viu Eleanor Kooker enterrada até os peitos. Lágrimas jorravam sobre suas bochechas; choramingava como uma garotinha. Ele mal pensava em si mesmo. No Leste, em Barbara, nas crianças, não pensava nada.

Os homens cujos rostos estavam enterrados, mas cujos membros, ou partes de corpos, ainda se sobressaíam na superfície, agora estavam mortos

por asfixia. Apenas Eleanor Kooker, Davidson e dois outros homens sobreviveram. Um estava preso na terra até o queixo, Eleanor estava presa de modo que os peitos estavam no chão, os braços livres para bater inutilmente no solo que a prendia. Já Davidson estava preso da cintura para baixo. E, mais horripilante ainda, uma vítima patética era vista apenas com o nariz e a boca. A cabeça estava presa no chão, cega pela rocha. Ainda respirava, ainda gritava.

Eleanor Kooker estava arranhando no chão com unhas quebradas, mas não era areia solta. Era imóvel.

"Vai atrás de ajuda", ordenou a Lucy, as mãos sangrando.

As duas mulheres se encararam.

"Jesus Cristo!", gritou a Boca.

A Cabeça ficou em silêncio: pelo olhar era óbvio que perdera os sentidos.

"Por favor, nos ajude…", suplicou o Torso de Davidson. "Procura ajuda."

Lucy acenou com a cabeça.

"Vá!", ordenou Eleanor Kooker. "Vá!"

Atordoada, Lucy obedeceu. Já havia um brilho do alvorecer no leste. O ar logo estaria brilhante. Em Welcome, a três horas de caminhada, encontraria apenas velhos, mulheres histéricas e crianças. Precisaria buscar ajuda a cerca de 80 quilômetros de distância. Isso presumindo que ela encontraria o caminho de volta. Isso presumindo que não cairia exausta na areia e morreria.

Já seria meio-dia antes que ela conseguisse buscar ajuda à mulher, ao Torso, à Cabeça, e à Boca. Quando o deserto os tivesse derrotado. O sol teria fritado os seus cérebros, as serpentes teriam se aninhado em seus cabelos, os urubus teriam espetado seus olhos indefesos.

Deu mais uma olhada nas formas triviais, diminuídas pela sangrenta varredura do céu do alvorecer. Pontos e vírgulas de dor humana em um branco lençol de areia; ela não se importou em pensar na caneta que os escreveu ali. Isso era para dia seguinte.

Depois de um tempo, começou a correr.

Alguma coisa no amor sem egoísmo e abnegado de um animal atinge a alma dos que já experimentaram o erro, a fragilidade e a fidelidade de afeição do simples homem.

— Edgar Allan Poe —

NOVOS ASSASSINATOS NA RUA MORGUE

O inverno, refletiu Lewis, não é uma estação para velhos. A neve de 13 centímetros de espessura das ruas de Paris o congelava até a medula. O que ele considerava uma alegria durante a infância agora era uma maldição. Ele a odiava com todas as forças; odiava as bolas de neve das crianças (guinchos, uivos, lágrimas); odiava, também, os jovens amantes, doidos para serem pegos juntos em um pé-de-vento (guinchos, beijos, lágrimas). Era desconfortável e cansativo, e ele desejava estar em Fort Lauderdale, onde o sol estaria brilhando.

Mas o telegrama de Catherine, ainda que não fosse explícito, era urgente, e os laços da amizade entre eles foram inquebrantáveis pela maior parte dos últimos cinquenta anos. Estava lá para ela e o irmão, Phillipe. Por mais que seu sangue afinasse naquela terra de gelo, reclamar era uma tolice. *Já* tinha ido até lá devido a chamados do passado, e teria ido com a mesma rapidez e disposição se Paris estivesse em chamas.

Além disso, era a cidade da mãe dele. Ela havia nascido no Boulevard Diderot, na época em que a cidade era desentravada pelos arquitetos livres-pensadores e engenheiros sociais. Agora, sempre que Lewis retornava a Paris, preparava sua mente para outra profanação. Andava acontecendo menos nos últimos tempos, percebera. A recessão na Europa indispunha os governos a usarem suas escavadeiras. Ainda assim, ano após ano, mais belas casas se transformavam em destroços. Às vezes, ruas inteiras eram demolidas.

Inclusive a Rua Morgue.

Em primeiro lugar havia, claro, certa dúvida se a rua infame de fato existira, mas conforme os anos se avançavam, Lewis via cada vez menos propósito em distinguir o que era fato e o que era ficção. Essa grande divisão era para os jovens, que ainda precisavam lidar com a vida. Para os velhos (Lewis tinha 73 anos), a distinção era acadêmica. Que importava qual história era verdadeira e qual era falsa, qual era real e qual era inventada? Na sua cabeça, todas elas, as meias mentiras e as meias verdades, compunham um *continuum* de histórias pessoais.

Talvez a Rua Morgue houvesse existido como descrita no conto imortal de Edgar Allan Poe; talvez fosse pura invenção. Seja o que for, a famigerada rua não podia mais ser encontrada em um mapa de Paris.

Talvez Lewis estivesse um pouco desapontado por não ter encontrado a Rua Morgue. Afinal de contas, fazia parte de sua herança. Se as histórias que lhe contaram quando era jovem estiverem corretas, os eventos descritos em "Os Assassinatos na Rua Morgue"[1] haviam sidos narrados a Poe pelo avô de Lewis. Era o orgulho de seu pai que o pai dele tivesse conhecido Poe enquanto viajava pela América. Ao que tudo indica, seu avô havia sido um viajante internacional que ficava infeliz se não visitasse uma cidade nova a cada semana. E no inverno de 1835 viajou para Richmond, Virginia. Era um inverno implacável, talvez semelhante ao que Lewis sofria no presente, e certa noite o avô se refugiara em um bar em Richmond. Ali, com uma nevasca furiosa do lado de fora, ele conheceu um sujeito pequeno, sombrio e melancólico chamado Eddie. Pelo visto era uma espécie de celebridade local, tendo escrito um conto que havia ganhado uma competição do periódico *Baltimore Saturday Visitor*. O conto era "Manuscrito encontrado numa garrafa", e o jovem assombrado era Edgar Allan Poe.

Os dois passaram a noite juntos, bebendo, e (ao menos era assim que dizia a história) Poe gentilmente estimulou o avô de Lewis a contar histórias do bizarro, do oculto e do mórbido. O viajante com conhecimento do mundo ficou feliz em contribuir, relatando histórias inacreditáveis que depois o autor transformaria em "O mistério de Marie Rogêt" e "Os Assassinatos na Rua Morgue". Em ambos os contos, investigando as atrocidades, estava o gênio peculiar de C. Auguste Dupin.

C. Auguste Dupin. A visão de Poe do detetive perfeito: calmo, racional, e com magnífica percepção. As narrativas nas quais ele aparecia ficaram logo

conhecidas, e devido a elas, Dupin se tornou uma celebridade ficcional, sem ninguém nos Estados Unidos saber que Dupin era uma pessoa de verdade.

Era irmão do avô de Lewis. O tio-avô de Lewis era C. Auguste Dupin.

E seu maior caso — os Assassinatos na Rua Morgue — também era baseado em fatos. As mortes que ocorriam no conto aconteceram mesmo. Duas mulheres de fato haviam sido brutalmente assassinadas na Rua Morgue. Eram, como escrito por Poe, a madame L'Espanaye e sua filha, a *mademoiselle* Camille L'Espanaye. Ambas as mulheres de boa reputação, que levavam vidas quietas e sem graça. Tão mais horrível então, encontrar essas vidas interrompidas. O corpo da filha havia sido enfiado na chaminé; o corpo da mãe foi descoberto no pátio dos fundos da casa, a garganta cortada com tanta selvageria que a cabeça quase foi arrancada. Nenhum motivo aparente podia ser encontrado pelos assassinatos, e o mistério se aprofundou mais quando todos os ocupantes da casa alegaram ter ouvido a voz do assassino falando em uma língua diferente. O francês estava certo de que a voz falava em espanhol, o inglês ouvia alemão, o holandês pensava que era francês. Dupin, em suas investigações, notou que nenhuma das testemunhas de fato falava a língua que dizia ter escutado nos lábios do assassino que não viu. Ele concluiu que a língua não era uma língua de verdade, mas a voz sem palavras de um animal selvagem.

Um macaco, na realidade, um monstruoso orangotango das ilhas das índias Orientais. Seus pelos alaranjados haviam sido encontrados presos na mão da vítima madame L'Espanaye. Apenas sua força e agilidade tornavam plausível o pavoroso destino de *mademoiselle* L'Espanaye. O animal pertencia a um marinheiro maltês, tinha escapado e feito o estrago no infausto apartamento da Rua Morgue.

Esse era o esqueleto da história.

Verdadeiro ou não, o conto tinha um grande apelo romântico a Lewis. Gostava de imaginar o tio-avô elaborando um traçado lógico do mistério, imperturbado pela histeria e o horror à sua volta. Considerava essencialmente europeia essa calma; pertencente a uma era perdida em que a luz da razão ainda valia algo e o pior horror concebível era um animal com uma navalha degoladora.

Agora, conforme o século XX atravessava seu último quarto, havia atrocidades bem piores a serem levadas em conta, todas cometidas por seres humanos. O humilde orangotango havia sido pesquisado por antropólogos que descobriram que tratava-se de um herbívoro solitário, calmo e filosófico.

Os verdadeiros monstros eram bem menos aparentes e bem mais poderosos. Suas armas tornavam as navalhas deploráveis; seus crimes eram vastos. De vários modos, Lewis quase se contentava por estar velho e prestes a deixar o século aos próprios dispositivos. Sim, a neve congelava a medula. Sim, ver uma jovem com o rosto de uma deusa atiçava de maneira inútil os seus desejos. Sim, agora se sentia um observador, em vez de um participante.

Mas nem sempre foi assim.

Em 1937, no próprio quarto do Quai de Bourbon, número onze, onde agora ele se sentava, havia sido uma experiência e tanto. Paris ainda era uma cúpula de prazeres naquela época, ignorando de forma calculada os rumores da guerra, e preservando, embora às vezes houvesse certa tensão, um ar de doce ingenuidade. Viviam despreocupados até então; em ambos os sentidos da palavra, levando vidas intermináveis de perfeito lazer.

Claro que não era isso. As vidas não eram perfeitas nem intermináveis. Mas por algum tempo — um verão, um mês, um dia — parecia que nada no mundo iria mudar.

Em meia década Paris queimaria, e sua culpa jocosa, que era a verdadeira inocência, seria maculada para sempre. Eles haviam passado muitos dias (e noites) no apartamento que agora Lewis ocupava, tempos maravilhosos; quando pensava neles, seu estômago parecia doer com a perda.

Seus pensamentos se voltaram a eventos mais recentes. A exposição em Nova York, na qual uma série de pinturas retratando a danação da Europa obteve um cintilante sucesso crítico. Na idade de 73 anos, Lewis era um homem festejado. Artigos eram escritos em cada periódico de arte. Admiradores e compradores surgiam da noite para o dia, como cogumelos, doidos para comprar suas obras, conversar com ele, tocar a sua mão. Tudo tarde demais, claro. As agonias da criação já haviam se acabado muito antes, e fazia cinco anos que ele havia segurado um pincel pela última vez. Mas quando era um mero espectador, seu triunfo crítico parecia uma paródia: ele via o circo de certa distância, com algo próximo ao desgosto.

Quando chegou de Paris o telegrama implorando por sua ajuda, ficou bastante contente em escapulir da roda de imbecis que abocanhavam seu elogio.

Agora esperava no apartamento que escurecia, observando o contínuo fluxo de carros cruzar a Pont Louis-Phillipe, enquanto parisienses cansados começavam a voltar para casa em meio à neve. As buzinas ressonavam; os

motores tossiam e grunhiam; os faróis de neblina amarelos formavam um cinturão de luz do outro lado da ponte.

E nada de Catherine chegar.

A neve, que havia pausado pela maior parte do dia, começava a cair de novo, ululando na janela. O tráfego fluía do outro lado do Sena, o Sena corria debaixo do tráfego. Caía a noite. Ao fim, ouviu os passos no corredor; sussurros trocados com a governanta.

Era Catherine. Enfim, Catherine.

Levantou-se e encarou a porta, imaginando que se abria antes de ser aberta, imaginando a entrada.

“Lewis, querido —”

Sorriu para ele; um sorriso pálido no rosto ainda mais pálido. Parecia mais velha do que ele esperava. Quanto tempo sem vê-la? Quatro ou cinco anos? A fragrância era a mesma de sempre: e ela consolava Lewis com sua permanência. Ele beijou de leve as bochechas frias.

“Você parece bem”, mentiu ele.

“Não, não pareço”, respondeu ela. “Parecer bem seria um insulto a Phillipe. Como eu poderia estar bem, quando ele está com um problema desses?”

Seus modos eram vivazes e proibitivos, como sempre.

Era três anos mais velha que ele, mas o tratava como um professor trata uma criança recalcitrante. Sempre foi assim: era seu modo de ser afetuosa.

Findos os cumprimentos, ela se sentou ao lado da janela, encarando o Sena. Pequenos pedaços de gelo cinza flutuavam sob a ponte, balançando e rodando na correnteza. A água parecia fatal, como se sua acrimônia pudesse suprimir o fôlego de alguém.

“Qual o problema de Phillipe?”

“Ele foi acusado de —”

Uma pequena hesitação. Tremor na pálpebra.

“— assassinato.”

Lewis quis rir; o pensamento em si era despropositado. Phillipe tinha 69 anos e era comedido tal qual uma ovelha.

“É verdade, Lewis. Não podia te contar por telegrama, entende. Tinha que dizer pessoalmente. Assassinato. Ele foi acusado de assassinato.”

“De quem?”

“Uma garota, claro. Uma de suas mulheres sofisticadas.”

“Ele ainda manda ver, hein?”

“Costumávamos brincar que ele morreria em cima de uma mulher, lembra?”

Lewis deu um aceno curto com a cabeça.

“Ela estava com 19 anos. Natalie Perec. Uma garota bem culta, ao que parece. E adorável. Cabelos ruivos compridos. Lembra como Phillipe adorava ruivas?”

“Dezenove? Ele tem casos com meninas de 19 anos?”

Ela não respondeu. Lewis se sentou, sabendo que andar pelo quarto a irritava. De perfil ainda era bela, e a luz azul-amarelada que entrava pela janela suavizava as linhas de seu rosto, apagando como que por mágica 50 anos de sua vida.

“Onde ele está?”

“Está detido. Estão dizendo que ele é perigoso. Que pode matar de novo.”

Lewis balançou a cabeça. Sentia um pouco de dor nas têmporas, que podia passar se ao menos ele fechasse os olhos.

“Ele precisa te ver. Precisa bastante.”

Talvez o sono fosse apenas uma fuga. Aqui havia algo do qual ele não poderia ser espectador.

• • •

Phillipe Laborteaux encarou Lewis do outro lado da mesa vazia e arranhada, com o rosto fatigado e perdido. Cumprimentaram-se apenas com um aperto de mão; qualquer outro contato físico era estritamente proibido.

“Estou desesperado”, declarou. “Ela está morta. Minha Natalie está morta.”

“Pode me contar o que aconteceu.”

“Tenho um pequeno apartamento em Montmartre. Na Rue des Martyrs. Só um cômodo, na verdade, para entreter convidados. Catherine sempre mantinha o número onze tão arrumado que, sabe, um homem não podia relaxar. Natalie costumava passar muito tempo comigo lá: todo mundo na casa conhecia ela. Tinha uma ótima natureza, tão bela. Estava estudando para entrar na Faculdade de Medicina. Brilhante. E me amava.”

Phillipe ainda era bonito. Na verdade, quando fechou-se um ciclo da moda, sua elegância, seu rosto quase impetuoso, e seu charme sossegado eram a ordem do dia. O sopro de uma era perdida, talvez.

“Saí na manhã de domingo, para a *pâtisserie*. E quando voltei…”

As palavras lhe escaparam por um momento.

“Lewis…”

Os olhos se encheram com lágrimas de frustração. Foi tão difícil que a boca se recusou a emitir os sons necessários.

“Não —”, começou Lewis.

“Quero te contar, Lewis. Quero que você saiba, quero que você a veja como eu a via — assim vai saber que existe… que existe… o que existe no mundo.”

As lágrimas escorreram por seu rosto em dois riachos graciosos. Ele segurou a mão de Lewis com tanta força que doía.

“Ela estava coberta de sangue. De ferimentos. Pele arrancada… cabelos arrancados. A língua dela estava no travesseiro, Lewis. Imagine isso. Ela arrancou com uma mordida de terror. Estava bem debaixo do travesseiro. E os olhos, nadando em sangue, como se ela tivesse chorado sangue. Ela era a coisa mais singela em toda a criação, Lewis. Era bela.”

“Não mais.”

“Desejo morrer, Lewis.”

“Não.”

“Agora não desejo mais viver. Não faz sentido.”

“Não vão te considerar culpado.”

“Não importa, Lewis. Você precisa cuidar de Catherine agora. Li sobre a exposição —”

Ele quase sorriu.

“— que maravilhoso para você. Sempre dizíamos, não é? Antes da guerra, que você era quem ficaria famoso, eu seria —”

O sorriso se foi.

“— famigerado. Agora dizem coisas terríveis a respeito de mim nos jornais. Um velho saindo com garotas, veja, isso não me torna muito saudável. Talvez pensem que perdi a paciência porque não conseguia consumar o ato com ela. É o que pensam, tenho certeza.” Ele se perdeu, parou, então recomeçou. “Você deve cuidar de Catherine. Ela tem dinheiro, mas nenhum amigo. Ela é muito fria, veja. Muito machucada por dentro; e isso cansa as pessoas. Você tem que ficar com ela.”

“Ficarei.”

“Eu sei, eu sei. Fico feliz por isso, de verdade, apenas…”

“Não, Phillipe.”

“Apenas morrer. Não resta mais nada para nós, Lewis. O mundo é severo demais.”

Lewis pensou na neve, e nos pedaços de gelo flutuantes, e viu sentido em morrer.

• • •

O policial encarregado da investigação não foi muito útil, embora Lewis tenha se apresentado como parente do estimado Detetive Dupin. O desprezo de Lewis pela fuinha de roupas esquisitas, sentado no cubículo bagunçado, fazia o interlocutor crepitar de raiva suprimida.

"Seu amigo", afirmou o Inspetor, puxando a cutícula crua do polegar, "é um assassino, *monsieur* Fox. Simples assim. As evidências são incontestáveis."

"Não posso acreditar nisso."

"Acredite no que quiser, essa prerrogativa é sua. Temos toda a evidência necessária para condenar Phillipe Laborteaux por assassinato em primeiro grau. Foi um crime a sangue frio e ele será punido com todo o rigor da lei. Posso garantir."

"Que evidência vocês têm contra ele?"

"*Monsieur* Fox; não lhe devo satisfações. Nossas evidências só dizem respeito a nós. Basta dizer que nenhuma outra pessoa foi vista na casa no momento em que o acusado alega que estava em alguma *pâtisserie* ficcional; e como o acesso ao quarto em que a vítima foi encontrada só é possível pelas escadas —"

"E quanto à janela?"

"Uma parede lisa de três andares. Talvez um acrobata: um acrobata conseguiria subir."

"E o estado do corpo?"

O Inspetor fez uma careta. Nojo.

"Horrível. Pele e músculos arrancados do osso. Toda a espinha exposta. Sangue; muito sangue."

"Phillipe tem 70 anos."

"E?"

"Um velho não seria capaz de —"

"Em outros aspectos", interrompeu o Inspetor, "ele parece ter muita capacidade, *oui*? O amante, sim? O amante passional: ele era capaz disso."

"E qual o motivo que vocês alegam?"

A boca se curvou, os olhos rolaram e ele deu um tapinha no peito.

“*Le coeur humain*”, respondeu, como se desesperado por causa das questões do coração. “*Le coeur humain, quel mystère, n’est-ce pas*?”[2] e exalando o fedor de sua úlcera em Lewis, ofereceu a porta aberta.

“*Merci, monsieur* Fox. Compreendo sua confusão, *oui*? Mas o senhor está desperdiçando o seu tempo. Um crime é um crime. É real, ao contrário de suas pinturas.”

Notou a surpresa no rosto de Lewis.

“Oh, não sou tão incivilizado a ponto de não conhecer sua reputação, *monsieur* Fox. Mas te peço, crie as ficções da melhor maneira possível; esse é seu gênio, *oui*? O meu é investigar a verdade.”

Lewis não podia mais suportar a hipocrisia da fuinha.

“A verdade?”, disparou de volta ao Inspetor. “O senhor não conheceria a verdade nem se tropeçasse nela.”

Parecia que a fuinha havia sido estapeada com um peixe fresco.

Era uma satisfação mínima; mas fez Lewis se sentir melhor por ao menos cinco minutos.

• • •

A casa na Rue des Martyrs não estava em boas condições, e Lewis podia sentir o cheiro de umidade enquanto subia até o quartinho no terceiro andar. As portas se abriam conforme ele passava, e sussurros inquiridores o acompanharam escada acima, mas ninguém tentou impedi-lo. O quarto onde a atrocidade havia sido cometida estava trancado. Frustrado, mas sem saber como ou por que ver o interior do quarto ajudaria no caso de Phillipe, desceu de novo as escadas e adentrou o ar pungente.

Catherine estava de volta ao Quai de Bourbon. Assim que Lewis a viu, soube que teria algo novo para ouvir. O cabelo grisalho dela estava solto, sem o coque habitual, e sem tranças pelos ombros. Sob a luz do poste, o rosto estava com uma coloração amarelo-cinzenta doentia. Ela tremia, mesmo no ar abafado do apartamento com aquecimento central.

“Qual o problema?”, perguntou ele.

“Fui ao apartamento de Phillipe.”

“Eu também. Estava trancado.”

“Eu tenho a chave: a chave extra de Phillipe. Só queria pegar umas roupas a mais para ele.”

Lewis acenou com a cabeça.

“E?”

“Havia alguém mais lá.”

“Polícia?”

“Não.”

“Quem?”

“Não consegui ver. Não sei exatamente. Ele usava um casaco grande, cachecol no rosto. Chapéu. Luvas.” Ela pausou. Em seguida, “ele estava com uma navalha, Lewis”.

“Uma navalha?”

“Uma navalha aberta, como a de um barbeiro.”

Algo tiniu no fundo da mente de Lewis Fox. Uma navalha aberta; um homem tão bem vestido que não podia ser reconhecido.

“Fiquei apavorada.”

“Ele te machucou?”

Ela balançou a cabeça.

“Dei um grito e ele saiu correndo.”

“Não te disse nada?”

“Não.”

“Talvez algum amigo de Phillipe?”

“Conheço os amigos de Phillipe.”

“Ou da garota. Um irmão.”

“Talvez, mas —”

“O quê?”

“Havia algo de estranho nele. Cheirava a perfume, fedia, e andava com passinhos afetados, mesmo sendo enorme.”

Lewis pôs o braço em volta dela.

“Seja lá quem for, você o espantou. Agora é melhor você não voltar lá. Se precisarmos pegar roupas para Phillipe, eu irei com prazer.”

“Obrigada. Eu me sinto uma tola: ele pode apenas ter invadido. Entrado para presenciar o local de um assassinato. As pessoas fazem isso, não é? Por causa de uma fascinação mórbida…”

“Amanhã vou falar com a fuinha.”

“Fuinha?”

“O Inspetor Marais. Vou falar para ele vasculhar o lugar.”

“Falou com Phillipe?”

“Sim.”

“Ele está bem?”

Lewis não disse nada por um longo momento.

“Ele deseja morrer, Catherine. já desistiu da luta antes do julgamento.”

“Mas ele não fez nada.”

“Não podemos provar isso.”

“Você vive se vangloriando de seus ancestrais. De seu abençoado Dupin. Então prove…”

“Por onde começo?”

“Converse com alguns dos amigos dele, Lewis. *Por favor*. Talvez a mulher tivesse inimigos.”

• • •

Jacques Solal encarou Lewis pelos óculos de aro redondo, as íris enormes e distorcidas através das lentes. Estava péssimo por conta do excesso de conhaque.

“Ela não tinha nenhum inimigo”, vaticinou, “não ela. Ah, talvez algumas mulheres com inveja de sua beleza…”

Lewis brincou com os cubos de açúcar enrolados que tinham vindo com seu café. Solal estava tão bêbado quanto pouco informativo; mas, por mais improvável que parecesse, Catherine havia descrito o baixote do outro lado da mesa como o amigo mais próximo de Phillipe.

“Acha que Phillipe assassinou ela?”

Solal fez bico.

“Quem sabe?”

“Qual o seu instinto?”

“Ah; ele era meu amigo. Se eu soubesse quem matou ela, eu diria.” Parecia a verdade. Talvez o homenzinho estivesse apenas afogando as mágoas no conhaque.

“Ele era um cavalheiro”, afirmou Solal, desviando os olhos em direção à rua. Do outro lado do vidro embaçado da janela da *brasserie*, parisienses corajosos enfrentavam a fúria de outra nevasca, em vão tentando manter a dignidade e a postura nos dentes de uma ventania.

“Um cavalheiro”, repetiu.

“E a garota?”

“Ela era bonita e ele estava apaixonado. Ela dispunha de outros admiradores, claro. Uma mulher daquelas —”

“Admiradores invejosos?”

“Quem sabe?”

De novo: quem sabe? A pergunta pairava no ar como ombros encolhidos. Quem sabe? Quem sabe? Lewis começou a compreender a paixão do Inspetor pela verdade. Pela primeira vez em cerca de dez anos, uma meta surgiu em sua vida; a ambição de atirar pelos ares esse “quem sabe?” indiferente. Descobrir o que aconteceu naquele quarto na Rue des Martyrs. Não uma aproximação, não um relato ficcional, mas a verdade, a absoluta e inquestionável verdade.

“Lembra se havia algum homem em particular que a desejava?”, perguntou.

Solal deu o sorriso. Tinha apenas dois dentes na maxilar inferior.

“Sim. Havia um.”

“Quem?”

“Eu nunca soube o nome dele. Um grandalhão: vi ele do lado de fora da casa umas três ou quatro vezes. Mas só de sentir o cheiro dele você já pensava que —”

Fez uma careta inconfundível que implicava que o homem era homossexual. As sobrancelhas arqueadas e os lábios em bico faziam-no parecer duplamente ridículo atrás dos óculos grossos.

“Cheirava mal?”

“Ah, sim.”

“A quê?”

“Perfume, Lewis. Perfume.”

Em algum lugar de Paris havia um homem que conhecia a garota que Phillipe amava. A raiva ciumenta tomou conta dele. Em uma crise de fúria incontrolável, ele invadiu o apartamento de Phillipe e massacrou a garota. Estava bem claro.

Em algum lugar de Paris.

“Outro conhaque?”

Solal balançou a cabeça.

“Já estou enjoado”, disse.

Lewis chamou o garçom do outro lado, e ao fazer isso seu olho avistou um monte de recortes de jornais presos por alfinetes atrás do bar.

Solal seguiu o seu olhar.

“Phillipe: ele gostava dessas fotos”, disse.

Lewis se levantou.

“Às vezes ele vinha aqui para vê-las.”

Os recortes estavam velhos, manchados e apagados. Presumia-se que alguns eram de interesse puramente local. Relatos de uma bola de fogo vista em uma rua próxima. Outro sobre um garoto de 2 anos que morreu queimado no berço. Um a respeito de um puma que fugiu; outro, um manuscrito não publicado de Rimbaud; um terceiro (acompanhado por uma fotografia) detalhava fatalidades em um acidente de avião no aeroporto de Orleans. Mas havia outros recortes também; uns mais antigos que outros. Atrocidades, assassinatos bizarros, estupros rituais, uma propaganda de *Fantomas*, outra de *La Belle et La Bête*, de Cocteau. E quase soterrado por esse emaranhado de bizarrices, havia uma fotografia em sépia tão absurda que poderia vir da mão de Max Ernst. Um semicírculo de cavalheiros bem-vestidos, muitos portando bigodes espessos, populares na última década do século XIX, estavam agrupados em torno do corpanzil vasto e ensanguentado de um primata, que estava suspenso pelos pés em um poste. Os rostos da imagem tinham expressões de orgulho mudo; uma autoridade absoluta sobre a fera morta, que Lewis logo reconheceu como um gorila. Sua cabeça invertida tinha uma inclinação quase nobre na morte. A testa estava funda e dividida, a mandíbula, embora destroçada por um ferimento horroroso, estava finamente barbeada, como um patrício, e os olhos, virados na cabeça, pareciam bastante preocupados com este mundo impiedoso. Lembraram Lewis, esses olhos virados, da Fuinha em sua toca, batendo no peito.

"*Le coeur humain*."

Deplorável.

"O que é isso?", perguntou ao barman cheio de acnes, apontando para a foto do gorila morto.

Ele respondeu dando de ombros: indiferente ao destino de homens e macacos.

"Quem sabe?", disse Solal às suas costas. "Quem sabe?"

• • •

Não era o macaco do conto de Poe, isso era certo. Aquele conto foi contado em 1835, e a fotografia era bem mais recente. Além disso, o macaco da foto era um gorila: claramente um gorila.

A história havia se repetido? Existiu outro macaco que, embora de uma espécie diferente, havia sido solto nas ruas de Paris na virada do século?

E, em caso afirmativo, se a história do macaco podia se repetir uma vez… por que não duas?

Conforme Lewis caminhava pela noite congelante de volta ao apartamento do Quai de Bourbon, a imaginada repetição de eventos ficava mais atraente; e agora uma simetria ulterior se apresentava a ele. Seria possível que ele, o sobrinho-neto de C. Auguste Dupin, pudesse se envolver em outra perseguição, não muito diversa da primeira?

A chave para o quarto de Phillipe na Rue des Martyrs estava gelada na mão de Lewis, e embora já fosse bem depois de meia-noite, ele não conseguiu evitar desviar seu caminho na ponte e seguir até o Boulevard de Sebastopol, a oeste do Boulevard Bonne-Nouvelle, então ao norte de novo, em direção à Place Pigalle. Era uma marcha longa e exaustiva, mas ele sentia a necessidade de ar frio, para manter a mente livre de sentimentalismo. Levou uma hora e meia para alcançar a Rue des Martyrs.

Era noite de sábado, e ainda havia muito barulho em vários quartos. Lewis subiu os dois andares com o máximo de silêncio, sua presença abafada pela barulheira. A chave girou com facilidade e a porta se abriu.

Luzes da rua iluminavam o quarto. A cama, que dominava o espaço, estava vazia. Era de se presumir que as cobertas e os lençóis haviam sido levados para testes forenses. No escuro, a erupção de sangue no colchão tinha uma coloração de amoras. Fora isso, não havia mais nenhum indício de toda a violência que o quarto testemunhara.

Lewis levou o braço ao interruptor e mudou a posição. Nada aconteceu. Ele andou até o fundo do quarto e verificou o bocal de luz. A lâmpada estava destruída.

Chegou a pensar em se retirar, a deixar o quarto às escuras, e retornar pela manhã, quando houvesse menos sombras. Porém, depois de algum tempo debaixo da lâmpada quebrada, seus olhos começaram a penetrar a escuridão um pouco melhor, e ele passou a discernir a enorme forma de uma cômoda de teca ao longo da parede comprida. Com certeza seria questão de minutos até ele encontrar uma muda de roupas para Phillipe. De outro modo, teria de retornar no dia seguinte; outra longa jornada através da neve. Melhor fazer isso agora e poupar os ossos.

O quarto era grande, e a polícia havia deixado um caos. Lewis tropeçou e xingou ao atravessar até a cômoda, passando por cima de um abajur caído e de um vaso quebrado. No andar de baixo, uivos e gritos estridentes de uma festa bem avançada abafavam qualquer barulho que ele fazia. Era uma orgia ou uma briga? Pelo barulho, podia ser as duas coisas.

Ele lutou com a gaveta de cima da cômoda de teca, até que conseguiu abri-la, fuçando no fundo, atrás do mínimo essencial para o conforto de Phillipe: uma camisa limpa, um par de meias, lenços com iniciais belamente gravadas.

Espirrou. O clima gélido havia engrossado o catarro em seu peito e o muco nos seios do rosto. Com um lenço em mãos, assoou o nariz e liberou as narinas bloqueadas. Pela primeira vez sentiu o cheiro do quarto.

Um odor predominava, acima da umidade e dos vegetais podres. Perfume, um persistente cheiro de perfume.

Ele se virou para o quarto escurecido, escutando os ossos estalarem, e os olhos caíram na sombra atrás da cama. Uma sombra gigantesca, uma massa que crescia ao surgir à vista.

Era, viu de uma vez, o estranho da navalha. Ali estava: à espera.

A propósito, Lewis não ficou assustado.

“O que está fazendo?”, demandou, com uma voz forte e alta.

Ao emergir do esconderijo, o rosto do estranho foi até a luz aguada das ruas; um rosto largo, achatado e estriado. Os olhos eram fundos, mas sem malícia; e ele estava sorrindo, sorrindo com generosidade, para Lewis.

“Quem é você?”, perguntou Lewis mais uma vez.

O homem balançou a cabeça; balançou o corpo, na verdade, as mãos enluvadas gesticulando em volta da boca. Era mudo? O gesto da cabeça agora ficou mais violento, como se estivesse prestes a ter um ataque.

“Tudo bem com você?”

De repente a tremedeira passou e para a sua surpresa Lewis viu lágrimas, lágrimas grandes e xaroposas, se empoçarem nos olhos do estranho e escorrerem por suas bochechas grosseiras e na moita da barba.

Como que envergonhado da exibição de sentimentos, o homem se virou da luz, fazendo um barulho grosso de soluço na garganta, e saiu. Lewis o seguiu, mais curioso a respeito desse estranho do que nervoso com suas intenções.

“Espere!”

O homem já estava na metade da primeira leva de escadas, ágil, apesar da corpulência.

“Por favor, espere, quero falar com você”, começou Lewis, descendo as escadas atrás dele, mas a perseguição já estava perdida antes de começar. As juntas de Lewis estavam rígidas com a idade e o frio, e estava tarde. Não era hora de correr atrás de um homem bem mais jovem, ao longo de um

pavimento que se torna letal com o gelo e a neve. Ele perseguiu o estranho até a porta e então o observou descer a rua correndo; seu caminhado era afetado, como dissera Catherine. Quase um bamboleio, ridículo em um homem tão grande.

O cheiro de perfume já havia sido levado pelo vento do nordeste. Sem fôlego, Lewis subiu as escadas de novo, passou pelo barulho da festa, a fim de separar uma muda de roupas para Phillipe.

• • •

No dia seguinte, Paris despertou com uma nevasca de ferocidade sem precedentes. Os chamados às missas não obtiveram resposta, os croissants quentes de domingo não foram comprados, os jornais ficaram sem ser lidos nas bancas. Poucas pessoas tinham coragem ou motivo para sair e adentrar o vento ululante. Sentavam-se diante das lareiras, abraçados aos joelhos, e sonhavam com a primavera.

Catherine desejava visitar Phillipe na prisão, mas Lewis insistiu em ir sozinho. Não foi apenas o clima frio que o fez ter cuidado com ela; tinha palavras difíceis para dizer a Phillipe, perguntas delicadas a fazer. Após o encontro da noite anterior no quarto dele, não tinha dúvidas de que Phillipe tinha um rival, talvez um rival assassino. O único modo de salvar a vida de Phillipe, parecia, era rastreando o homem. E se isso significasse meter o bedelho nos arranjos sexuais de Phillipe, que seja. Mas não era uma conversa que ele, ou Phillipe, desejaria ter na presença de Catherine.

As roupas limpas que Lewis levou foram revistadas e depois entregues a Phillipe, que as pegou com um aceno de gratidão.

“Ontem à noite fui à sua casa pegar isso para você.”

“Ah.”

“Já havia alguém no quarto.”

O músculo da mandíbula de Phillipe começou a bater, pois ele rangeu os dentes. Estava evitando os olhos de Lewis.

“Um homem grande de barba. Conhece, ou *sabe* quem é?”

“Não.”

“Phillipe —”

“*Não!*”

“O mesmo homem atacou Catherine”, disse Lewis.

“O quê?”, Phillipe começou a tremer.

“Com uma navalha.”

“Atacou?”, perguntou Phillipe. “Tem certeza?”

“Ou ia atacar.”

“Não! Ele jamais a tocaria. Jamais!”

“Quem é, Phillipe? Você conhece?”

“Fala para ela não ir lá de novo; por favor, Lewis —” Seus olhos imploravam. “Por favor, pelo amor de Deus, fala para ela nunca voltar lá. Vai fazer isso? Nem você.”

“Quem é?”

“*Fala para ela.*”

“Vou falar. Mas tem que me contar quem é esse homem, Phillipe.”

Ele balançou a cabeça, agora rangendo os dentes com barulho audível.

“Você não entenderia, Lewis. Eu não poderia esperar que entendesse.”

“Então me conte; quero ajudar.”

“Apenas me deixe morrer.”

“*Quem é ele?*”

“Apenas me deixe morrer… desejo esquecer, por que tenta me fazer lembrar? Desejo —”

Ele olhou para cima de novo: os olhos estavam injetados de sangue, e com a beira vermelha devido às noites de lágrimas. Mas agora parecia que não havia mais lágrimas nele; apenas um lugar árido onde houvera um medo da morte honesto, um amor pelo amor, um apetite pela vida. O que encontrou nos olhos de Lewis foi uma indiferença universal: à continuação, à autopreservação, ao sentimento.

“Ela era uma puta”, exclamou de repente. As mãos eram punhos. Lewis jamais vira Phillipe fazer um punho antes na vida. Agora as unhas se enfiaram na carne macia da palma até o sangue começar a fluir.

“Puta”, repetiu, a voz muito alta na cela pequena.

“Fala mais baixo!”, proferiu o guarda.

“Uma puta!” Dessa vez Phillipe chiou a acusação por entre dentes expostos como os de um babuíno raivoso.

Lewis não conseguia compreender a transformação.

“Você quem começou tudo isso —”, afirmou Phillipe, olhando direto para Lewis, encontrando seus olhos por inteiro pela primeira vez. Era uma acusação amargurada, embora Lewis não entendesse bem o significado.

“Eu?”

“Com suas histórias. Com seu maldito Dupin.”

“Dupin?”

“Tudo uma mentira: todas mentiras estúpidas. Mulheres, assassinato —”

“Fala do conto sobre a Rua Morgue?”

“Você tinha muito orgulho disso, não é? Todas essas mentiras estúpidas. Nada disso era verdade.”

“Era sim.”

“Não. Nunca foi, Lewis: era uma história, isso é tudo. Dupin, a Rua Morgue, os assassinatos…”

Sua voz desapareceu, como se as palavras seguintes fossem impronunciáveis.

“… o macaco.”

Essas eram as palavras: o aparentemente indizível foi dito, como se cada sílaba fosse arrancada de sua garganta.

“… o macaco.”

“O que tem o macaco?”

“São selvagens, Lewis. Alguns são deploráveis, uns animais de circo. Não têm cérebro; são vítimas natas. E tem mais.”

“Mais o quê?”

“*Natalie era uma puta!*”, gritou de novo, os olhos grandes como pires. Segurou as lapelas de Lewis e começou a chacoalhá-lo. Todos os outros na salinha se viraram para olhar os dois velhos que lutavam em cima da mesa. Os condenados e seus amores deram risos sarcásticos enquanto Phillipe era puxado por seu amigo, as palavras descendo até a incoerência e obscenidade, enquanto ele se debatia nas mãos do guarda.

“Puta! Puta! Puta!”, era tudo o que podia dizer enquanto era levado de volta à cela.

• • •

Catherine encontrou Lewis diante da porta do apartamento dela. Estava tremendo e lacrimosa. Atrás dela, o quarto estava destruído.

Ela choramingou contra o peito dele enquanto ele a reconfortava, mas ela estava inconsolável. Fazia muitos anos que ele não reconfortava uma mulher, e tinha perdido o jeito. Estava envergonhado, em vez de tranquilizador, e ela percebia isso. Ela se desvencilhou do seu abraço, mais feliz intocada.

“Ele esteve aqui”, disse ela.

Ele não precisou perguntar quem. O estranho, o lacrimoso estranho que empunhava a navalha.

“O que ele queria?”

“Ficou dizendo ‘Phillipe’ para mim. Quase dizendo; mais grunhindo do que dizendo; e como não respondi, ele apenas destruiu a mobília, os vasos. Ele nem estava procurando nada, só queria fazer baderna.”

Isso a deixava furiosa: a inutilidade do ataque.

O apartamento estava em ruínas. Lewis andou por entre os fragmentos de porcelana e tecido esfiapado, balançando a cabeça. Em sua mente havia uma confusão de rostos lacrimosos: Catherine, Phillipe, o estranho. Todos nesse mundo estreito, parecia, estavam machucados e arrasados. Todos estavam sofrendo; e ainda assim a fonte, o motivo do sofrimento, não podia ser encontrado em lugar algum.

Apenas Phillipe tinha apontado um dedo acusativo: para o próprio Lewis.

“Você quem começou tudo isso.” Não foram essas as palavras? “Você quem começou tudo isso.”

Mas como?

Lewis parou diante da janela. Três dos pequenos painéis haviam sido quebrados por estilhaços voadores, e uma ventania se insinuava para dentro do apartamento, com gelo em seus dentes. Ele olhou para o Sena, as águas espessas por causa do gelo; então um movimento fisgou o seu olho. Seu estômago revirou.

O rosto cheio do estranho se virou para a janela com a expressão selvagem. As roupas que sempre usava de forma tão impecável estavam desalinhadas, e o olhar em seu rosto era o de um desespero completo, completo, tão penoso que era quase trágico. Ou ainda, uma performance de tragédia: a dor de ator. Enquanto Lewis o encarava, o estranho ergueu os braços para a janela em um gesto que parecia implorar, seja pelo perdão ou por compreensão, ou ambos.

Lewis recuou do apelo. Era demais; demais para ele. No momento seguinte, o estranho atravessou o pátio, se afastando do apartamento. A caminhada afetada havia deteriorado a um trote rebolado. Lewis deu um gemido de reconhecimento longo e baixo, enquanto o corpanzil malvestido desaparecia de vista.

“Lewis?”

Não era a caminhada de um homem, aquele movimento rebolado, aquela presunção. Era o passo de um animal selvagem de pé, a quem fora ensinado a andar, e agora, sem o dono, perdia o jeito.

Era um macaco.

Meu Deus, meu Deus, era um macaco.

• • •

“Preciso ver Phillipe Laborteaux.”

“Desculpa, *Monsieur*; mas visitantes de prisão —”

“É uma questão de vida e morte, senhor.”

“É fácil dizer isso, *Monsieur”*

Lewis se arriscou a uma mentira.

“A irmã dele está morrendo. Imploro que tenha compaixão.”

“Oh… bem…”

Uma pequena dúvida. Lewis forçou um pouco mais.

“Apenas alguns minutos; acertar os arranjos.”

“Pode esperar até amanhã?”

“Ela estará morta pela manhã.”

Lewis odiava falar de Catherine desse jeito, mesmo com o propósito do engano, mas era necessário; precisava ver Phillipe. Se a sua teoria estivesse correta, a história poderia se repetir antes que a noite acabasse.

Phillipe foi desperto de um sono sedado. Seus olhos estavam circundados pela escuridão.

“O que você quer?”

Lewis sequer tentou prolongar a mentira, do jeito que Phillipe estava drogado, e talvez bastante confuso. Melhor confrontá-lo com a verdade, e ver o que saía dali.

“Você tinha um macaco, não é?”

Um olhar de terror cruzou o rosto de Phillipe, lento pelas drogas no sangue, mas pleno o suficiente.

“Não é?”

“Lewis…”, Phillipe parecia velhíssimo.

“Me responde, Phillipe, eu imploro; antes que seja tarde demais. Você tinha um macaco?”

“Foi um experimento, isso era tudo. Um experimento.”

“Por quê?”

“Suas histórias. Suas malditas histórias; eu queria ver se era verdade que eram selvagens. Queria torná-lo um homem.”

“Torná-lo um homem.”

“E aquela puta…”

“Natalie.”

“Ela o seduziu.”

Lewis sentiu enjoo. Era uma convolução que ele não havia antecipado.

“Seduziu?”

“Puta”, disse Phillipe, com pesar infinito.

“Onde está esse seu macaco?”

“Você vai matá-lo.”

“Ele invadiu o apartamento, enquanto Catherine estava lá. Destruiu tudo, Phillipe. Agora é perigoso e não tem nenhum dono. Está entendendo?”

“Catherine?”

“Está tudo bem com ela.”

“Ele é treinado, não a machucaria. Observava ela, escondido. Ia e vinha. Silencioso como um rato.”

“E a garota?”

“Ele ficou com ciúmes dela.”

“Por isso a matou?”

“Talvez. Não sei. Não quero pensar nisso.”

“Por que não contou isso a eles; para destruírem o bicho?”

“Não sei se é verdade. Talvez tudo não passe de uma ficção, uma de suas malditas ficções, apenas outra história.”

Um sorriso amargo e astuto perpassou seu rosto exausto.

“Você deve saber do que eu estou falando, Lewis. Podia ser uma história, não é? como os seus contos de Dupin. Só que talvez eu o tenha tornado real por um tempo; já pensou nisso? Talvez eu o tenha tornado real.”

Lewis se levantou. Era um debate cansado: realidade e ilusão. Seja o que fosse, ou não. Não era um sonho.

“Onde está o macaco?”, demandou.

Phillipe apontou para a têmpora.

“Aqui; onde você não pode encontrá-lo”, respondeu, e cuspiu no rosto de Lewis. O cuspe acertou o lábio, como um beijo.

“Você não entende o que fez. Nunca entenderá.”

Lewis esfregou o lábio e os guardas escoltaram o prisioneiro para fora da sala e de volta ao feliz esquecimento drogado. Agora tudo no que ele podia pensar, abandonado na gélida sala de visitas, era que tinha sido fácil para Phillipe. Havia se refugiado na pretensa culpa e se trancado longe de onde a memória, a vingança e a verdade, a verdade selvagem e larápia, jamais poderiam tocá-lo de novo. Odiou Phillipe aquele momento, com todo o coração. Odiou-o por ser diletante e covarde, como ele sempre soube. Não era um mundo mais gentil o que Phillipe criara em sua volta; era um refúgio,

uma mentira tão grande quanto aquele verão de 1937. Nenhuma vida poderia ser vivida sem um acerto de contas mais cedo ou mais tarde; e aqui estava ele.

Aquela noite, na segurança de sua cela, Phillipe despertou. Estava quente, mas ele estava frio. No breu completo, mastigou os próprios pulsos até que um jorro de sangue borbulhou em sua boca. Ficou deitado na cama, e no mais completo silêncio sangrou aos borbotões até morrer, fora de vista e inconsciente.

• • •

O suicídio foi mencionado em um pequeno artigo na segunda página do *Le Monde*. A grande notícia do dia seguinte, entretanto, foi o impressionante assassinato de uma prostituta ruiva na casinha da Rua de Rochechquant. Monique Zevaco foi encontrada às três da manhã pelo colega de apartamento, o corpo em um estado tão horrível que "desafiava a descrição".

Apesar da alegada impossibilidade da tarefa, a mídia produziu uma descrição do indescritível com uma disposição mórbida. Cada arranhão, corte ou perfuração no corpo parcialmente nu de Monique — tatuada, babava o *Le monde*, com um mapa da França — estava relatada em detalhes. Era fato a aparência do assassino, bem-vestido e demasiado perfumado, que pelo visto a observara por uma janelinha nos fundos fazendo a toalete, então invadiu e atacou a *mademoiselle* Zevaco no banheiro. O assassino fugiu pelas escadas, trombando com o colega de apartamento que minutos depois encontraria o corpo mutilado da *mademoiselle* Zevaco. Apenas um dos comentaristas fez alguma conexão entre o assassinato da Rue des Martyrs e o massacre da *mme*. Zevaco; e ele não percebeu a curiosa coincidência, que o acusado Phillipe Laborteaux tirara a própria vida na mesma noite.

• • •

O funeral ocorreu debaixo de uma tempestade, o cortejo seguindo pelas ruas abandonadas o seu penoso caminho em direção a Montparnasse com o açoite da neve tapando a rua inteira à frente. Lewis se sentou com Catherine e Jacques Solal enquanto eles punham Phillipe para descansar. Todos de seu círculo o abandonaram, indispostos a marcar presença no funeral de um suicida e suspeito de assassinato. A inteligência, a boa aparência e a infinita capacidade de encantar, no fim, não serviram para nada.

Ele não foi, afinal de contas, completamente ignorado por estranhos. Parados diante do túmulo, com o frio cortante, Solal ficou de lado para Lewis e o cutucou com o cotovelo.

“O quê?”

“Olha ali. Debaixo da árvore.” Solal acenou em direção às costas do padre que rezava.

O estranho estava de pé a alguma distância, quase oculto pelos mausoléus de mármore. Tinha um pesado cachecol preto envolto no rosto, e um chapéu de aba larga puxado sobre a testa, mas o porte era inconfundível. Catherine também viu. Ela estava tremendo, parada, envolta pelo abraço de Lewis, não apenas de frio, mas também de medo. Era como se a criatura fosse um anjo mórbido, vindo para flutuar um pouco, e desfrutar do luto. Era grotesco e estranho que essa criatura viesse observar Phillipe ser consignado à terra congelada. O que ela sentia? Angústia? Culpa?

Sim, sentia culpa?

Ele sabia que fora avistado, e virou as costas, bamboleando para longe. Sem uma palavra a Lewis, Jacques Solal escapuliu do funeral em perseguição. Em pouco tempo o estranho e o perseguidor foram apagados pela neve.

De volta ao Quai de Bourbon, Catherine e Lewis nada disseram a respeito do incidente. Uma espécie de barreira surgia entre eles, proibindo o contato em qualquer nível, além do mais trivial. Não havia propósito em análise, e nenhum em arrependimento. Phillipe estava morto. O passado, o passado deles juntos, estava morto. Esse capítulo final em suas vidas conjuntas azedou por completo tudo o que o precedeu, de modo que nenhuma memória compartilhada podia ser aproveitada sem que o prazer fosse destruído. Phillipe havia morrido de modo horrível, devorando a própria carne e sangue, talvez enlouquecido pelo conhecimento que tinha de sua culpa e depravação. Sem inocência, sem história de alegria que pudesse permanecer imaculado por esse fato. Em silêncio, eles lamentavam pela perda, não apenas de Phillipe, mas do próprio passado. Lewis compreendia agora a relutância de Phillipe em viver, quando existia tal perda no mundo.

Solal ligou. Sem fôlego após a perseguição, mas exaltado, falou com Lewis aos sussurros, bastante satisfeito com a empolgação.

“Estou na Gare du Nord, e descobri onde nosso amigo mora. Encontrei, Lewis!”

“Excelente. Estou indo agora. Encontro você na escada da Gare du Nord. Vou pegar um táxi: dez minutos.”

“Está no porão número dezesseis, Rue des Fleurs. Encontro você lá —”

“Não entre, Jacques. Espere por mim. Não —”

O telefone deu um clique e Solal se foi. Lewis pegou o casaco.

“Quem era?”

Ela perguntou, mas não queria saber. Lewis deu de ombros com o sobretudo e disse: “Ninguém. Não se preocupe. Não vou demorar”.

“Pegue o cachecol”, disse ela, sem olhar por cima do ombro.

“Sim. Obrigado.”

“Vai pegar uma friagem.”

Ele a deixou encarando o Sena revestido da noite, observando os pedaços de gelo dançarem juntos na água escura.

• • •

Quando ele chegou na casa da Rue des Fleurs, Solal não podia ser visto, mas pegadas recentes na neve fina iam até a porta da frente do número dezesseis e então, despistando, davam a volta na casa. Lewis as seguiu. Ao entrar pelo quintal atrás da casa, através de um portão decrépito que havia sido cruamente forçado por Solal, percebeu que estava sem uma arma. Melhor voltar, talvez, procurar um pé de cabra, uma faca; alguma coisa. Enquanto debatia consigo mesmo, a porta dos fundos se abriu, e o estranho apareceu, agora vestido em seu sobretudo familiar. Lewis se achatou contra a parede do quintal, onde as sombras estavam mais espessas, certo de que seria visto. Mas a fera estava ocupada com outras coisas. Ela ficou parada diante da porta com o rosto inteiro exposto, e pela primeira vez, no luar refletido da neve, Lewis podia ver a fisionomia da criatura com clareza. O rosto recém-barbeado; e o odor de colônia era forte, mesmo ao ar livre. A pele estava rosada como um pêssego, embora fendida em alguns lugares por uma lâmina descuidada. Lewis pensou na navalha aberta com que ele parecia ter ameaçado Catherine. Era isso o queria no quarto de Phillipe, roubar uma navalha boa? Estava pondo luvas nas mãos grandes e raspadas, fazendo pequenos ruídos de tosse com a garganta, que soavam quase como grunhidos de satisfação. Lewis teve a impressão de que ele estava se preparando para o mundo lá fora; e a visão era tão tocante quanto intimidante. Tudo o que essa coisa desejava era ser humano. Aspirava, ao próprio modo, o modelo que Phillipe lhe dera e estimulara. Agora, privado do mentor, confuso e infeliz, tentava encarar o

mundo como lhe fora ensinado. Não havia retorno para ele. Seus dias de inocência haviam se passado: jamais poderia voltar a ser uma fera sem ambições. Preso à nova persona, não tinha escolha, a não ser continuar na vida a que o dono despertara seu gosto. Sem olhar na direção de Lewis, com gentileza fechou a porta atrás de si e cruzou o quintal, o jeito de andar se transformando em poucos passos, do rebolado de um símio ao passo afetado que usava para simular a humanidade.

Então saiu.

Lewis esperou por um momento nas sombras, com respirações curtas. Cada osso de seu corpo doía com o frio, e os pés estavam entorpecidos. A fera não demonstrava sinais de retorno; então ele se aventurou a sair do esconderijo e tentou a porta. Não estava trancada. Ao dar um passo para dentro, um fedor o incomodou: o nauseabundo cheiro doce de frutas podres misturado com o de uma colônia enjoativa: o zoológico e o *boudoir*.

Ele desceu beirando uma leva de escadas viscosas, e percorreu um corredor curto, com azulejos, até uma porta. Ela também estava destrancada; e a lâmpada do lado de dentro iluminava uma cena bizarra.

No chão, um grande carpete puído que parecia persa; móveis esparsos; uma cama, mal revestida com cobertores e juta manchada; um guarda-roupa entupido de vestes grandes demais; frutas descartadas em abundância, algumas esmagadas no chão; um balde cheio de palha fedendo a excrementos. Na parede, um grande crucifixo. Na lareira, uma fotografia de Catherine, Lewis e Phillipe juntos em um passado ensolarado, sorrindo. Diante da pia, o kit de barbear da criatura. Sabão, pincel de barbear, navalha. Espuma recente. Na cômoda, uma pilha de dinheiro, deixada em uma abundância descuidada ao lado de uma pilha de seringas hipodérmicas e uma coleção de garrafinhas. Fazia calor no sótão da fera; talvez a fornalha da casa ardesse em algum porão adjacente. Solal não estava lá.

De repente, um barulho.

Lewis se virou para a porta, esperando que o macaco a preenchesse, dentes expostos, olhos demoníacos. Mas havia perdido toda a orientação; o barulho não era da porta, mas do guarda-roupa. Atrás da pilha de roupas havia um movimento.

“Solal?”

Metade de Jacques Solal caiu do guarda-roupa, se estirando no carpete persa. Seu rosto estava desfigurado por um ferimento violento, de modo que

era impossível encontrar qualquer parte de seus traços que ainda fosse de Jacques.

A criatura havia segurado o lábio dele e arrancado o músculo do osso como se estivesse removendo uma balaclava. Os dentes expostos rangiam em reação nervosa à morte iminente; os membros pendiam e balançavam. Mas Jacques já se fora. Essa tremedeira e agito não eram sinais de pensamento ou personalidade, apenas o barulho do falecimento. Lewis se ajoelhou ao lado de Solal; o estômago era forte. Durante a guerra, sendo um objetor consciencioso, havia se voluntariado para servir no Hospital Militar, e havia poucas transformações no corpo humano que ele jamais vira em uma combinação ou outra. Com ternura, aninhou o corpo sem perceber o sangue. Não gostava desse homem, mal se importava com ele, mas agora tudo o que queria era levá-lo embora, para fora da jaula do macaco, e encontrar um túmulo humano para Solal. Também levaria a fotografia. Isso era demais, dar à fera uma fotografia dos três amigos juntos. Isso o fez odiar Phillipe mais que tudo.

Arrastou o corpo para fora do carpete. Foi preciso um esforço pantagruélico, e o calor abafado do cômodo, após o frio do mundo externo, o entonteceu. Podia sentir um tremor de nervosismo nos membros. O corpo estava a ponto de traí-lo, sabia disso; prestes a entrar em crise, perder a coerência e colapsar.

Não aqui. Em nome de Deus, não aqui.

Talvez ele devesse ir embora logo e procurar um telefone. Seria inteligente. Ligar para a polícia, sim… ligar para Catherine, sim… até mesmo procurar alguém na casa para ajudá-lo. Mas isso significaria deixar Jacques no covil, para a fera atacar de novo, e ele se tornou estranhamente protetor do cadáver; não queria deixar aquilo só. Em uma angústia de sentimentos confusos, incapaz de deixar Jacques e incapaz de movê-lo para longe, ficou no meio do quarto e não fez nada. Isso foi o melhor; sim. Nada de nada. Cansado demais, fraco demais. Nada de nada era o melhor.

O devaneio prosseguiu de forma interminável; o velho se fixou além do movimento no ponto crucial de seus sentimentos, incapaz de avançar no futuro, ou de retornar ao passado maculado. Incapaz de lembrar. Incapaz de esquecer.

Esperando, em onírica semiconsciência, pelo fim do mundo.

A fera voltou para casa fazendo barulho, como um bêbado, e o som da abertura da porta externa agitou Lewis com uma reação lenta. Com alguma

dificuldade ele arrastou Jacques para dentro do guarda-roupa e se escondeu junto dele, com a cabeça sem rosto no colo.

Havia uma voz no quarto, uma voz de mulher. Talvez não fosse a fera, afinal. Mas não: pela rachadura do guarda-roupa Lewis pôde ver a fera, e uma jovem ruiva em sua companhia. Ela falava sem parar, a perpétua trivialidade de uma mente entorpecida.

“Você tem mais; oh, tem mais, meu doce, meu querido, que maravilha. Veja tudo isso.”

Ela estava com pílulas nas mãos e as engolia como doces, contente como uma criança no Natal.

“Onde conseguiu tudo isso? Certo, se não quiser me contar, por mim tudo bem.”

Isso também seria obra de Phillipe, ou o macaco havia roubado aquilo por motivos particulares? Ele sempre seduzia prostitutas ruivas com drogas?

A tagarelice irritante da jovem agora estava se acalmando, as pílulas começaram a fazer efeito, sedando-a, transportando-a para um mundo particular. Lewis observou, em transe, quando ela começou a se despir.

“Está tão… quente… aqui.”

O primata observava, de costas para Lewis. Que expressão seu rosto portava? Havia luxúria em seus olhos, ou dúvida?

Os peitos da garota eram belos, mas o corpo era magro demais. A pele jovem era branca, os mamilos da cor de flores rosa. Ela ergueu os braços acima da cabeça e ao se esticar os globos perfeitos subiram e se achataram de leve. O macaco levou a mão grande ao corpo dela e com ternura segurou um de seus mamilos, rolando-o entre os dedos de carne escura. A garota suspirou.

“Devo… tirar tudo?”

O primata grunhiu.

“Você não fala muito, não é?”

Ela rebolou para tirar a saia vermelha. Agora estava nua, exceto pela calcinha. Deitou-se na cama se esticando de novo, luxuriando-se em seu corpo e o bem-vindo calor do quarto, sem sequer se importar em olhar para o admirador.

Apertado debaixo do corpo de Solal, Lewis começou a entontecer de novo. Seus membros inferiores agora estavam adormecidos por completo, e ele não estava sentindo o braço direito, que estava pressionado contra as costas do guarda-roupa, e mesmo assim ele não ousava se mover. O macaco

era capaz de tudo, ele sabia disso. Se fosse descoberto, o que não poderia decidir fazer com ele e a jovem?

Cada parte de seu corpo agora estava ou sem nervos, ou sofrendo muita dor. Em seu colo, o corpo pingando de Solal parecia ficar mais pesado a cada momento. Sua espinha gritava, e a nuca o incomodava como se estivesse sendo perfurada por agulhas de costura quentes. A agonia ficava insuportável; ele começou a achar que morreria nesse esconderijo patético, enquanto o macaco fazia amor.

A garota gemeu, e Lewis olhou de novo para a cama. O macaco estava com a mão entre as pernas dela, e ela se contorcia sob suas administrações.

“Sim, oh, sim”, dizia ela de novo e de novo, enquanto o amante se despia por completo.

Era demais para ele. A tontura latejava no córtex de Lewis. Seria a morte? As luzes na cabeça, e o gemido nos ouvidos?

Fechou os olhos, tapando a visão dos amantes, mas incapaz de repelir o barulho. Parecia durar para sempre, invadindo sua cabeça. Suspiros, risadas, gritinhos.

Por fim, a escuridão.

• • •

Lewis despertou em um cabideiro invisível; seu corpo havia ficado troncho devido às limitações do esconderijo. Olhou para cima. A porta do guarda-roupa estava aberta e o macaco o encarava, a boca tentando sorrir. Estava nu; o corpo quase todo raspado. Na divisão do peitoral imenso reluzia um crucifixo de ouro. Lewis reconheceu a joia de imediato. Comprara para Phillipe na Champs-Élysées logo antes da guerra. Agora se aninhava naquele tufo de pelos alaranjados. A fera estendeu a mão para Lewis, e ele a segurou em um gesto automático. O aperto da palma grosseira o puxou de debaixo do corpo de Solal. Ele não conseguiu ficar ereto. As pernas eram borracha, os tornozelos não conseguiam dar suporte ao corpo. A fera o segurou e o firmou no chão. Com a cabeça girando, Lewis olhou para o guarda-roupa, onde Solal estava deitado, guardado como um bebê no útero, de face para a parede.

A fera fechou a porta com o cadáver, e ajudou Lewis a ir até a pia, onde ele vomitou.

“Phillipe?” Percebeu vagamente que a mulher ainda estava lá: na cama: acabava de despertar após uma noite de amor.

“Phillipe: quem é esse?” Ela tateou em busca de pílulas na mesa ao lado da cama. A fera atravessou o quarto e as arrancou das mãos dela.

“Ah… Phillipe… por favor. Quer que eu vá com esse também? Eu vou se você quiser. Só me devolve as pílulas.”

Ela gesticulou para Lewis.

“Em geral não vou com velhotes.”

O macaco grunhiu para ela. A expressão em seu rosto mudou, como se pela primeira vez ela percebesse quem era esse zé-ninguém. Mas o pensamento era difícil demais para sua mente drogada, e ela deixou passar.

“Por favor, Phillipe…”, choramingou.

Lewis estava olhando para o macaco. Havia tirado a foto da lareira. A unha escura estava na foto de Lewis. Estava sorrindo. Ele o reconheceu, embora quarenta e tantos anos lhe tenham drenado muita vida.

“Lewis”, disse, achando bem fácil pronunciar a palavra.

O velho não tinha nada na barriga para vomitar, e nenhum agravo a mais para sentir. Era o fim do século e ele devia estar preparado para qualquer coisa. Mesmo ser cumprimentado como um amigo de um amigo pela fera raspada que surgia em sua frente. Não o machucaria, ele sabia disso. Talvez Phillipe tenha comentado com o macaco sobre suas vidas juntos; fizera a criatura amar Catherine e ele tanto quanto ela adorava Phillipe.

“Lewis”, repetiu, e gesticulou para a mulher (agora sentada de pernas abertas na cama), se oferecendo ao prazer.

Lewis balançou a cabeça.

Dentro e fora, dentro e fora, parte ficção, parte fato.

Chegou a isso; oferecido a uma mulher humana por um macaco raspado. Era o último, se Deus quisesse, o derradeiro capítulo da ficção que seu tio-avô começara. Do amor ao assassinato, e de volta ao amor. O amor de um macaco por um homem. Ele havia causado aquilo, com seus sonhos de heróis ficcionais, fundamentado na razão absoluta. Havia influenciado Phillipe a tornar reais as histórias de uma juventude perdida. A culpa *era* dele. Não desse pobre macaco empertigado, perdido entre a selva e a Bolsa de Valores; nem de Phillipe, desejando ser jovem para sempre; e com certeza não era da fria Catherine, que depois dessa noite ficaria completamente sozinha. Era dele. Dele o crime, dele a culpa, dele a punição.

As pernas haviam recuperado um pouco da sensação, e ele começou a cambalear até a porta.

“Não vai ficar?”, perguntou a ruiva.

“Essa coisa…”, ele não conseguia falar o nome do animal.

“Você se refere a Phillipe?”

“Não se chama Phillipe”, respondeu Lewis. “Nem é humano.”

“Que seja”, disse ela, e dando de ombros.

Às suas costas, o macaco falou, pronunciando o seu nome. Mas agora, em vez de sair como um grunhido, seu palato símio captou a inflexão de Phillipe com uma precisão enervante, melhor que o mais habilidoso dos papagaios. Era a voz de Phillipe, e era perfeita.

“Lewis”, falou.

Sem apelo. Sem demanda. Apenas o nome, pelo prazer de dizer o nome, um igual.

• • •

Os passantes que viram o velho subir no parapeito da Pont du Carrousel observaram, mas não fizeram nenhuma tentativa de evitar que ele pulasse. Ele hesitou por um momento ao se firmar, então encarou a agitada mistura de água com gelo.

Apenas duas pessoas atravessaram a ponte para ver se a corrente o pegara: pegara. Ele subiu à superfície, o rosto branco-azulado e pálido como o de um bebê, então um redemoinho intricado fisgou os seus pés e o puxou para baixo. A água espessa se fechou sobre sua cabeça e rodopiou.

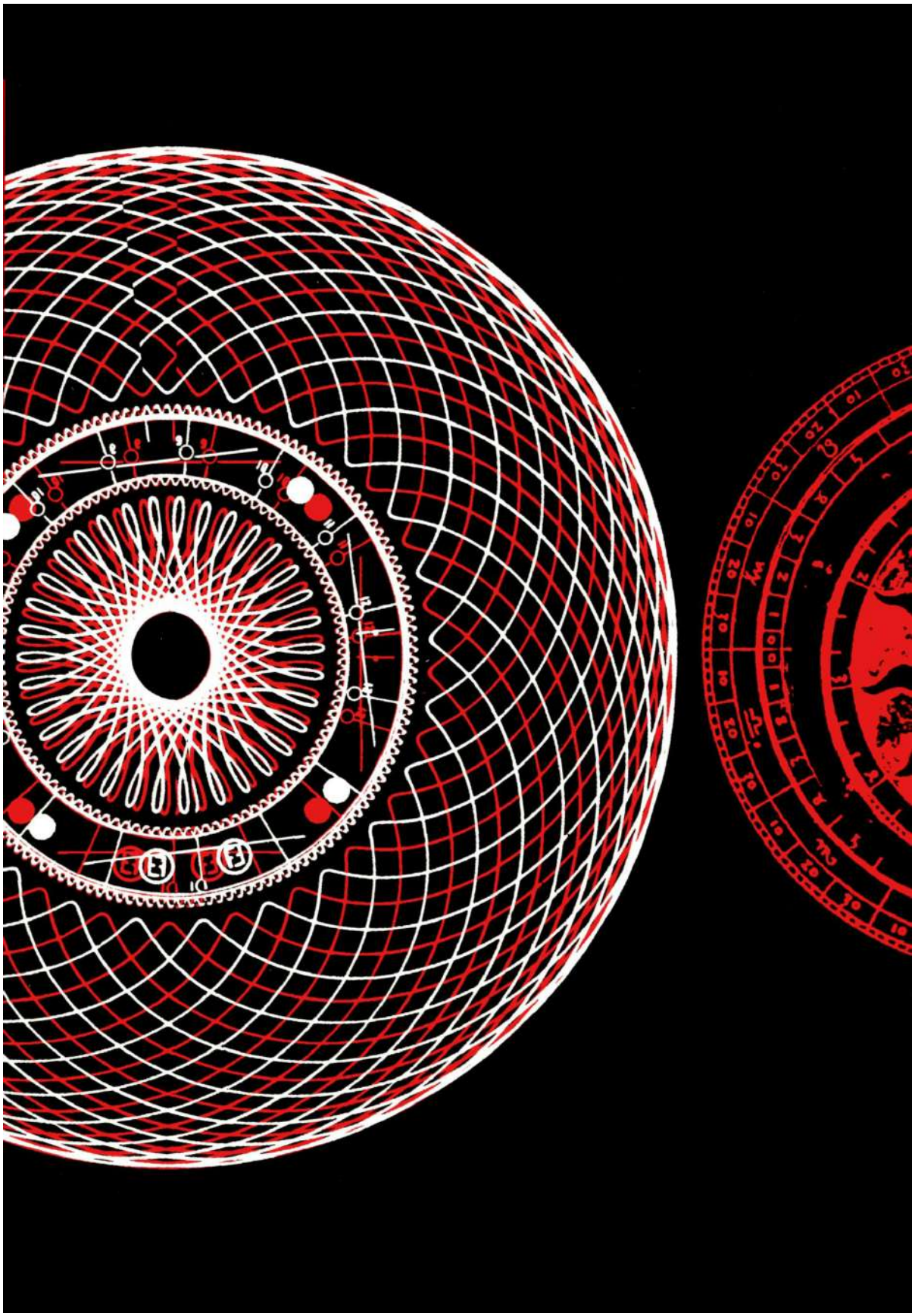
“O que foi isso?”, alguém perguntou.

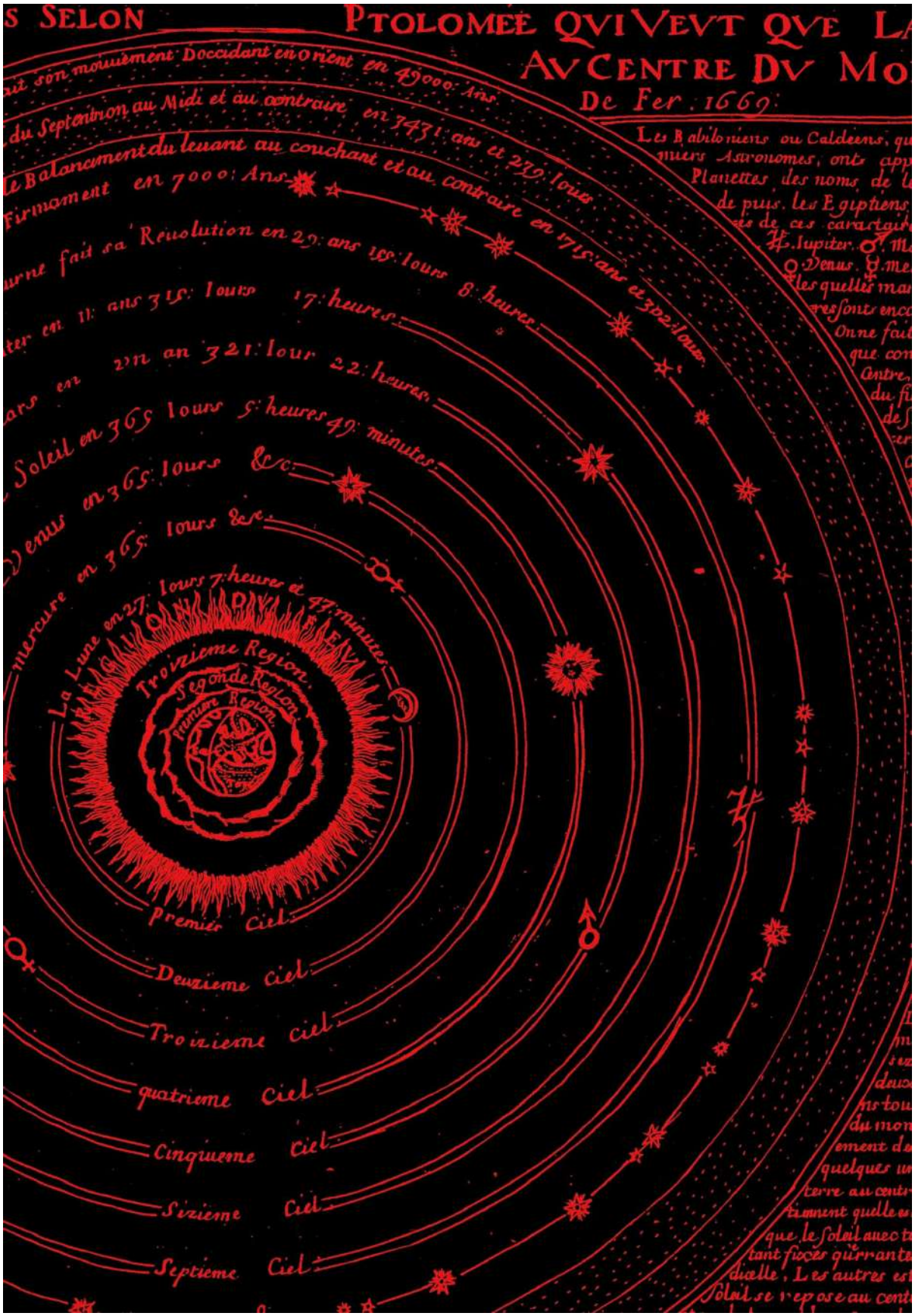
“Quem sabe?”

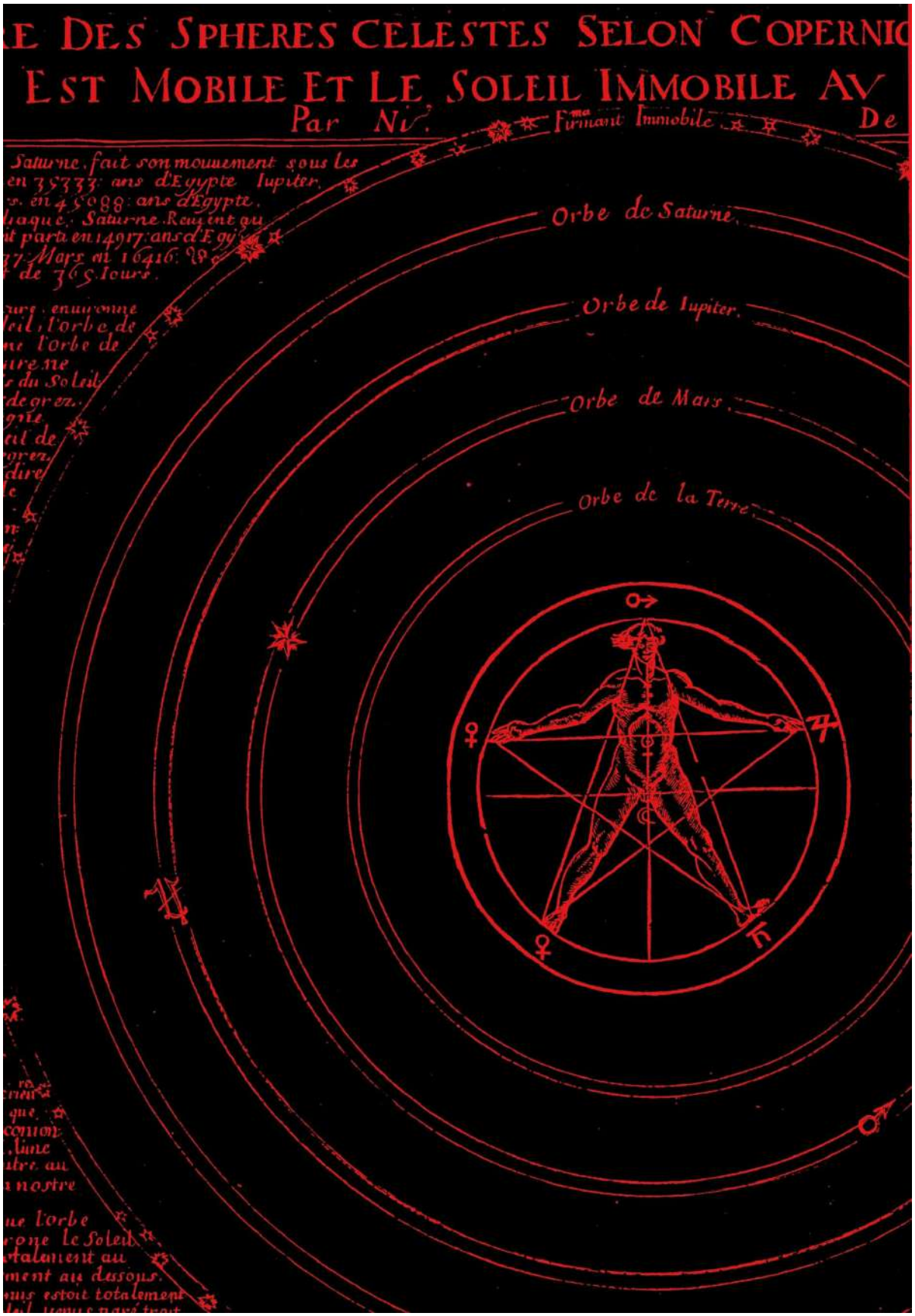
Era um dia de céu claro; o último em que a neve de inverno havia caído, e o degelo começaria por volta de meio-dia. Pássaros, exultantes no sol súbito, arremetiam acima da Sacré Coeur. Paris começou a se despir para a primavera, seu branco virginal estava muito deteriorado para ficar vestido por muito tempo.

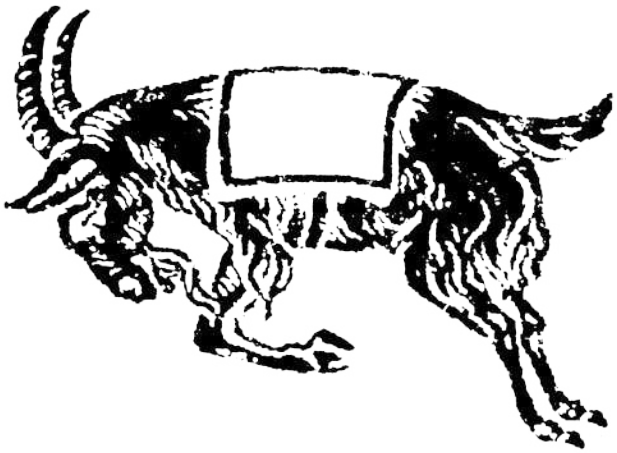
No meio da manhã, uma jovem ruiva, com o braço enlaçado no de um homem grande e feio, passeava com prazer pelos degraus da Sacré Coeur. O sol os abençoava. Sinos tocavam.

Era um novo dia.




S SELON PTOLOMEE QVI VEVT QVE LA
AV CENTRE DV MO
De Fer. 1669.
Les Babiloniens ou Caldeens, qu
nuers Astronomes, ont app
Planettes des noms de l
de puis. les Egiptiens
es de ces caractair
Iupiter.
Venus.
les quelles ma
resont enc
Onne fai
que con
Antre,
du fi
de S
uit son mouuement Doccidant en Orient en 49000. Ans
du Septentrion au Midi et au contraire en 7431. an et 272. Iours
le Balancement du leuant au couchant et au contraire en 1715. ans et 302. Iours
Firmament en 7000. Ans
urne fait sa Reuolution en 29. ans 168. Iours 8. heures
ter en 11. ans 315. Iours 17. heures
ars en 2m an 321. Iour 22. heures
Soleil en 365 Iours 5. heures 49. minutes
Venus en 365. Iours &c.
Mercure en 365. Iours &c.
La Lune en 27. Iours 7. heures et 43. minutes
Troizieme Region.
Segonde Region.
Premier Region.
Premier Ciel.
Deuzieme Ciel.
Troizieme Ciel.
quatrieme Ciel.
Cinquieme Ciel.
Sizieme Ciel.
Septieme Ciel.


E DES SPHERES CELESTES SELON COPERNIC
EST MOBILE ET LE SOLEIL IMMOBILE AV
Par Ni.
Firmant Immobile
De
Saturne, fait son mouuement sous les
en 35333: ans d'Egypte Iupiter.
s. en 45088: ans d'Egypte.
liaque. Saturne Reuient au
it parti en 14917: ans d'Egy
37: Mars en 16416: &c
de 365. Iours.
Orbe de Saturne.
Orbe de Iupiter.
Orbe de Mars.
Orbe de la Terre.



Conhecemos o poder de um sonho compartilhado.

Ele se torna real quando começa a viver dentro de cada um, quando começa a tomar conta da mente e do coração. Para além da beleza extraordinária que se derrama das palavras de Barker, existe a admiração por cada ser mágico que doou sua energia e talento para tornar o novo capítulo desta história possível. Nosso agradecimento a todos que fizeram parte desta conquista.

A família Macabra agradece especialmente aos fiéis que celebram essa jornada intensamente e, com os corações em sintonia, mantêm abertos os portais para os inimagináveis prazeres do horror. É com vocês que queremos dividir a colheita sempre.

FAMÍLIA MACABRA
colheita de inverno • 2021

CLIVE BARKER é um artista de inúmeras capacidades e talentos indomáveis. O escritor, cineasta, roteirista, ator, produtor de cinema, artista plástico e dramaturgo, nascido cm 1952 cm Liverpool, gosta de viver de sua imaginação e é uma joia rara no horror. Clive Barker se tornou mundialmente conhecido na década de 1980. com sua coletânea de histórias curtas e impactantes. *Livros de Sangue*. A antologia macabra e brutal o estabeleceu como um escritor consagrado do gênero. Seus personagens saíram das linhas perturbadoras de seus contos para protagonizar histórias em quadrinhos e jogos de computador, além de filmes agora clássicos como *Hellraiser*, *O Mistério de Candyman* e *O Último Trem*. Parte fundamental de seu trabalho, as pinturas e ilustrações de Barker transmitem sua energia, poder e caos, e já foram exibidas em galerias de arte, nas capas e no interior de seus próprios livros. O mestre do horror visceral tem uma escrita peculiar, provocante, muitas vezes poética, mesmo (e principalmente) quando ele nos apresenta vivissecções, torturas e desmembramentos. Sua vasta produção é fonte de pesquisa para autores, dramaturgos, cineastas, músicos e artistas plásticos que se dispõem a mergulhar nas águas escurecidas e sangrentas do horror. Saiba mais em **clivebarker.info**

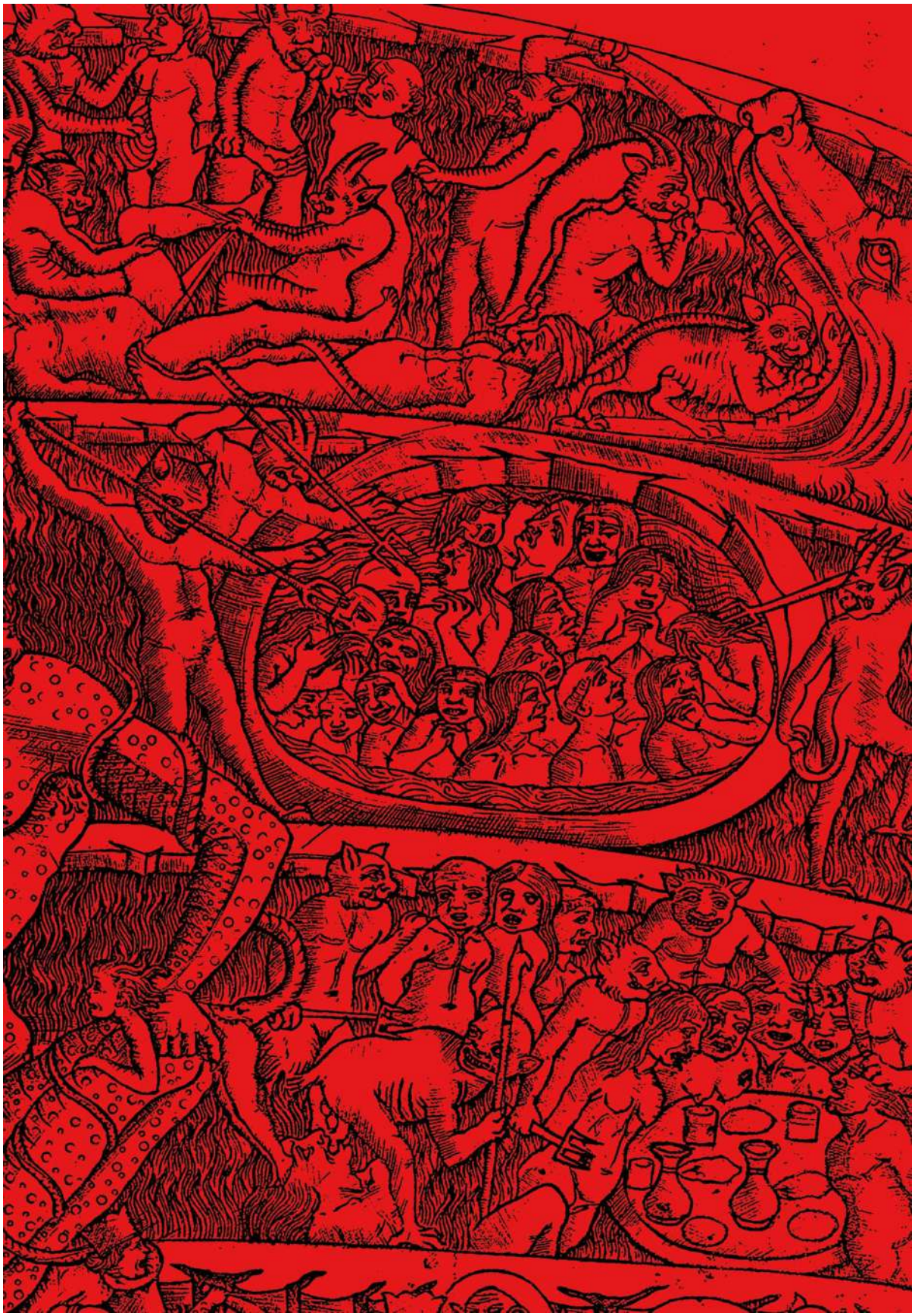
Não tomaremos a terra de ninguém,
faremos desta terra o sonho de todos.

MACABRA™

DARKSIDE

FEAR IS NATURAL © MACABRA.TV

DARKSIDEBOOKS.COM



1. O poema aqui citado na verdade se chama *Kubla Khan*. Trata-se de um notório poema inconcluso do britânico Samuel Taylor Coleridge (1792–1834). Reza a lenda que o poeta o sonhou em sua integridade, porém não o concluiu por ter sido interrompido quando o colocava no papel. [Nota do Tradutor]

2. Salmos, 23,4.

3. Dante Alighieri: “Inferno”, Canto 34.

1. Os contos aqui mencionados foram publicados em *Edgar Allan Poe: Medo Clássico V. I* (trad. Marcia Heloisa). Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017. Confira também: *Edgar Allan Poe: Medo Clássico V. 2* (trad. Marcia Heloisa). Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018. [Nota da Fazenda Macabra]

2. O coração humano, que mistério, não é?